

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTU SENSU* EM EDUCAÇÃO NIVEL DE
MESTRADO/PPGEFB
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

**SANTO ANTONIO DO SUDOESTE NO BRASIL E SAN ANTONIO NA ARGENTINA:
IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÕES**

MARILCE AUXILIADORA MARI

Francisco Beltrão – PR

2016

MARILCE AUXILIADORA MARI

**SANTO ANTONIO DO SUDOESTE NO BRASIL E SAN ANTONIO NA ARGENTINA:
IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÕES**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação – nível de Mestrado – Área de concentração: Educação, Linha de Pesquisa – Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, como requisito parcial para a defesa da dissertação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Sônia Maria dos Santos Marques.

Francisco Beltrão – PR

2016

Catálogo na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Unioeste

Mari, Marilce Auxiliadora
M332s Santo Antonio do Sudoeste no Brasil e San Antonio na
Argentina: identidade e identificações. / Marilce Auxiliadora
Mari. – Francisco Beltrão, 2016.
117 f.

Orientador: Prof. Dr. Sônia Maria dos Santos Marques.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade
Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão,
2016.

1. Identidade. 2. Memória. 3. Fronteiras. I. Marques, Sônia
Maria dos Santos. II. Título.

CDD 20. ed. – 302.5

Sandra Regina Mendonça CRB – 9/1090

FOLHA DE APROVAÇÃO

Marilce Auxiliadora Mari

**TÍTULO DO TRABALHO: SANTO ANTÔNIO DO SUDOESTE NO BRASIL E
SAN ANTONIO NA ARGENTINA: IDENTIDADE E IDENTIFICAÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Mestrado, Área de Concentração: Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestra em Educação a autora.

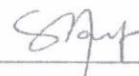
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio Marcos Myskiw
UFFS – Campus de Realeza



Profª. Drª. Yoianda Zancanella
UNIOESTE - Campus de Francisco Beltrão



Profª. Drª. Sônia Maria dos Santos Marques
(Orientadora) PPGEFB/UNIOESTE – Francisco Beltrão

Pai! Mãe!

Ficarei obrigada a vocês pelo resto de meus dias por terem ensinado, do jeito que só vocês poderiam ter me ensinado a ser,

L

I

V

R

E

à

Denis Rafael Scobar

Nathan Gustavo Mari da Silva

Sumaya Rafaella Mari Kern da Silva,

De quem os frutos são risos de criança, nuvens sonhadoras, lua e sol. Meus ainda, pequenos e adoráveis, que deixaram em minha memória de mãe e “titia” as “ranhuras” mais felizes de meu espírito.

Aos queridos que se “embrenharam” junto comigo de uma forma ou outra, pelo caminho pedregoso do mestrado. O meu profundo agradecimento.

“A sola do pé conhece toda a poeira da estrada” (Provérbio africano)

Apesar de não querer que outras “solas” de pés se misturassem à poeira dos meus, foi impossível caminhar pelos caminhos do mestrado sem me apoiar nos corações abertos de meus familiares e nas mãos estendidas de meus amigos verdadeiros.

“E aprendi que se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas, é tão bonito quando a gente entende, que a gente é tanta gente, onde quer que a gente vá. É tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho, por mais que pense estar...” (Caminhos do Coração – Gonzaguinha)

As palavras do Gonzaguinha traduzem o que sinto por vocês.

Abele Marcos Casarotto, professor querido, que a partir de sua orientação no Projeto de Iniciação Científica da UNOESC, aprendi a gostar da memória e a conhecer a “minha gente”.
Ana Maria Bonk e Cleusa Todescatto, pelo incentivo e insistência em que eu as acompanhasse, no caminho da pesquisa e do conhecimento.

Brenda de Barros Cogo, nossa pequena “olheira”, que caçava borboletas nos “piques” e batia fotos quando fosse necessário.

Claudia Cristina Lanzarini, por ter compartilhado inúmeros “pensares” e muitas xícaras de café e me dito “está quase no fim...”

Einetes Spada, pelos cafés em redor da mesa nos entardeceres, nas discussões da literatura e da memória.

Gerson Witte, por seus desenhos em sala de aula, que me ajudaram a pensar no tema da pesquisa com um olhar menos frio e positivista.

Idene Mari, minha irmã querida, que em suas ponderações nos domingos na hora do mate me ajudou a ser menos dispersa.

Jocelei Fiorentin, por ter aprendido com você o significado da palavra “enfrentamento”.

José Neri Dias, pelas poesias que me enviava sobre o rio, as curvas da estrada do Lageado Grande, os peixes, e a menina de trança da Santa Cruz, para eu abstrair.

Liliana Martini Lenhardt, pelas vezes que você andou mais de 200 quilômetros para me fazer rir, “charlar”, ler meu texto e grifá-lo em verde para sinalizar que eu deveria continuar a pensar nos meus escritos e reformulá-los.

Olavo Antonio Mari, “meu porto seguro”, irmão, além do sangue, das idéias e da sensibilidade, quantas e quantas vezes resolveu meus problemas sem ao menos eu pedir.

Rejane Barros, que literalmente botou o pé na estrada e me acompanhou em entrevistas, na beira do Rio Santo Antonio e no meio dos “piques”.

A Professora Doutora **Sonia Maria dos Santos Marques**, minha orientadora, exemplo de profissional, pela confiança e incentivo em não me deixar desistir. Quando eu “crescer” quero ser igual a você.

Aos professores que aceitaram compor a banca de qualificação e de defesa da dissertação, por suas valiosas e significativas sugestões. **Professor Antonio Marcos Myskiw**, (UFFS), e as Professoras Doutoradas **Vanessa Fontana** e **Yolanda Zancanella** (UNIOESTE).

Aos colegas do Mestrado em Educação, pelo companheirismo e amizade.

Aos funcionários da UNIOESTE de Francisco Beltrão, especialmente a **Zelinda Corrêa** pela paciência, dedicação e amizade.

Com vocês queridos, compartilho a alegria da experiência desta investigação e “Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saberás pelo menos de onde vens”. (Provérbio africano).

Muito obrigada!

Aos entrevistados para esta investigação, os fronteiriços que doaram seu tempo, suas lembranças, para que este trabalho pudesse transitar e dialogar entre o passado e o presente, entre os feitos de outrora e as lembranças que pairam sobre a fronteira entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, minha gratidão e amizade.

A poeira do pátio da casa de vocês permanecerá grudada na sola de meus pés para sempre.

Adelia Schwinguel

Anderson Borba

Elizandro Marcos Pellin

José Espínola

Juan Manuel Benitez

Laura Josefa Montenegro

Miguel Manoel Benitez

Paulo Ricardo dos Santos

Todos vocês me disseram palavras que entranharam minha memória: “ser fronterizo es hermoso, es conocer gente igual que uno, y tan distinta”, e também: “ ser fronteiriço é uma condição de quem aqui vive, portanto “hay que vivirlo”.

MARI, Marilce Auxiliadora. **Memória e identidade: Santo Antonio do Sudoeste no Brasil e San Antonio na Argentina: Identidade e Identificações.** 2016. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Francisco Beltrão-PR, 2016.

RESUMO: Ao percorrer o caminho da investigação para a produção da dissertação, interagi com os entrevistados e populares que narraram os fatos vividos, as experiências vivenciadas no dia a dia da fronteira geográfica entre as duas localidades, bem como identificaram os locais de encontro entre os fronteiriços, no ir e vir na fronteira de Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio. A dissertação dialoga com os seguintes autores, Bhabha (1998, 2003), Baumann (1998), Burke (2003), Camblong (2006), Certeau (2007, 2011, 2013), Fiorin (2001) Hall (2000, 2003, 2006), Maffesoli (2004), entre outros. Para o desenvolvimento da investigação, elegi o seguinte problema de pesquisa: Como acontece o processo de identidade e identificação entre os fronteiriços residentes em Santo Antonio do Sudoeste no Brasil e San Antonio na Argentina? A partir do problema elaborei os seguintes objetivos: a) Investigar os processos de identidade e identificação dos sujeitos que vivem na fronteira de Santo Antonio do Sudoeste-Brasil e San Antonio-Argentina. b) Registrar a memória dos sujeitos fronteiriços identificando suas narrativas e socialidades. c) Identificar formas de interação experimentadas pelos sujeitos que circulam na fronteira do lócus da pesquisa e seus processos de construção da memória e identidade. d) Compreender os aspectos educativos/formativos que se estabelecem entre os sujeitos fronteiriços nos processos de construção da identidade. Para responder aos questionamentos da investigação foram usadas as entrevistas narrativas, a partir da alocação a ser formulada “ser fronteiriço é...”, o registro fotográfico e as anotações no diário de campo. No término da escrituração deste trabalho, concluí que o local pesquisado é um espaço social formativo, em que os argentinos e brasileiros estabelecem trocas no cotidiano. A identidade se (re) afirma nas diferenças culturais dos sujeitos fronteiriços. A memória toma o papel de mediadora entre o passado e o presente que aflora nas narrativas dos entrevistados que apresentam traços de hibridismo na linguagem e nas interações sociais próprias deste local de fronteira.

Palavras-Chave: Identidade. Fronteira. Hibridismo Cultural. Memória.

MARI, Marilce Auxiliadora. **Santo Antonio do Sudoeste en el Brasil y San Antonio en la Argentina: Identidade e Identificaciones**. 2016. 117 hojas. Disertación (Maestría) – Programa de Pos-Graduación en Educación, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Francisco Beltrão-PR, 2016.

RESUMEN: Al hacer el recorrido del camino investigativo para la producción de la disertación, he interactuado con los entrevistados y populares que narraron los hechos vividos, las experiencias vivenciadas en el día a día de la frontera geográfica entre las dos localidades, bien como identificaron los locales de encuentro entre los fronterizos, en el ir y venir en la frontera de Santo Antonio do Sudoeste y San Antonio y dialoga con los siguientes autores, Bhabha (1998, 2003), Baumann (1998), Burke (2003), Camblong (2006), Certeau (2007, 2011, 2013), Fiorin (2001) Hall (2000, 2003, 2006), Maffesoli (2004), entre otros. Para el desenvolvimiento de la investigación, elegí el siguiente problema de pesquisa: ¿Cómo ocurre el proceso de identidad e identificación entre los fronterizos residentes en Santo Antonio do Sudoeste en el Brasil y San Antonio en la Argentina? A partir del problema escogí los siguientes objetivos: a) Investigar los procesos de identidad e identificación de los sujetos que viven en la frontera de Santo Antonio do Sudoeste-Brasil y San Antonio-Argentina. b) Registrar la memoria de los sujetos fronterizos identificando sus narrativas y socialidades. c) Identificar formas de interacción experimentadas por los sujetos que circulan en la frontera en el locus de la pesquisa y sus procesos de construcción de la memoria e identidad. d) Comprender los aspectos educativos/formativos que se establecen entre los sujetos fronteirizos en los procesos de construcción de la identidad. Para responder a los cuestionamientos de la investigación fueron usadas las entrevistas narrativas, a partir de la alocución a ser formulada “ser fronterizo es...” , el registro fotográfico y los apuntes en el diario de campo. En el término de la escrituración de este trabajo, concluí que el local pesquisado es un espacio social formativo, en que los argentinos y brasileños establecen cambios en el cotidiano. La identidad se (re) afirma en las diferencias culturales de los sujetos fronteirizos. La memoria toma el papel de mediadora entre el pasado y el presente que aflora en las narrativas de los entrevistados que presentan riesgos de hibridismo en el lenguaje y en las interacciones sociales propias de este local de frontera.

Palabras-Clave: Identidad. Frontera. Hibridismo Cultural. Memoria.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Piques entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio.....	46
Mapa 2. Demarcação da Fronteira geográfica entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio...	91

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Pique no Bairro Princesa Isabel em Santo Antonio do Sudoeste em direção a San Antonio.....	27
Fotografia 2: Túmulo do Tenente Antenor Augusto Araújo às margens do Rio Santo Antonio no território brasileiro.....	35
Fotografia 3: Grupo Cavaleiros da Fronteira.....	40
Fotografia 4: Marco limítrofe entre o território brasileiro e argentino.....	43
Fotografia 5: Imagem de Santo Antonio no morro do Bairro Novo Horizonte.....	62
Fotografia 6: Passo dos chibos, atualmente denominado Passo da São José.....	68
Fotografia 7: Árvore denominada Peroba na margem do rio Santo Antonio em território Argentino.....	73
Fotografia 08: A depoente Adelia Schwingel ao demonstrar como se maquiava quando era jovem.....	78
Fotografia 09: Pinguela sobre o Rio Santo Antonio/Pique em território argentino.....	88
Fotografia 10: Apresentação dos discentes da escola de San Antonio- Dia da Amizade.....	99

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Logomarca escolhida pela equipe do Comitê de Fronteira.....98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
PIQUE UM: VASCULHANDO A IDENTIDADE NA FRONTEIRA: O ATO DE EDUCAR. VIDAS E ENCONTROS.....	26
1.1 Quem somos? histórias e narrativas.....	28
1.2 Somos desse jeito só nosso: aquém, entre, ou além da fronteira	36
1.3 Bilingüismo fronteiriço: portunhol e/ou herança dos pais e avós.....	48
1.4 Como nos constituímos fronteiriços?	58
PIQUE DOIS - IR e VIR: OS ELOS DA MEMÓRIA.....	67
2.1 Os resquícios do vivido: um olhar sobre o que ficou para trás	68
2.2 As marcas do vivido: experiências e temporalidades.....	72
2.3 Chibo, chibear, chibeio, chibeaba, chibeando. Verbo? Trabalho de subsistência ou prática cultural?	80
2.4 Os piques: caminhos e descaminhos dos chibeiros. Na intersecção de dois mundos, um terceiro.....	87
PIQUE TRÊS – HIBRIDISMO E FRONTEIRA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS	110

INTRODUÇÃO

Habitar esta zona fronteiriça é conviver em um local, em que o movimento de ir e vir entre cidadãos argentinos e brasileiros torna-se parte do cotidiano desta fronteira. Ter crescido no município de Santo Antonio do Sudoeste, me permitiu estar nesta condição singular: a de ser fronteiriça. Tal situação foi percebida, à medida que os contatos sociais próprios deste lugar se estabeleceram e como, a partir destas relações fui chamada a refletir e pensar sobre tal questão. Outro fator determinante para tal apreensão foi a participação na pesquisa de iniciação científica na graduação do Curso de Letras da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), em que investiguei a passagem da Coluna Prestes por Dioniso Cerqueira, estado de Santa Catarina, e Barracão e Santo Antonio do Sudoeste, no estado do Paraná.

A investigação me instigou a continuar as leituras e a pesquisar a memória e a cultura entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, bem como a publicar três livros.¹

Percebi por meio dos autores como Ecléa Bosi (1998), Jaques Le Goff (1992) e Marilena de Souza Chauí (2000), a possibilidade de aprofundar os estudos sobre a vida dos fronteiriços, suas relações, cotidianidade, e vivências. No Programa de Mestrado em Educação da UNIOESTE dei prosseguimento às ideias iniciais.

Para dar a conhecer o campo de pesquisa, convém fazer breve apresentação do lócus da investigação. O município de Santo Antonio do Sudoeste está localizado no Extremo Sudoeste do Paraná, o qual faz divisa com San Antonio, localizado no Extremo Leste da Argentina.

As localidades co-irmãs têm o Rio Santo Antonio como limiar de marcação que separa (ou une) os dois municípios. Conforme Mari (2002, p. 38) este foi navegável desde o ano de 1759, conforme Ata de Inauguração do Peperi-Guaçu, atual cidade de Dionísio Cerqueira, (SC). Tal rio baliza a vida entre as duas localidades e, por vezes é considerado limite entre as duas nacionalidades.

Desta forma, no passo fronteiriço oficial, a transposição é feita, tanto de um lado, quanto do outro, através de uma ponte de concreto. Nos outros pontos de locomoção entre o território fronteiriço de um município e outro, os habitantes das duas localidades, usam com frequência os piques para transpor o rio. É possível encontrar dezenas deles, que são estreitas passagens abertas na mata fechada, ou na mata rala, ou apenas no gramado que é o caso dos piques que estão localizados próximos aos bairros em que a mata, em ambos os lados, foi derrubada, restando apenas poucas árvores na beira do rio. Além desses, existem os piques mais largos em

¹ No Silêncio da Fronteira (2002), Por detrás das Sombras Longas e Confesiones de Amor (2011).

que passam caminhões, tratores, carroças, utilitários entre outros, porém estes não desembocam no Rio Santo Antonio, apenas avançam a cerca de arame farpado entre a linha de fronteira em ambos os lados.

Os piques formam um conjunto de trilhas, com uma infinidade de bifurcações como se fosse um mosaico, sem que se possa saber onde é o início e o fim de cada um. Para este trabalho investiguei apenas os principais, seis desses trajetos, são passagens por terra, os demais em número de sete, margeiam o Rio Santo Antonio. Todos eles demonstram as formas de apropriação mobilizadas cotidianamente pela população que vive nas duas localidades. Esses caminhos se interligam e desembocam nas margens do rio formando um desenho intrincado do limite entre os dois países. Nesse contexto, o sujeito fronteiriço se reconhece ao se perceber vivendo em uma posição geográfica confinante, mas também ao estar sujeito a contatos e influências que impactam a formação da identidade das pessoas que vivem nesta fronteira.

Assim, dentre os elementos que representam o universo fronteiriço, a língua portuguesa do Brasil e a língua espanhola da Argentina, apresentam novos contornos na sua construção, o hibridismo deixa de ser um conceito distante e ganha familiaridade na vida dos sujeitos que vivem ali. Neste ambiente, a maneira de vestir, os pratos que são elaborados para a alimentação, as bebidas ingeridas, a forma do falar, o sotaque, a mistura entre os idiomas, representam a identidade fronteiriça e “[...] adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD 2000, p. 5). A mescla das línguas, não resulta em um terceiro idioma, mas numa terceira linguagem, o portunhol, mistura de português com espanhol, e que a maioria dos fronteiriços pratica para dialogar, criar proximidade, para negociar e suprir necessidades práticas de sobrevivência, para demarcar trocas culturais e para experimentar a vida nas diferentes feições do afeto (no sentido do ser afetado por outrem, isto significa que o sentimento pode ser de atração ou repulsão), nas diversas situações e lugares em que as pessoas entram em interação tais como: postos de migração, nas escolas, e nas instituições dos poderes constituídos.

Desta forma, além do sentimento de proximidade em relação a essa identidade fronteiriça, também profissionalmente sou confrontada por essa percepção no espaço de trabalho, pois como docente do Instituto Superior Hernando Arias de Saavedra no curso de Profesorado en Portugués de San Antonio, tenho uma convivência quase diária e próxima dos alunos com os quais trabalho. Neste contexto, a identidade fronteiriça é cotidianamente discutida, seja de forma direta quando sou inquirida pelos alunos sobre a questão ou de maneira indireta quando essa identidade híbrida se mostra nas alocações dos alunos, nos textos que produzem, nas identidades que assumem ou rechaçam. Realizo tal atividade pelo quarto ano consecutivo, o que possibilitou conviver com as

peças da comunidade de San Antonio e por muitas vezes ter me sentido estrangeira, pela “tensão” criada pelos grupos em que participei. Em sala de aula, por vezes, os alunos diziam que sabiam falar o português e eu insistia em que usassem a norma culta e não as formas coloquiais. A propósito, a maior dificuldade encontrada ao trabalhar a língua portuguesa em San Antonio foi a crença entre os discentes que conheciam e falavam o português. Palavras como os verbos conjugados na primeira pessoa: por exemplo trabalhar, cantar, falar, eles substituíam pela terceira conjugação, deixando as palavras de certa forma grotescas, como “cantarim” “vinherim”, “disserim” ou então pronunciavam as palavras: trabaio ao invés de trabalho, iscuita e não escuta, entre tantas, o que criava um certo desconforto e desconfiança da parte dos alunos. Somente depois de muitas leituras, comparações, pesquisas em livros e internet perceberam que podiam acreditar na professora brasileira e o processo de ensino aprendizagem se tornou prazeroso para ambos.

Atravesso a ponte todas as semanas, como centenas de outras pessoas que por um motivo ou outro também o fazem. A ponte é um dos símbolos entre as duas localidades, através dela alcança-se outro território, um solo de mesmas características, mas de outra nacionalidade. É obra humana, construção que permite o acesso dos moradores a outro país. Transpô-la significa travessia, possibilidades de contatos entre vizinhos argentinos ou brasileiros.

Por ser um objeto significativo para os fronteiriços, fui buscar mais informações sobre a construção que liga as duas municipalidades. Procurei o antigo prefeito de Santo Antonio do Sudoeste, Pedro Dias Ortega, responsável pela sua construção no ano de 1984, o qual relatou:

A ponte foi construída para substituir outra de madeira que estava colocando os usuários em perigo, ela estava torta, a base de madeira já estava velha, não suportava mais o peso dos carros que passavam lá em cima. Naquela época passava até caminhão nela. A decisão de se construir outra ponte, foi decidido num asado² em San Antonio, durante uma partida de futebol entre brasileiros e argentinos, apesar de não lembrar a data, disse que era um amistoso em uma data importante, em que ele e o intendente Modesto Spinoza de San Antonio, verbalmente se comprometeram em construí-la (entrevista em 20/09/2015).

De acordo com o entrevistado, as vigas de concreto foram doadas pela administração de Santo Antonio do Sudoeste. O cimento para fazer a pavimentação, pela municipalidade de San Antonio, Argentina. A mão de obra foi de trabalhadores brasileiros e argentinos.

Fato curioso relatado por ele é que não licitaram a obra no Brasil, nem na Argentina. Após o término da construção, foram a Iguazú convidar o governador de Misiones, para inaugurar a ponte. O governador, disse que a ponte a qual se referiam não existia. Após convencido de que

² Asado: Carne assada no calor das brasas; o mesmo que churrasco na língua portuguesa.

ambos haviam coordenado a sua construção, o convite foi aceito e na data de 17/08/1984 inaugurou-se a ponte com 14,5 metros de comprimento e 14 metros de largura, com pequenos muros verticais de 0,80 centímetros nas laterais.

Finalizada a construção, as muretas sobre as laterais do rio foram pintadas. Nos 7,25 metros que supostamente pertence ao Brasil com as cores amarelo e verde. Na metade da ponte em que pertence à Argentina, em azul e branco, fazendo referência as cores das bandeiras nacionais. Na ocasião da inauguração estiveram presentes o governador do Paraná José Richa e o Governador de Misiones, Ricardo Arrechea.

Ao cruzar a ponte, em direção a San Antonio, por mais que a natureza seja a mesma e não há diferença entre as árvores e a grama que crescem nas duas barrancas do rio, ao transpô-la, percebo uma gama de elementos que sinalizam o território argentino, entre eles: o cheiro dos produtos a venda no comércio, as pessoas caminhando nas ruas com uma garrafa térmica embaixo do braço e a cuia do mate na mão, o uniforme dos funcionários da SENASA³, da Migração e da Gendarmería⁴, os quais são alguns elementos de identificação dos argentinos de San Antonio.

Em San Antonio, são muitos os sinais indicativos do que referimos anteriormente. Essa conexão pode ser percebida nos postes de luz de madeira, na fraca iluminação pública, nos quebra-molas côncavos, na aparência das casas. Na madeira que substitui as chapas de zinco e luminárias, utilizadas nas propagandas e indicações do comércio, nos pontos de referência de colégios e similares. Tais marcações são indícios das diferenças que se mostram nos artefatos utilizados e que permitem reconhecer o que é produzido por um ou outro país.

Ademais não é incomum para os brasileiros que frequentam San Antonio ouvir o som da cumbias propagada pela aparelhagem dos veículos, das casas, e dos pontos de comércio no final de tarde. Em outras ocasiões sentar num bar para tomar cerveja argentina, e ouvir música sertaneja brasileira, ou assistir partidas de futebol dos campeonatos brasileiros nas televisões ligadas no comércio argentino de San Antonio. Como é possível perceber há marcadores que indicam a diferença e da mesma forma indicações que ressaltam a justaposição em que ações são partilhadas pelos viventes das duas localidades.

³ SENASA: Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Agroalimentaria.

⁴ Gendarmería Nacional Argentina: Força de Segurança de natureza militar vinculada ao Ministério do Interior que atua no controle e defesa das fronteiras territoriais argentinas.

⁵ Cumbia: é a música típica nacional da Colômbia. De início, surgiu nos guetos das grandes cidades colombianas, sendo que até hoje é uma categoria popular da música. O ritmo se disseminou por todos ou quase todos os países falantes do castelhano na América Latina e, atualmente, é considerado um dos ritmos musicais mais populares na Argentina e em outros países vizinhos. A cumbia é um estilo de música tradicional da Colômbia e Panamá, e uma dança popular de distintos países latino-americanos.

Tais fatores fazem com que se perceba o quão artificial podem ser as fronteiras, visto que o por do sol por trás das araucárias parece conferir certa unidade ao caos linguístico e cultural que reconheço, que interponho questionamentos, que estranho e que sobretudo impulsiona a pesquisa para a dissertação.

No mesmo sentido, evoco as palavras de um dos entrevistados, Juan Benitez quando diz “[...] ser fronterizo es un sentimiento, un sentimiento muy especial porque sólo sabe quien vive en la frontera” (entrevista em 08/02/2015).

Se há diferenças, encontramos também semelhanças que para além do cumprimento um “hola que tal”, ou, um “oi tudo bem”, de sotaques misturados, escondem dores, angústias, problemas, alegrias. Por momentos também somos só proximidade, pois por vezes partilhamos os sonhos, a labuta diária, a fé, a desesperança, as histórias de vida distintas que aprendi ao escutar os meus alunos, histórias de vida de seres humanos, que desdenham da ideia de identidade nacional, fazendo ver homens, mulheres, crianças que, rasurando a identificação inventada, são tão somente pessoas em processo de inventar a própria existência.

Neste sentido, este sentimento me acompanha há muito tempo. Desde menina, meus irmãos sintonizavam as rádios argentinas para ouvir programas musicais com estilos que eu não sabia identificar. Às vezes o sinal da televisão captava imagens e falas no idioma espanhol, que eu achava difícil e não tinha vontade de aprender. Todos esses momentos constituem-se como arcabouço que, de alguma forma, constroem o processo de investigação atual.

Ao rememorar, consigo lembrar que, nas décadas de 1980, nos desfiles de 7 de Setembro, os alunos de San Antonio, acompanhados por seus professores, tomavam diversos quarteirões de pelotões enfileirados, vestidos com o guarda-pó branco, mesmo modelo que usam até hoje em San Antonio. Detalhe que me chamava a atenção, e que antepunha questionamentos que não eram respondidos. Não entendia o porquê de os estudantes argentinos não marcharem ao ritmo da batida dos tambores da banda de nossos colégios, ao contrário de nós que jamais podíamos errar ao bater o pé, junto ao som do bumbo. Hoje, ao fazer uma retrospectiva histórica vejo o quanto as ditaduras militares nos dois países foram ativas no processo de produção de identidades nacionais.

O fato de os estudantes argentinos não marcharem na batida dos tambores e caminhar em silêncio, com olhar grave, cabeça erguida, compenetrados, exibindo as bandeiras da pátria Argentina, denota que estudavam mais? Liam e se informavam mais do que os brasileiros? Sabiam que atrás do som dos tambores se escondia a sutil violência contra a liberdade de expressão dos cidadãos argentinos e brasileiros?

Fora isso, meu contato com os argentinos era pelos comentários que ouvia dos meus irmãos que iam jogar futebol em Villa Unión, Telina e San Antonio na Argentina. Com as balas de doce de leite quadradas que tinha uma vaquinha no papel que as enrolava, do óleo de cozinha da marca “Cocinero”, que admito não ter esquecido a cara do cheff na embalagem da lata verde até hoje.

Quando fui fazer a graduação em Letras na Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC, (curso iniciado em 2001), escolhi o curso devido a minha inclinação pela literatura. Ao me inserir no mundo da língua espanhola e das culturas dos hispanohablantes é que percebi que me reconhecia fronteira principalmente pelo idioma português entrecortado por expressões, palavras e nomes próprios pronunciados em língua castelhana. Tive a certeza que com os habitantes de Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio não cruzavam apenas a ponte sobre o rio, acompanhava-os também os costumes, a língua, sempre pronta a interpelar nos mais diferentes momentos e nas mais variadas formas. Portanto, vivi e vivo possibilidades de aprendizagem. Há aproximadamente três quilômetros de minha casa, fica San Antonio, e a trezentos metros em linha reta o Rio Santo Antonio, que divide o território brasileiro e argentino. Proximidades que aproveito no sentido de agregar conhecimento.

A convivência com amigos de San Antonio, as discussões sobre as produções dos desenhos e desing dos meus livros publicados, feitos por um artista plástico de San Antonio. As festas entre amigos que se dedicam às artes e a cultura após o dia de trabalho. Este ir e vir, as discussões fora e dentro da sala de aula sobre o bilinguismo fronteira e o modo peculiar de se viver na fronteira instigou a pesquisar a identidade cultural, o hibridismo, e a memória em Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, objeto deste estudo.

A partir da experiência de vivente na fronteira e da formação como pesquisadora é que esbocei os objetivos da investigação:

Objetivo Geral

- Investigar os processos de identidade e identificação no cotidiano dos sujeitos que vivem na fronteira de Santo Antonio do Sudoeste – Brasil e San Antonio – Argentina.

Objetivos Específicos

- Registrar a memória dos sujeitos fronteiriços identificando suas narrativas e socialidades;

- Identificar formas de interação experimentadas pelos sujeitos que circulam na fronteira e seus processos de construção da memória e identidade;
- Compreender os aspectos educativos/formativos que se estabelecem entre os sujeitos fronteiriços nos processos de construção da identidade.

É a partir deste cenário que se desenvolveu a pesquisa. Elaborei o seguinte problema para nortear o trabalho investigativo: Como acontece o processo de identidade e identificação entre os fronteiriços residentes em Santo Antonio do Sudoeste no Brasil e San Antonio na Argentina?

Para complementar o problema elaborei questões de pesquisa que podem ser expressas nos questionamentos:

- Como se constitui a identidade do sujeito fronteiriço?
- Há processos de hibridização nas construções identitárias dos fronteiriços? Como e em quais locais ocorre o hibridismo entre as duas localidades?
- A memória e a cultura influenciam na constituição do hibridismo na fronteira?

O movimento da população das duas localidades é dinâmico. A linguagem se mistura sem saber onde está o início ou o fim do processo. As relações comerciais são praticadas no cotidiano, tanto pela fronteira legal, quanto a ilegal.

Para desencadear a investigação, as escolhas metodológicas consistiram aportes da pesquisa qualitativa usando as seguintes formas de coleta de informações:

a) Entrevistas narrativas: As entrevistas são formas de compreender como os sujeitos lidam e analisam o cotidiano, que, para Certeau (1996, p. 31):

[...] o cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior". [...] "é uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada". [...] talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história "irracional", ou desta 'não história', o que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível.

Nesse sentido, selecionei as entrevistas narrativas por considerar que oferecem a possibilidade de livre manifestação do sujeito. Para tanto usei a locução "ser fronteiriço é...". Tal frase foi selecionada porque possibilitou que o sujeito construísse um argumento sobre sua condição de viver e ser da fronteira. Para Jovchelov e Bauer (2002, p. 93) "o sentido não está no fim da narrativa: ele permeia toda a história. Deste modo, compreender uma narrativa [...] é também reconhecer sua dimensão não cronológica expressa pelas funções e sentidos do enredo".

Após os sujeitos demonstrar término do relato, elaborei questões para esclarecer informações, especificar descrições de lugares, fatos e acontecimentos que não consegui

entender no momento inicial do depoimento. Tais questões estavam diretamente relacionadas com a fala dos sujeitos entrevistados de tal forma que não fiz, a priori um roteiro de entrevista, uma vez que as perguntas emergiram da fala dos entrevistados.

Na sequência descrevo um breve comentário do universo dos entrevistados para esta dissertação por ordem decrescente de idade:

1. Dona Adelia Schwingel, tem 76 anos, chegou em Santo Antonio do Sudoeste com seus pais ainda menina, no ano de 1946, com 7 anos. Foi parteira, dona de bodega. Ao falar comigo após as gravações, me disse que, “administrava um bordel, de classe, em que se faziam shows e só entrava gente descente,” local em que “arranjava” as amigas para as autoridades locais e as que vinham de fora a trabalho ou de passagem pela fronteira. Amiga da policia de San Antonio e de Santo Antonio do Sudoeste, frequentava o destacamento da polícia militar quando estavam instalados na atual Casa da Cultura. Assídua frequentadora das “bailantas” desta fronteira na época da colonização. Tinha amizade com os chibeiros que transitavam com o contrabando pelos piques, e às vezes pelo posto fiscal. Tem documentação argentina e brasileira. Casada com um proprietário de terras na Argentina, porém vivem na margem brasileira do Rio Santo Antonio.

2. Miguel Manuel Benitez tem 68 anos, vive em San Antonio desde o ano de 1969. Em sua entrevista disse que é professor aposentado do ensino primário, e que atualmente é professor de música da Escola Santa Cecilia mantida pela municipalidade de San Antonio, declarou ter sido Secretário da Cultura daquele município por dois mandatos. Se autominou incentivador da cultural regional, e contou que se apresentou por diversas vezes no Festival de Músicas Folclóricas de Oberá, Argentina. Também disse que quando tem oportunidade, se apresenta em encontros cívicos e culturais na Argentina e no Brasil com o grupo Los Benitez, formado por ele e seus filhos.

3. Paulo Ricardo dos Santos tem 45 anos, nasceu em Santo Antonio do Sudoeste, foi engraxate,⁶ quando criança. Quando jovem, borracheiro. Terminou o ensino fundamental com dificuldades. É um poeta popular e gosta de escrever sobre o amor, a natureza e os fatos interessantes acontecidos no meio em que vive. Seu último poema foi em homenagem a uma antiga casa de comércio, em que funcionava um armazém⁷ quando era criança. Filho de um patroleiro da Prefeitura Municipal de Santo Antonio do Sudoeste. Seu pai nasceu no ano de 1935, foi alfabetizado na única escola que existia naquela época nesta fronteira em San Antonio. O entrevistado disse que sempre viveu nas barrancas do Santo Antonio, pescando e caçando quando era menino. Pediu desculpas pela falta de modéstia, mas contou que tem orgulho de ser

⁶ Pessoa que engraxa, por ofício, calçados e peças de couro em geral; limpa-botas.

⁷ Depósito de mercadorias. Merceraria. Taberna.

um líder na comunidade, e um vencedor. Atualmente é um empresário no ramo de autopeças e pneus.

4. Elizandro Marcos Pellin tem 44 anos, nasceu em Santo Antonio do Sudoeste, filho de um comerciante que comprava os chibos que entravam no Brasil, quando moravam na costa do rio Santo Antonio na Linha São José. Se mudou com os pais quando tinha 10 anos para a cidade de Santo Antonio do Sudoeste, onde residiu até o término do ensino médio próximo a ponte que divide as duas localidades. Atualmente é advogado, divide o tempo entre Londrina um dos locais de trabalho e Santo Antonio do Sudoeste, semanalmente grava para posterior apresentação o programa Sons do Minuano pela Radio UEL, FM 107,9. Programa que segundo ele, faz um retrato da arte popular gaúcha em música, prosa e verso. Enquanto produtor e apresentador se autodefiniu como alguém que possui alma “gaúcha”. Disse que ao pé do rádio é possível saber sobre costumes, literatura, poesia e história como o Movimento Nativista que ganhou forças na década de 1970. É compositor de letras que fazem menção a história desta fronteira como “Chibeiro” e “Pinheiro do Passo”. É membro do Lions Clube de Santo Antonio do Sudoeste e criador de cavalos da raça Crioulo, na Linha São José, propriedade na qual passou a maior parte de sua infância.

5. Juan Manuel Benitez tem 44 anos, é professor da Escola Rural 898, Paraje Alegría, em meio período, e diretor da mesma escola em outro período, em San Antonio, Argentina. É concejal⁸ da municipalidade de San Antonio. Quando do início da pesquisa para a elaboração da dissertação ele era Presidente do Rotary Clube de Santo Antonio do Sudoeste, atualmente em uma visita a sua casa para colher mais dados sobre ele, me disse que sua função atual no Rotary Clube é Vice Governador. É casado com uma brasileira, reside com a mesma e o filho deles de 11 anos em Santo Antonio do Sudoeste. É músico e faz questão de cantar músicas folclóricas argentinas e música popular brasileira.

6. Anderson Borba me disse ter 35 anos. Nascido neste município. cursou o ensino médio no colégio de Santo Antonio do Sudoeste. Serviu o exército e tornou-se sargento. Abandonou a carreira militar após a morte de seu pai. Filho e neto de agricultores, os quais conforme depoimento disse que sempre “chibearam” produtos vindos da Argentina, como alternativa de subsistência familiar. Atualmente compra e vende gado no Brasil e na Argentina também.

7. Laura Josefa Montenegro tem 34 anos, veio de Posadas, capital da província de Misiones, Argentina, no ano de 2004, pois seu noivo com o qual se casou era de San Antonio. Trabalhou em 10 escolas rurais que estão dentro de uma Unidade de Gestão Local N^o 1 de San

⁸ Concejal: o mesmo que vereador, legislador municipal no Brasil.

Antonio. É Coordenadora Pedagógica do Instituto Superior Hernando Arias de Saavedra e estuda Letras na UNAM - Universidade Nacional de Misiones, na Argentina.

8. José Espínola tem 33 anos, nasceu na cidade de Pirané, província de Formosa, Argentina. Se formou gendarme no ano de 2011. Chegou em San Antonio para residir e trabalhar na Gendarmería Nacional Argentina na data de 05 de novembro de 2011. Estudou Técnico Superior em Administração de Empresas pelo Instituto Superior Hernando Arias de Saavedra em San Antonio. Foi meu aluno de língua portuguesa na mesma graduação.

Entre os entrevistados que ofereceram as informações para elaborar a investigação, dois possuem mais de 60 anos, os outros são adultos entre 30 a 50 anos de idade. Chama a atenção em suas entrevistas, a referência a memória familiar e social. Ao discutir o assunto Bosi (1998, p. 39), escreveu que: “a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento”. Na pesquisa, os “fragmentos”, sentimentos, palavras, informações memorialísticas, registradas nas entrevistas, referem-se a forma do viver dos sujeitos, que construíram a história e influenciaram o modo de viver fronteiriço.

b) Análise documental: A análise documental envolveu coletar documentos que indicassem as formas como as duas localidades registraram os momentos de interação. Isso significa que tal análise teve a função de compreender como as administrações municipais de Santo Antonio do Sudoeste e a Intendência de San Antonio ordenam as trocas culturais, qual o sentido que atribuem a estas dinâmicas e, o que é recorrente no processo de interação. Com essa coleta interessa identificar o que é assumido como elementos de identidade pelos dois locais.

Nesse aspecto os documentos centrais de análise foram as atas do Comitê de Fronteira, porque oferecem informações sobre as escolhas feitas pelos sujeitos que tem por meta demarcar a relação entre as duas municipalidades. Acredito que tais documentos oferecem aporte importante para a investigação.

c) Registro fotográfico: foi escolhido como uma forma de coletar informações, pois é sabido que as fotografias oferecem dados sobre ambiência, significado (os registros de imagens que os sujeitos guardam indicam escolhas sobre cenas de momentos em sua vida que considera dignos de registro) e forma como os sujeitos se relacionam com tais imagens. Dessa maneira, por meio das fotografias que compõe o acervo pessoal dos sujeitos entrevistados identifiquei indícios sobre a memória e a identidade assumida por tais pessoas. Procedi também o registro fotográfico elaborado por mim no qual registrei lugares de socialidades indicados pelos entrevistados. Neste sentido, é importante a contribuição de Kossoy (2001, p.45) quando afirma que “toda fotografia é

um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente”. Neste contexto, os registros fotográficos irão ampliar o conjunto das formas de coleta de dados que oferecerá condições de apreender o processo de hibridização sentida ou pensada pelos sujeitos.

Na escolha dos sujeitos da pesquisa selecionados para entrevista, considerei o potencial de informações sobre a temática da investigação: um trabalhador da Gendarmería Nacional Argentina, a coordenadora do curso superior de “Profesorado em Português”, um músico e professor aposentado, bem como de um boiadeiro que comercializa gado entre as duas localidades; além do que uma senhora ex-dona de um bordel, um poeta memorialístico, advogado, escritor e comunicador de rádio; o Vice-Governador do Rotary Clube que reside no Brasil, trabalha como professor e diretor de uma escola na Argentina, e é casado com uma brasileira, os quais tem um filho desse casamento.

As entrevistas foram gravadas e transcritas. Posteriormente, realizei leitura minuciosa para demarcar a análise e leitura da totalidade do material coletado. Desta forma, a partir da análise do material fiz esforço de compreender o problema de investigação.

Para assegurar os procedimentos que demarcam o cuidado com a ética na pesquisa, cada entrevistado assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, documento, a partir do qual autorizou o uso das imagens constantes no seu acervo pessoal, das fotografias produzidas pela pesquisadora e de suas narrativas com função acadêmica.

Para a apresentação dos capítulos, selecionei a alocação piques por entender que demarca não apenas as escolhas metodológicas como também a decisão de realçar a forma como os sujeitos se manifestam. Desta forma, como referi os piques são trajetos intrincados pelos quais os sujeitos circulam. Tal escolha, aponta também as características da tarefa investigativa: percorrer caminhos, identificar conceitos, dialogar com autores, circular em meio ao desconhecido e retirar desse processo, conhecimentos que permitam apreender o problema de investigação. Por conseguinte, com o uso desta metáfora na composição do trabalho quero demonstrar o significado que os piques têm para a compreensão das relações e das variadas formas de comunicação que se estabelecem entre aqueles que vivem na fronteira.

Neste contexto, convém lembrar que desde os tempos em que não havia fronteira demarcada, os piques eram utilizados para encurtar distâncias entre as duas margens do Rio Santo Antonio. Sobre a questão é expressiva a fala do professor Miguel Manoel Benitez, em seu depoimento, que os define assim: “pique, decimos nosotros, donde la gente pasa, no hay frontera, hay vecinos no más, pasan caminando, hacen las compras, vienen...” (entrevista em 16/05/2015).

Os piques continuam a ser usados diariamente para encurtar distâncias, para ampliar relações, para intercambiar mercadorias, para que as trocas culturais aconteçam. O rio permanece como um marco natural a partir do qual brasileiros e argentinos, dialogam.

É a partir desta percepção que organizo os capítulos a seguir: Pique Um: Vasculhando a Identidade na Fronteira: O ato de educar. Vidas e encontros. Trata da história do povoamento da região pesquisada, bem como a identidade, a cultura, seus elementos, o modo de viver do fronteiriço de se relacionar entre duas culturas. O Pique Dois: “Ir” e “Vir”: os elos da memória. Busquei, na memória dos entrevistados, a formação e características desta identidade fronteiriça. Já o Pique Três: Hibridismo e Fronteira: diálogos possíveis. Apresentei análise das relações de educação, organização e planejamento para o desenvolvimento da zona fronteiriça entre líderes políticos e comunitários de ambas as localidades.

PIQUE UM: VASCULHANDO A IDENTIDADE NA FRONTEIRA: O ATO DE EDUCAR. VIDAS E ENCONTROS

Na década de 1990, no Brasil e na América Latina, cresceu a importância dos componentes culturais. A cultura passou a ser destacada não apenas como modelos de expressão da vida em sociedade e um subproduto do âmbito social, mas como um exercício de atuação humana, espaço que constitui realidades e, portanto, lugar de disputas. Com isto a problemática com referência a cultura, e seus fundamentos abordaram temas como as diferenças de classe social, de etnias, de linguagem, políticas, físicas, sexuais, as relações e vínculos desiguais de poder, e o entrecruzamento de saberes.

Nesse contexto, é importante tecer relações entre identidade, cultura e educação, já que estão interligadas. Uma perpassa a outra, para versar sobre os sujeitos fronteiriços e suas relações na fronteira entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, nesse processo, há que se pensar o sujeito imbricado em contextos culturais próprios deste local, e que tem caráter educativo.

Para a discussão é significativo o debate sobre identidade, que para Hall (2006) pode se estabelecer a partir de três momentos: a do sujeito do iluminismo, do sujeito sociológico e do sujeito pós-moderno.

Conforme Hall (2006), o sujeito do iluminismo baseava-se na concepção de pessoa como um indivíduo centrado, unificado, dotado da capacidade da razão, de consciência, de ação. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. Já, em outra concepção, o sujeito sociológico, que compreende que o sujeito é constituído nas relações sociais. Assim, se evidencia a existência do pertencimento a grupos sociais, pela interação do indivíduo com a sociedade. E sobre o sujeito pós-moderno, o autor demarca a fragmentação visto que não se pensa um sujeito unificado, mas pela complexidade que o torna multifacetado tornando-se dividido, dúbio, sujeito que assume a incerteza como constitutiva do existir.

Tais apontamentos provocam questionamentos: ainda é possível ser uno? Em que tipo de relações acontecem as transformações de um sujeito para outro?

Do ponto de vista de Hall (2006) as identidades culturais, tornaram-se provisórias, variáveis e, de difícil compreensão. Neste sentido a identidade torna-se uma “celebração móvel”, (HALL, 1987) a que se forma e se transforma de maneira contínua em relação aos sistemas culturais e que podem ser considerados processos educativos.

A educação informal pode ser observada nas realizações do cotidiano, na forma como os sujeitos sentem o mundo e buscam entendimento das lógicas do dia a dia, ela forma o indivíduo a

partir da gama de informações de saberes na interação com o meio social em que vive e envolve o sujeito na aprendizagem não ciente.

A fronteira apresenta curiosidades, peculiaridades que encontrei em situações corriqueiras de trabalho. Uma das quais me deixou admirada e merece registro, foi o fato de em muitas ocasiões, terminar a luz durante as aulas junto a turma do Professorado em Português, na localidade de San Antonio e os alunos continuarem a participar, fazendo perguntas, contribuindo com exemplos, e em algumas vezes lendo com a luz do celular sobre os livros e apostilas. Diante disso penso que como e onde se vive, as circunstâncias também ensinam. Tais fatos reportam as palavras de Freire (2015, p. 44), “é uma pena que o caráter socializante da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, seja negligenciado”.

Entretanto, não só os livros ensinam, não só o ambiente escolar, mas “a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (FREIRE, 2015, p.45).

Na cultura, há concepções vistas explicitamente: a língua, o modo do vestir, os hábitos na alimentação e as religiões. Mas na cultura também há concepções implícitas, que não se podem ver. Por exemplo: a dor física, o dito e o não-dito, as crenças, as maneiras de comunicar-se, ou de entender tais códigos. Portanto, a identidade se constrói em determinado tempo e local. E, é elaborada no contato entre distintos segmentos sociais, com informações provenientes da globalização, dos modelos culturais eleitos pelos grupos e, pelas formas como relacionam com o mundo. As diferenças se insinuam ao observar as pessoas que vivem nas duas localidades, e que cruzam a fronteira geográfica. Nesse sentido, Martins (2009, p. 10) refere-se “ao modo de viver no limite, na fronteira, e às ambigüidades que dela decorrem”. Penso, qual é a historicidade dos sujeitos que transitam por esse “lugar”? Aparentemente, mesmo sendo vítimas de um sistema que as exclui, há contribuições por parte dessas pessoas anônimas, com o desenvolvimento do local? Qual é o comprometimento do poder público das duas localidades para com as pessoas que vivem no limiar da fronteira geográfica?

Fotografia 1: Pique no Bairro Princesa Isabel em Santo Antonio do Sudoeste em direção a San Antonio.



Fonte: Fotografia registrada por Marilce Auxiliadora Mari na data de 07/09/2014.

Yo no sé de donde soy, mi casa está en la frontera, y las fronteras se mueven, como las banderas [...] (DREXLER, 1999).

1.1 Quem somos? histórias e narrativas

O passado narrado é história na qual memória e linguagem e seus abundantes recursos justificam o que Stuart Hall chama de “narratização do eu” (2000, p. 109). As narrativas possibilitaram aos fronteiriços entrevistados ao menos, naquele curto espaço de tempo da entrevista, a produção e narratização de uma versão de si. No ato de fala, os sujeitos rememoram acontecimentos de sua vida e, neste processo, retornam há um tempo que não existe mais; reencontram um sujeito que já não é aquele do presente, por vezes estranham a versão de si encapsulada no passado. Neste sentido, as histórias narradas são criações, visto que o sujeito revisita sua história. As narrativas expressam as realizações do homem e estão imbricadas na cultura. Sobre a questão Geertz (2008, p. 4), afirma:

[...] O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir

expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação.

Se o homem é um ser que tece seu invólucro e vive a partir desta produção, de como e o porquê constrói sua “teia”, entende-se que os significados percorrem a linha do tempo vivido. Para Certeau (2011), olha-se para o passado a procura de algo do presente. A partir desta percepção há sempre limites no processo de conhecimento, daí o significado de compreender tal ação como um conjunto de procedimentos e um movimento de escrita (CERTEAU, 2008). Isto posto, pensar história para Certeau (2008, p. 66) implica coligar um “lugar social, práticas científicas e uma escrita”.

As afirmações anteriores demarcam a importância às relações entre identidade e cultura. Para Woodward (2000, p. 13) nas discussões sobre identidade é conveniente considerar:

1. Para compreendermos como a identidade funciona, precisamos conceituá-la e dividi-la [...]
2. Com frequência a identidade envolve reivindicações essencialistas [...] é vista como fixa e imutável [...]
3. Algumas vezes essas reivindicações estão baseadas na natureza; [...] mais frequentemente, entretanto, essas reivindicações estão baseadas em alguma versão essencialista da história e do passado [...]
4. A identidade é na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma marcação simbólica relativamente à outras identidades [...]
5. A identidade está vinculada também a condições sociais e materiais [...] Por exemplo, o cigarro marca distinções que estão presentes também nas relações sociais entre sérvios e croatas.
6. O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um é necessário para a construção e manutenção das identidades [...]
7. A conceitualização da identidade envolve o exame dos sistemas classificatórios que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas [...]
8. Algumas diferenças são marcadas, mas nesse processo algumas diferenças podem ser obscurecidas [...]
9. As identidades não são unificadas. Pode haver contradições no seu interior que têm que ser negociadas [...]
10. Precisamos, ainda, explicar por que as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas [...]

Ao observar os dez pontos identificados pela autora sobre o processo de identidade percebo a importância da conceitualização para compreender a densidade dessa ideia. Da mesma forma há uma advertência em relação a um processo de essencialização desta discussão e a fixidez que muitas vezes é associada a esse conceito. Nesse sentido, seria importante atentar aos processos de naturalização e compreensão histórica em que a noção de verdade aparece como imutável. Das questões apontadas podemos depreender que a identidade é relacional, pois a afirmação de quem somos depende das relações que se estabelecem com grupos de referência.

A partir de tais constatações podemos perceber que as posições de identidades que assumimos ou rejeitamos tem efeitos e concretude na vida dos sujeitos e isso pode influenciar no acesso a bens materiais e simbólicos para indivíduos, grupos e coletividade, o que, de alguma forma acaba por estabelecer os sistemas classificatórios a partir dos quais as relações sociais estão organizadas.

Nesse contexto, identidade e diferença estão intimamente relacionadas. Como podemos perceber as discussões propostas por Woodward (2000) oferecem aporte teórico significativo para compreensão do tema investigado.

A identidade, que está implícita na cultura, nesta zona de fronteira, se mostra no sentimento de pertencimento, nas práticas cotidianas, nas relações que se estabelecem entre as famílias que moram de um e outro lado do rio, nos vínculos e relações de parentesco, nas diferentes formas de socialidade que estabelecem.

É justamente em virtude dessa teia cultural que podemos reportar às palavras de Silva (2009, p. 82) quando diz que:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles” não são simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posição-de-sujeito fortemente marcados por relações de poder.

A identidade do fronteiriço se compõe neste liame entre identidade e memória. Para ampliar tal discussão, recorro a fala de um entrevistado. Ao sair da Escola de Música Santa Cecília, o professor Miguel Manoel Benitez, não satisfeito com o que havia relatado na gravação, enquanto descia vagarosamente a escada, assim se referiu sobre a história de um dos desbravadores desta região de fronteira.

Acá niña, hay muchas historias, lendas puede ser, mas existen, no. Cuando llegaron los paraguayos acá, Don Romero, tenía tres hijos, entonces como tendrían que nombrar las localidades, pusieron el nombre de sus hijos a las localidades y así quedó San Antonio y Santo Antonio, allá de la orilla del río. Una finca cerca de acá la nombraron Aurora, en homenaje a la hija del medio, y con el nombre de la otra bautizaron un pequeño agrupamiento de bugres con el nombre de Panchita, diminutivo de Pancha, o sea Francisca en portugués no. Hoy el municipio de Pranchita [...] (entrevista em 14/05/2015).

Como é possível perceber, para o entrevistado a origem dos nomes de San Antonio y Santo Antonio do Sudoeste é uma mescla entre história e ficção. Nesse sentido leio as palavras de Certeau (2011, p. 302) que escreve: “histórias diferentes - ”subsistem” - num mesmo lugar”. A lenda dos nomes, e a crença na história linear e escrita vão ao encontro do que reitera Certeau (2011, p. 303) “aqui passado e presente se movem no mesmo lugar”.

Nessa interface do tempo, é interessante observar que na citação do Sr. Benitez (entrevista em 16/05/2015) encontramos três palavras que asseguram que o português pouco conhecido até o ano de 1969 para o Maestro Benitez, atualmente está inserido em seu vocabulário. A conjunção “e” bem como o verbo ir, no pretérito perfeito “foi”, e o nome próprio Francisca, está interiorizado em seu inconsciente.

Se ele chegou em San Antonio na década de 1960, pergunto: quem são os sujeitos que vieram para a fronteira como a “frente da frente”? Dambros, (1997, p.16) corrobora tal ideia ao afirmar que:

Eram índios que não se deixavam submeter e que buscaram abrigo nessa Terra de Ninguém. Eram caboclos desempregados das Fazendas de gado da região dos campos de Palmas, Clevelândia, Campo-Erê, e Guarapuava. Eram argentinos que avançavam atrás da Erva Mate e Madeira, abundantes nas matas da região. Eram refugiados da Justiça do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Argentina que aqui podiam viver como foragidos da Lei, já que se tratava de uma região tida como de ninguém. Eram maragatos que depois da Revolução Federalista, aqui buscavam sossego. Eram desempregados Sem Terra da Ferrovia São Paulo_Rio Grande e derrotados da Guerra do Contestado a procura de espaço para sobreviver.

A partir da leitura do fragmento de texto depreende-se que no início do século passado, esta região fronteira não era habitada por homens que planejavam progredir e instalar-se nestes novos lugares ou almejando o progresso econômico. O interesse de quem aqui chegava era explorar as riquezas naturais, ou refugiar-se por motivos diversos nesta terra quase inóspita, com limites políticos fragilizados, como é possível perceber ao ler Scarabotto, (2007, p. 33) sobre a demarcação da fronteira entre Brasil e Argentina.

[...] Após análise dos argumentos, brasileiros e argentinos, o Presidente Grover Stephen Cleveland (EUA) apresentou a sentença favorável para o Brasil. Em outubro de 1898 é assinado um Tratado entre Brasil e Argentina, aceitando o veredicto. [...] Tendo sido delimitada a linha da fronteira, não significou a separação entre os habitantes. Relatos de pioneiros demonstram a existência de vínculos comuns entre brasileiros e argentinos permeados por trocas comerciais, intercâmbio cultural e uniões familiares, desde tempos remotos.

Posteriormente a tal fato, os registros escritos afirmam que no ano de 1925, começaram aparecer as primeiras famílias vindas do Rio Grande do Sul. Conforme Moraes (1974, p. 13) aqueles que chegaram foram “instalados na nova terra, passaram a desbravar mato, fazendo roça. Só havia a estrada principal e três casas de bugres nas imediações de suas moradas [...] próximo da República Argentina”.

O fragmento bem como relatos memorialísticos dos depoentes indicam que os sujeitos que deram continuidade à colonização após a frente exploratória ter se instalado na fronteira, interagiram em um meio quase hostil. Defenderam-se dos ataques de animais ferozes, revidaram as agressões de forasteiros e aventureiros, propuseram mudanças, cortaram mato, arrancaram grandes árvores, abriram estradas, cultivaram a terra e criaram animais, reinventaram maneiras de viver. Deram formas à região fronteira e, criaram, em nome do progresso das povoações, novas maneiras de organização, fazendo surgir Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio.

No Sudoeste do Paraná, no qual Santo Antonio do Sudoeste faz parte, na década de 1950, chegavam os agricultores de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Conforme as palavras dos entrevistados Adelia Schwingel (entrevista em 17/04/2015) e Miguel Manoel Benitez (entrevista em 16/05/2015), as terras férteis e a riqueza natural do sudoeste do Paraná, despertou o interesse dos agricultores gaúchos e catarinenses e também das companhias colonizadoras.

Corroborando as palavras proferidas pelos entrevistados Bonamigo e Schneider (2007, p. 50) afirmam que:

A entrada da Clevelândia Industrial Territorial Ltda (CITLA) no Sudoeste Paranaense, ocorreu quando José Rupp vendeu todos os seus direitos sobre as glebas a esta Companhia, em 1950. A CITLA quando adquiriu a Gleba Missões, tinha como objetivo econômico a industrialização dos pinheiros existentes e a colonização, pelo elemento sulista, como objetivo secundário. [...] grande parte da área estava ocupada pelos colonos que a estavam desmatando.

Na memória dos populares de Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, estão vivas as recordações de acontecimentos que envolveram parentes, amigos, vizinhos desta zona fronteira, o que denota que a identidade tem uma relação intrínseca com a memória e a socialidade.

Ainda segundo comentários dos depoentes, Adelia Schwingel e Miguel Manoel Benitez, em Santo Antonio do Sudoeste, instalou-se o quartel general dos jagunços das colonizadoras, o que gerou perseguições aos agricultores, e vice-versa. Tal fato é ratificado nas pesquisas de Bonamigo e Schneider (2007, p. 60):

[...] o objetivo era por fora de ação o gerente da Apucarana de Capanema, Arlindo Silva. Isso foi realizado em setembro de 1957, numa emboscada armada na localidade de Lajeado Grande. Esse foi o grande aviso dos colonos às Companhias; seus elementos retiraram-se de Capanema, transformando Santo Antonio do Sudoeste em acampamento de jagunço.

De acordo com as narrativas, o êxodo dos agricultores que atravessaram a fronteira foi intenso rumo a San Antonio. Levavam alguns pertences, abandonavam as casas e as propriedades em busca de segurança.

Ao ouvir os relatos sobre a Revolta dos Posseiros, lembrei-me do que li há alguns anos atrás no Jornal de Beltrão em um artigo com a seguinte manchete: “O Cruzeiro Chega a Capanema”. Nele leem-se informações relativas à Revolta de 1957, sendo que abaixo da foto em que o repórter conversa com uma família de posseiros, está escrito o seguinte: “1.200 brasileiros atravessaram a fronteira de Santo Antonio (Brasil) para San Antonio (Argentina). O coronel Alcebíades foi convidá-los a regressar” (JORNAL DE BELTRÃO, 2007, p. 5).

Tal ponderação juntamente com as falas dos entrevistados, faz-me pensar que registrar os comentários, ouvir e conferir legitimidade à memória latente sobre tais fatos é criar imagens que podem ilustrar a convivência entre os argentinos e brasileiros, nesta zona fronteiriça. Como é possível perceber, o fragmento da reportagem do jornal apresenta dois elementos partilhados pelos sujeitos das duas localidades: a relação de proximidade e o hibridismo. Supostamente o hibridismo se fez aqui, não só em época de paz, mas também em épocas conturbadas.

Exemplifico com o depoimento do entrevistado Anderson Borba que disse ter ouvido de muitos moradores de Santo Antonio do Sudoeste bem como de San Antonio, que viviam nesta fronteira na época da Revolta dos Colonos que sucedeu a passagem de inúmeros brasileiros que abandonaram suas casas os quais levavam trouxas de roupas, panelas, e alguns alimentos enrolados em lençóis e cobertores e cruzavam o rio Santo Antonio em busca de abrigo e segurança junto às famílias argentinas (entrevista em 24/03/2015).

Ainda referindo-se a Revolta dos Posseiros, conforme a senhora Adélia Schwingel contou em tom irônico “até o prefeito Percy Schreiner fugiu para San Antonio com a família, o delegado e o juiz também” (entrevista em 13/12/2014).

Presume-se por meio do comentário da depoente, que o caos instalou-se no ano de 1957 no município de Santo Antonio do Sudoeste e que isto ampliou as relações entre argentinos e brasileiros da mesma forma que se estreitaram os laços e ampliaram-se as relações de parentesco.

Nesse sentido, as narrativas dos dois depoentes revelam as relações amistosas entre brasileiros e argentinos, já que os hermanos da outra margem do rio abrigaram os brasileiros em

fuga. Percebe-se que esses acontecimentos, não só estão vivos na memória das pessoas em contar, narrar, fazer o “trabalho” de rememoração, e que, portanto, pode constituir-se como objeto de investigação. Em pesquisa anterior constatei que “outro fato que empurrou os poucos habitantes de Santo Antonio do Sudoeste para o território “argentino foi a passagem da Coluna Prestes no ano de 1925” (MARI (2002, p. 74). Naquele momento coletei o seguinte depoimento, “[...] o tenente Antenor Augusto Araújo, estava com um grave ferimento na garganta, este foi levado às pressas por Arrechea e seus homens para San Antonio, no outro lado do rio. O organismo do tenente Antenor não resistiu, sucumbiu no leito dos castelhanos” (Conceição de Moraes, entrevista em 2001). Esse fato histórico é comentado com naturalidade, como se fizesse parte do cotidiano de suas vidas. O túmulo do tenente é a referência para as crianças brincar de “esconde-esconde”, ao redor dele. Uma moradora com a qual conversei que estava voltando de San Antonio disse que se sente segura quando as crianças estão brincando no “cemitério do tenente”. E ainda revelou: “o que uma pobre alma penada há de fazer né? Ele cuida das crianças enquanto brincam”.

O que a rústica lápide testemunha nas idas e vindas dos fronteiriços que usam os piques para transitar entre um país e outro? O túmulo solitário tem importância para a história do bairro, do município, da fronteira?

Seria possível, o medo, a insegurança, as dificuldades, aproximar os habitantes das duas localidades co-irmãs?

Longe de tentar responder tais questões, no entanto a partir dos depoimentos pode-se inferir que tanto os conflitos na Argentina, quanto situações de crise e antagonismos no Brasil foram fatores que impulsionaram a relação de cumplicidade entre ambas as localidades confinadas na fronteira, o que os torna habitantes de cidades co-irmãs.

O sentimento de temor, insegurança, tristeza, ou felicidade ao relatar fatos ocorridos no decorrer dos anos pelos entrevistados explicita o sentimento de identificação que há entre brasileiros e argentinos nas duas localidades pesquisadas. Para, Bevidas (2000) a identificação se deixa ver quando o sujeito assume o universo do discurso, dos sentimentos e das percepções, quando vivencia situações durante a vida de forma idêntica ao outro. Para exemplificar a identificação, é possível também usar o exemplo de um personagem de um livro ou filme quando o leitor diz que é “idêntico” ao tal personagem da obra com a qual está interagindo.

Ao escutar os depoimentos dos entrevistados, ao observar os gestos, a mudança de voz, os sinais de revolta, de tristeza em seus rostos, pude perceber o sentimento que anula a fronteira política e geográfica, tornando todos eles, simplesmente homens e mulheres capazes de

expressar as emoções de forma idêntica sobre os acontecimentos que vivenciaram ou de que ouviram falar.

Fotografia 2: Túmulo do Tenente Antenor Augusto Araújo às margens do Rio Santo Antonio no território brasileiro.



Fonte: Fotografia registrada por Marilce Auxiliadora Mari, na data de 05/02/2015.

Neste contexto, percebe-se a importância de investigar os acontecimentos, registrar depoimentos, coletar dados, confrontar documentos e narrativas, proporcionar os suportes necessários para que os acontecimentos permaneçam através do tempo, e que a escrita desta e outras histórias de alguma forma garanta o que Adélia Prado (1976) chama de eternidade da memória. Para conhecer determinado acontecimento o historiador analisa documentos, reconhece incorreções, identifica alterações em documentos, registra as memórias e narrativas.

Ainda para Certeau (2011), realizar história é ir além de produzir narrativas históricas, é ter a clareza de que algo que aconteceu, está morto, inerte, portanto inacessível como um sistema vivo. Ao trabalhar o historiador faz transparecer a alteridade, a diferença e confere o registro do vivido. Também de acordo com Gagnebin (2006, p.47),

A história é uma reconstrução do passado a partir dos elementos deixados. Para se manter viva a memória as pessoas deixam registros, rastros que permitam que a

lembrança esteja sempre presente, mas é tarefa do historiador transmitir o inenarrável, manter viva a memória dos sem-nome, ser fiel aos mortos que não puderam ser enterrados.

Neste sentido, os depoimentos dos entrevistados dão suporte para compreender que o hibridismo entre as duas localidades é produzido deste vivido, por meio das experiências identitárias construídas ao longo do tempo. Na mesma perspectiva Hall (2000, p. 88) argumenta que,

[...] em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais, e que são produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais que são cada vez mais comuns num mundo globalizado.

Ao trabalhar no sentido de investigar o passado, para conhecer a identidade atual da fronteira e seus meandros, penso ser necessário refletir a própria ação como pesquisadora, estabelecer relações, selecionar informantes e transcrever textos, levantar origens, mapear campos, manter um diário de campo atualizado, atento ao novo, ao que pode ser adicionado como algo relevante na pesquisa.

1. 2 Somos desse jeito só nosso: aquém, entre, ou além da fronteira

Ao pensar a fronteira, há que colocar em jogo um conjunto de conceitos e acepções que permite alargar a compreensão do conceito e o que significa ser fronteiriço⁹. Para Green, (1988, p.69) “ser um fronteiriço implica que um limite protege o self¹⁰ do indivíduo contra atravessar ou ser atravessado, contra ser invadido e, portanto, tornando-se um limite móvel.”

Apesar do fronteiriço, ser um sujeito que se move entre um limite geográfico e outro, entre uma fronteira da linguagem e outra, entre interstícios de costumes e tradições diferentes, ele ainda assim tem o limite de seu corpo, de suas idéias, de sua individualidade, e neste processo contínuo o indivíduo faz e refaz a dinâmica de suas vivências. Conforme Bhabha (2003, p.19) “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual algo começa a se fazer presente”. Porém, o sujeito vive em um espaço

⁹ Fronteiriço: Que está na fronteira de, no limite de alguma coisa, ou que nasce na fronteira entre dois países, duas regiões.

¹⁰ Self: Numa acepção geral, entende-se por *self* aquilo que define a pessoa na sua individualidade e subjetividade, isto é, a sua essência.

social em que se articulam. Entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, brasileiros e argentinos, vivem em um emaranhado de relações e contextos, convivem entre si e tecem formas de viver, realizando processos de interação entre as fronteiras da identidade.

Na fronteira entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, não é diferente, apesar da proximidade favorecer a adaptação de costumes entre as duas localidades. Conforme Grunewald (2004), uma identidade pode alterar as tradições, mudá-las, tendo como base a história e ou identificar traços de culturas distintas.

No caso da fronteira entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, exemplifico o empréstimo cultural com o reviro à paraguaia¹¹. Conforme populares o reviro à paraguaia, foi introduzido na região fronteira pelos paraguaios que trabalhavam no corte da erva mate nativa no início do século passado, o qual era servido com mate cocido¹², ou carne de caça. Atualmente tornou-se prato típico de Santo Antonio do Sudoeste, e nas festas populares desta localidade, é servido com churrasco. Nas refeições cotidianas dos santoantonienses acompanha o feijão e arroz, e as carnes em molho ou a carne assada.

Este é um tema que pode parecer simplificação, visto que no processo de trocas culturais há iteração entre os significados que uma ou outra sociedade atribui a uma determinada prática. Isto significa dizer que quando uma prática social se desloca de um grupo para outro, em diferentes temporalidades há também mudança no seu significado. Nesse ponto de vista corroboro a ideia de Grunewald (2004), quando diz que uma cultura pode incorporar características diferentes de outras culturas, transformando-as.

Além do mais, o que marca a identidade de um referido símbolo transferido de uma cultura para outra é o significado que lhe é outorgado. Quando se translada uma expressão cultural se copia o signo, não seu significado. Constatar isso é um recurso de elucidação infundável. Toda interpretação é um processo vasto, em renovação. Para Woodward (2000, p. 9) “a identidade é marcada por meio de símbolos”. Na fronteira entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio se evidencia nos objetos que possuem um significado para o fronteiro: o mate e erva-mate canchada¹³, o chimarrão e a erva moída, o asado argentino, o churrasco brasileiro, as moedas em

¹¹ O reviro é uma mistura simples feita de farinha de trigo, água, ovos e sal, formando uma massa rústica frita e cozida em panela de ferro. A massa é mergulhada em óleo quente, que após algum tempo de fritura é totalmente absorvido. A massa vai secando e, ao ser revirada constantemente por uma colher de pau, vai adquirindo uma consistência empedrada. Para desfazer esse empedramento, quebra-se e revira até que forme uma farofa bem densa, quase torrada.

¹² Mate cocido: é uma infusão típica da gastronomia de Misiones, Argentina. Se prepara fervendo erva-mate na água, após se cõa, e se serve em chécaras ou copos. É uma bebida de sabor amargo parecido ao chimarrão ou mate argentino, porém mais suave, com as mesmas propriedades estimulantes e nutricionais.

¹³ A erva-mate, uma vez colhida e desidratada passa por um processo de trituração, em ambiente industrial denominado “cancha”, a erva-mate após o processo de industrialização apresenta uma aparência mais grossa e volumosa. Ao contrário da erva-mate usada na preparação do chimarrão brasileiro, que é completamente moída.

uso em cada país respectivamente, os vinhos vendidos em San Antonio, a cachaça comprada pelos argentinos no comércio brasileiro, entre outros. A identidade também se mostra nos valores que acreditam e cultuam, cada qual em seu meio, moradores de uma ou outra margem do rio, e também de que forma o sujeito se construiu: a partir de que costumes, quais tradições, da culinária, da maneira de se vestir, de como manejam o solo, como operam os instrumentos de trabalho, em qual credo religioso acreditam, dentre outros. Percebo a ponte sobre o rio Santo Antonio um símbolo que faz a demarcação do território entre as localidades, e sinaliza o ponto em que as diferenças entre os fronteiriços, visitantes, e turistas, se mostram com mais evidencia, ao pisar os territórios politicamente demarcados.

Penso, a ponte, as principais avenidas de ambas localidades seriam um “lugar” ou um “não lugar”?

Conforme Augé (1994), o fronteiriço habita um “lugar antropológico”, que é um espaço em que a vivência dos sujeitos está ligada aos espaços que eles circulam e habitam, que realizam a sua cultura, e a sua história. O lugar antropológico, possui algum tipo de identidade, simbolismo e conexão com aqueles que estão estabelecidos nesse lugar. Esse lugares possuem três características comuns, são identitários, relacionais e históricos. Geram identidades pois são os lugares de nascimento, de desenvolvimento, de instrução, fomentam relações, desenvolvem o social. O lugar é histórico porque ao unificar identidade e relação, se instala uma estabilidade mínima.

Para Augé (1994), devido o aparecimento da globalização os “não-lugares”, começam a ter domínio sobre os lugares, por isso se percebe a necessidade de repensar o que significa tempo e espaço, devido ao mundo virtual e também pela velocidade que as informações são disseminadas pelo mundo. Em consequência da ruptura do tempo e do espaço pela vasta tecnologia, principalmente pela internet, é que começaram a surgir os “não-lugares”, que dizer, estes são construídos pelo que o autor denomina de “supermodernidade”, porque ela estabelece consciências específicas de cada indivíduo, com experimentos e maneiras de viver, conforme o mesmo autor, o surgimento e o alastramento dos “não lugares” contraem a solidão para os indivíduos.

Ainda para Augé (1994) o espaço antropológico, é necessariamente gerador de identidade, local onde se promove relações interpessoais e se movem em um determinado tempo e espaço rigorosamente definidos. É formador de identidade por carregar em si o lugar do nascimento, da intimidade do lar, das coisas que são próprias dos sujeitos. Define, de forma precisa, as fronteiras

entre eu e os outros. Em contradição, os não-lugares não se revelam como identitários, relacionais ou históricos. Através dos não-lugares se evidencia um mundo transitório e efêmero, comprometido com a brevidade e com a solidão. Os não-lugares são um novo formato social, peculiaridade de uma época que se representa pelo excesso de acontecimentos, excesso espacial e individualização das referências.

Porém na observação da entrevistada Laura Josefa Montenegro, “acá en la frontera, además de nosotros que vivimos en esta zona, existen los otros, que vienen de lejos hacer compras, visitar los puntos turísticos que nuestras localidades ofrecen, visitar amigos y familiares, y sólo estan de paso” (entrevista em 16/10/2014). Ou seja, através do olhar dela, a fronteira não é só da população que vive e reside nas duas localidades, mas também é feita de pessoas que vão, e que vem, de pessoas que passam pelo local fronteiriço não fixando residência, nem se apegando às formas de vida dos moradores do lugar. Neste sentido a fronteira investigada poderá ser um “não lugar”? Augé (1994) define os “não lugares” permeados de pessoas transitando. São espaços de ninguém, não criadores de identidade. Para Mauss, (2004) Pode-se dizer que alguns “não-lugares”, aeroportos, grandes centros comerciais, hipermercados, shoppings, autoestradas, são os “espaços de fluxos”. Espaço onde quase não se concebem relações sociais. E segundo o mesmo autor, “não lugar”, é aquele que possibilita a celeridade do tempo já o lugar, diz respeito com as relações que aí acontecem. Novamente, me reporto a Augé (1994) que estabelece um contraste entre as interações que se praticam nos “não lugares”, denominados relações de “solidão”, associadas à ideia de “contratualidade solitária”, e as que se praticam nos “lugares antropológicos”, denominados relações de sociabilidade. Recordemos do que acontece quando vamos a um grande hipermercado:

[...] as grandes superfícies nas quais o cliente circula silenciosamente, consulta as etiquetas, pesa os legumes ou a fruta numa máquina que lhe indica, juntamente com o peso, o seu preço, e depois estende o cartão de crédito a uma mulher jovem também ela silenciosa, ou pouco faladora, que submete cada artigo ao registro de uma máquina decodificadora antes de verificar o bom funcionamento do cartão de crédito (Augé, 1994 p. 84).

Se para os visitantes a fronteira pode ser um “não-lugar”, para quem a habita e escuta suas histórias, lendas, e acontecimentos pode afirmar que nesta zona de fronteira viviam e conviviam paraguaios, argentinos e brasileiros. Percebe-se a fronteira como um lugar apropriado para a intensificação dos contatos e trocas culturais. Para Nunes (1996, p. 35) a fronteira possui

uma “ansiedade de contaminação”. Desta forma, deduz-se que este desassossego parece eivar as relações e, para compreendê-las é importante identificar as vibrações cotidianas. Neste sentido, já foi referida a articulação entre diferentes culturas, etnias, povos e maneiras de viver.

No mesmo sentido, Bhabha (1998), assevera que as práticas fronteiriças da cultura, demandam o encontro com o novo, que não faça parte do “continuum de passado e presente”. O autor concebe uma ideia do novo igual a algo emergindo numa revelação cultural. Esse esforço, empreendido pelo pesquisador, não apenas ressurgir como um interesse social ou pretexto de reencontrar o belo, mas renova o passado, transformando-o em um “entre-lugar” temporário, que atualiza o passado e recria o presente. Neste sentido, recordo o Grupo Cavaleiros da Fronteira, que se organizam em torno de cavalgadas, indo ao encontro de lugares históricos, em pontos turísticos, refazendo o caminho das carroças que trouxeram alguns dos pioneiros de Santo Antonio do Sudoeste de Clevelândia e Palmas para esta fronteira. Tal iniciativa dos cavaleiros remete a Bosi, (1998, p. 452) que escreveu “podem arrasar as casas, mudar o curso das ruas, as pedras mudam de lugar, mas como destruir os vínculos com que os homens se ligam a elas? “[...] à resistencia muda das coisas, à teimosia das pedras, une-se a rebeldia da memória que as repõe em seu lugar antigo.” E nesse sentimento de manter vivo a identidade dos que já foram, a memória coletiva se expressa e constrói a trama para que parte dos elementos históricos dos viventes da fronteira não caiam no esquecimento.

Fotografia 3: Grupo Cavaleiros da Fronteira.



Fonte: Acervo pessoal de Odonias Homero Moresco, foto enviada no dia 27/06/2015.

Não são as mesmas pessoas, nem tampouco os mesmos animais e carroças, mas é um novo grupo de homens e mulheres que se movimentam para encontrar vestígios de seus antepassados, costumes e tradições, no entanto sua ação é de (re)criação do passado.

O caminho é o mesmo, o nome dos lugares permanecem, a data de fundação das cidades visitadas pelos grupos da excursão não mudou. Mas como Bhabha (1998, p. 19-20) sugere: “o interstício vem como uma passagem, um movimento presente de transformação ou transposição, onde uma coisa não é mais ela mesma, mas não totalmente outra.”

O espaço fronteiro também apresenta dificuldades, e nem sempre é fácil tornar possível, o quase impossível. Neste caso, quebrar os paradigmas das leis que regem estatutos e modelos prontos e acabados, que para determinados espaços, como é o caso desta fronteira, estão obsoletas. Para ilustrar tais situações, tomo como exemplo, as palavras do entrevistado Paulo Ricardo dos Santos que disse: “há falta de estrutura legal para realizar a abertura da aduana em Santo Antonio do Sudoeste. Existe má vontade dos políticos dos escalões superiores para efetivar o acesso de vinte e quatro horas para os fronteiros (entrevista em 20/11/2014). Penso que Martins, (2009, p. 33) corrobora as palavras do entrevistado, quando escreve:

[...] não corresponde a idílica suposição de que a fronteira é o lugar de concepções e práticas democráticas de autogestão e liberdade, na medida em que o homem da fronteira estaria menos sujeito aos constrangimentos da Lei e do Estado, e mais sujeito à própria iniciativa na defesa de sua pessoa, de sua família e de seus bens.

A fronteira geográfica pode ser o local em que o simbolismo de vastidão, amplitude e futuro da nação se expressa. O moderno, o novo, a racionalidade econômica estão presentes e constituem a formação e projeção dos espaços de fronteira, “é na fronteira que se pode observar melhor como as sociedades se formam, se desorganizam ou se reproduzem [...] na fronteira, o Homem não se encontra – se desencontra”. (MARTINS, 1997, p. 12). No espaço fronteiro há produção de diferença pois há dois povos, a demarcação da fronteira geográfica e política, indica dois territórios, duas línguas, duas nacionalidades, dois comércios, enfim duas comunidades com características peculiares, que interagem uma com a outra e possuem entrecruzamento de indivíduos de culturas diferentes.

Nesse sentido, Pesavento, (2002, p. 36), declara que “como realidade transcendente, a fronteira é um limite sem limites, que aponta para um além. É conceito impregnado de

mobilidade.” Para a autora o conceito de fronteira implica em perceber a sua fluidez e as rasuras na palavra limite. Pois entre as duas localidades desdobram-se trajetórias, representações coletivas, identidades e diferenças.

Quando refiro as trajetórias coletivas, pode-se facilmente procurar exemplo nos intercâmbios entre estudantes brasileiros e argentinos, nas instituições de ensino superior, como é o caso das práticas pedagógicas realizadas no Instituto Superior Hernando Arias de Saavedra de San Antonio por alunos da Faculdade de Ampère - FAMPER-, e vice-versa, em encontros de socialização entre alunos e professores das duas instituições de ensino, nas quais trabalho como docente.

Dentre as trajetórias individuais destaca-se a necessidade de transpor os limites fronteiriços geográficos para trabalhar, buscar ajuda médica, ou fazer compras nos comércios locais, e afins. As relações entre famílias constituídas de sujeitos fronteiriços de ambas as margens do rio e por conseguinte da convivência entre elas, que cria hábitos de vivências cotidianas e de “ir” e “vir”.

Neste processo, produz-se a representação que conforme Woodward (2000, p.17),

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. [...] Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.

A representação destas localidades fronteiriças de Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio são resultado das vivências ao longo do tempo, das formas que assumem ou contestam, na multiplicidade de manifestações na vivência cotidiana, resultando num conjunto cultural complexo. Para Woodward (2000, p.18) “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis por um modo específico de subjetividade”.

A partir do Cerro Siete¹⁴, em San Antonio, busquei observar o estilo de vida das pessoas, a paisagem, o modo de falar, de se vestir, os raros obeliscos indicando fatos históricos como por exemplo o Ito¹⁵ da fronteira para os argentinos e o Marco fronteiriço para os brasileiros, que sinaliza o limite territorial.

¹⁴ Cerro Siete: Morro localizado no município de San Antonio, Argentina.

¹⁵ Ito: Marco de formato piramidal que se encontra na divisa de Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, em que é possível ler a data de 1903, em um lado aparece o escudo brasileiro, e no outro o escudo argentino, ambos símbolos nacionais.

Fotografia 4: Marco limítrofe entre o território brasileiro e argentino.



Fonte: fotografia registrada por Marilce Auxiliadora Mari na data de 05/01/2015.

Após ter olhado a cidade de Santo Antonio do Sudoeste a partir do morro denominado Cierro Siete, em San Antonio, procurei o Morro do Santo Antonio, um local de turismo religioso, localizado no Bairro Novo Horizonte, na cidade de Santo Antonio do Sudoeste. Lá fiz o mesmo exercício de observação que fizera em San Antonio. Não contava, porém, com um fenômeno da natureza, a chuva que cobria a fronteira, me remeteu ao que um dos entrevistados brasileiros, Paulo Ricardo dos Santos, comentou sobre o ato de viver na fronteira:

A fronteira é uma região de oportunidades, de negócios, de amizades, de intercâmbio, de ir caçar, andar a cavalo, de jogar futebol juntos. Existe dois mapas, duas cidades, duas leis, apesar de às vezes recusá-la. Percebe-se claramente que estamos na divisa quando tem jogo de futebol entre Brasil e Argentina. A rivalidade realmente acirra, as pessoas discutem, batem boca, trocam ideias, defendem realmente as cores da bandeira e, se vê o patriotismo dos cidadãos (entrevista em 20/11/2014).

A fronteira possibilita ao estrangeiro pisar em um território que não é seu, propicia a interação com os habitantes além da divisa. O fronteiriço está habituado a apresentar os documentos ao serviço de migração, a fazer o câmbio quando a moeda favorece o brasileiro ou o

argentino, dependendo da forma como se comporta a economia. É acostumado conversar em bares, restaurantes, frequentar as duas danceterias, os bailes e festas anunciados nos dois lados do rio. Também especular preços no comércio, como se estivesse no próprio país. Isso é possível pela convivência, e pelos processos culturais praticados desde o início da povoação dos dois municípios.

Como é possível perceber as trocas culturais são intensas. Tal apreensão pode ser coligada a Hall, (2003, p. 44) quando sugere que “estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”.

Nessa perspectiva convém dizer que o acúmulo de experiências nasce a partir da história e memória das coletividades, e que se apresentam nas práticas cotidianas dos sujeitos.

Continuo observando a paisagem. A chuva cada vez mais forte encobre a visão. O morro que anteriormente observava está encoberto pela densidade da água da chuva. Não é mais possível visualizar a demarcação da fronteira. Já não se pode saber onde é Argentina ou Brasil. Assim, encoberto pela chuva, há somente um grande espaço, a chuva parece dissipar a ideia de fronteira e dar relevo a ideia de hibridismo. Sobre a questão Hall (2003, p. 74) assim se manifesta: “trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indecibilidade”. Para o autor ao analisar este contexto, o hibridismo não é um processo que traz ao sujeito a noção de totalidade ao dialogar com outras culturas, ao contrário, seria o estágio em que o sujeito percebe que sua identidade está sempre sendo revisada, alterada, ressignificada e reconstruída, num movimento ininterrupto de assimilação e diferenciação.

Como fronteira participo dos processos culturais sobre os quais me debruço, sou portanto, resultado do processo que decido estudar. Nesse sentido, o que sou e o que investigo estão entremeados. Tal questão, aparentemente pode trazer dificuldades para a análise, no entanto é sabido que não é possível o sujeito afastar-se do seu processo cultural. Nesse sentido, Maffesoli (1998, p. 37) pode colaborar quando sustenta a “lógica contraditorial, isto é, uma lógica que mantém juntos todos os elementos heterogêneos da existência”.

Os elementos entrelaçados que aparecem nos discursos polifônicos das entrevistas utilizadas neste trabalho investigativo se manifestam livremente como desejos dos sujeitos que se transformam em anseios da coletividade, em um meio em que participo como cidadã, e pesquisadora. Sobre a questão Maffesoli (1998, p. 22) declara que “os sonhos individuais e coletivos são feitos de alegrias e dores. Esses sonhos transbordam cada vez mais da vida privada e ocupam, em massa, a praça pública”.

No diverso mundo da socialidade, esse sentimento não é experimentado individualmente, visto que é manifesto também na fala dos entrevistados. Laura Josefa Montenegro, entrevistada argentina diz: “ser fronterizo es hermoso, es conocer gente igual que uno, y tan distinta” (entrevista em 16/10/2014). Para a depoente ser fronteiriço é ter uma identidade movediça, é renovar-se, desprender-se de alguns (pré) conceitos, é aceitar o desafio de viver o novo com pessoas de outros costumes, idiomas, tradições afins e diversas e tornar-se outra coisa que já é a mescla, desse processo de múltiplas identidades.

Ainda que a identidade social seja construída por meio de afirmações e negações, mantém-se seu caráter relacional. Também é possível estudar as identidades a partir do hibridismo, da sobreposição de identidades distintas. No mundo globalizado, as pessoas migram, misturam suas culturas, e criam culturas híbridas. Além do mais, há que considerar que toda identidade é uma construção histórica: é sempre construída comparada com outras identidades, porque o indivíduo sempre se identifica com o que é para distinguir-se de outras pessoas.

Desta questão pode-se depreender que o fronteiriço é um ser inquieto? Um quase nômade? Ou quem sabe um quase arrivista? Nas palavras de Bauman (1998, p. 92): “arrivista, alguém já no lugar, mas não inteiramente do lugar, um aspirante a residente sem permissão de residência”.

Ao conversar com populares que vivem próximos do passo de entrada e saída para o Brasil e Argentina, nesta fronteira, me disseram que os sujeitos da fronteira entram e saem, como se estivessem em sua pátria. Alguns nem sequer têm autorização, driblam as autoridades, usando piques, carreros¹⁶, pinguelas¹⁷. Tais ações não são realizadas por provocação, são impulsionadas pela necessidade.

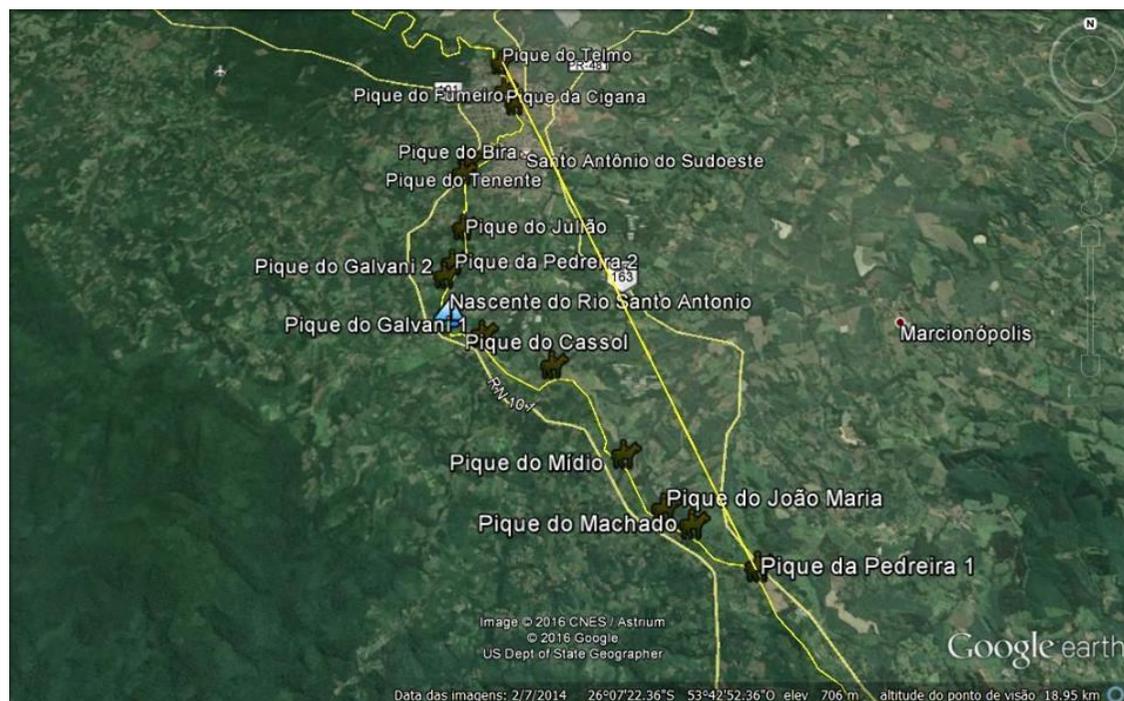
Porém, segundo conversas informais de moradores quando das visitas aos piques, na fronteira seca, estes disseram que existe um comércio ilegal de grande monta que passa por tais piques, como por exemplo: cargas de camarão, de alpiste, ferro velho, chumbo de bateria, sem contar as dezenas de cabeças de gado que cruzam quase que diariamente pelos piques de terra, pois a acessibilidade é mais fácil do que por água.

Penso ser importante descrever cada pique identificado no mapa construído através de imagens de satélite, no qual a distância em linha reta do primeiro pique ao décimo terceiro resulta em 13,9 quilômetros, de acordo com a figura a seguir.

¹⁶ Carreros: Picadas, caminhos estreitos utilizados pelos fronteiriços para transitar a pé ou a cavalo, entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio.

¹⁷ Pinguela: Passagem precária sobre um pequeno rio, que pode ser feita com qualquer material que permita a passagem de pessoas sobre ele.

Mapa 1. Piques entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio.



Fonte: Google Earth. **Elaboração:** Sumaya Rafaella Mari Kern da Silva e Nathan Gustavo Mari da Silva/2015.

A localização do primeiro, ao sexto pique está na fronteira seca, acima da nascente do Rio Santo Antonio. Os demais estão abaixo da nascente do rio. As informações contidas no mapa sobre a localização dos piques foram construídas a partir das minhas visitas aos piques, bem como as informações do chibeiro Anderson Borba e moradores das proximidades, os quais assim descreveram a cada um:

Pique da Pedreira 1: é o pique “visado pela acessibilidade”, tanto da parte dos chibeiros que passam com cargas vultuosas em valores, bem como pela Polícia Federal e Gendarméria Nacional, que controlam o tráfico ilícito. O pique do Machado se localiza na Linha São João, e do João Maria, está localizado na Linha São Mateus próximo ao marco fronteiro, e o do Midio na Linha Calvário. O pique do Cassol se localiza na Linha Cedro e o Pique do Galvani 1, na Linha Tarumã, acima do marco onde nasce o Rio Santo Antonio. Esses piques tem “a linha” que define a fronteira entre Argentina e Brasil por terra, separada apenas por uma cerca de arame farpado, o que facilita a passagem entre os dois países.

Já o pique do Galvani 2, é o primeiro dos que tem o Rio Santo Antonio como delimitador da fronteira geográfica, e este está próximo da nascente do rio. Os outros são: o Pique da Pedreira 2, (neste foi transportado o corpo da mulher que deu origem a poesia do chibeiro Anderson Borba,

apresentado na dissertação na página 68, Pique do Julião, localizado na Linha Tarumã. O Pique do Tenente e o Pique do Bira, se localizam nas imediações do Bairro Princesa Isabel, já o Pique da Cigana está localizado próximo ao Bairro Vila Nova, e o Pique do Fumeiro localizado no Bairro Entre Rios, e o Pique do Telmo nas proximidades da estação de esgoto do Bairro Jardim Fronteira.

Conforme os moradores das imediações dos piques, os proprietários das terras que fazem divisa com o Rio Santo Antonio, ou com a demarcação por terra até a fronteira com a Argentina, não são usuários dos piques, muitos deles, para não se incomodar com a passagem dos produtos chibeados, preferem fazer de conta que nada acontece. Outros são pagos pelos donos das cargas para não “abrir a boca”. Ainda conforme os vizinhos dos piques, quem passa as cargas grandes, e que acumulam um valor significativo nos objetos passados pela fronteira, são pessoas que tem “grana, plata, capital de giro”. Um dos moradores me contou que na semana que antecedeu a minha visita a casa dele, foi apreendida uma carreta de alpiste.¹⁸ Obviamente não é um valor pequeno, mas segundo o mesmo morador a carreta já “se tinha pago faz tempo”, com outras cargas que haviam cruzado a “linha” que demarca a fronteira.

Outro morador próximo a um pique de terra me disse que há comerciantes, fazendeiros, políticos, que passam as mercadorias em grande quantidade. Quando eu questionei sobre o porquê não são presos me explicou que a Polícia Federal e a Gendarmería Nacional, só podem apreender uma carga se no ato da apreensão tal carregamento estiver em cima da “linha” que demarca a fronteira. Caso contrário não, pois todo cidadão tem o direito de ir para onde quiser, e eles geralmente apresentam as notas das cargas.

Conforme depoimento anotado no Caderno de campo, após conversa com Anderson Borba, ele disse que muitos fazem chibo por uma questão cultural, que é o caso dele, para se divertir, pelo gosto da aventura, mas que é o chibo que não vai dar prejuízo para ninguém, é uma bolsa de farinha, de batatinha, uma caixa de sabão, uma caixa de cerveja ou vinho.

Os piques não são usados apenas para o comércio ilícito, de grande ou menor monta, mas também como necessidade de encurtar a distância entre uma localidade e outra, tanto os piques nas imediações dos bairros que aproximam as pessoas de ambos povoamentos urbanos, bem como os que facilitam a aproximação das pessoas que residem na zona rural dos dois países.

Desse modo, entrar e sair dos limites fronteiriços não é visto como um ato insurgente aos poderes constituídos nos dois países, configura-se mais como prática cotidiana, historicamente inscrita e que assinala a vibração do que seja viver na fronteira. Estar ali implica em compreender

¹⁸ Alpiste: Grão da gramínea (*Phalaris canariensis*). Alimento para pássaros domésticos engaiolados.

que a amizade é um fator que transpõe qualquer documentação ou limite geográfico e que da mesma forma contornar os limites destes poderes constituídos pode, por vezes não ser vista como uma infração a lei.

Nesse sentido, é expressivo depoimento do Senhor Andersom Borba que, ao referir-se ao movimento de entrar e sair da fronteira, diz: “você é tão acostumado com o povo, com a convivência, que você passa de um lado para o outro e você nem nota que está num país diferente” (entrevista em 24/03/2015).

Essa mesma dinâmica pode ser observada em ações das autoridades, principalmente as políticas, que possuem um contato estreito de ajuda mútua no desenvolvimento da região fronteira, utilizando-se de um bom portunhol se a ocasião o exigir, como ocorreu nos discursos proferidos pelo Prefeito de Santo Antonio do Sudoeste, Ricardo Ortiña e o Intendente de San Antonio, Leopoldo Benitez, no dia 30 de novembro de 2014 em que foi celebrado o Dia da Amizade e posteriormente assinado a Ata de Compromissos amistosos entre ambas localidades. Ato realizado em cima da ponte que marca o início e o fim dos respectivos territórios, brasileiro e argentino. O primeiro se referiu aos argentinos com palavras: “hermanos”, “mi padre es un argentino”, “el progreso debe ser pensado em forma conjunta”, “nuestros vecinos” e outros. Por conseguinte o intendente de San Antonio, em seu pronunciamento falou algumas palavras em português como: “festa de confraternização entre dois pueblos vizinhos”, “celebrar a união de dois povos”, “respeito aos irmãos brasileiros do outro lado da ponte”, e afins.

Tais palavras seguidas de fraternos cumprimentos demonstram que a fronteira além de ser um limite territorial, também está no imaginário do povo representado por ambos os prefeitos como uma fronteira identitária, que carrega em si as peculiaridades do povo fronteiro, ora antagônicas, ora similares.

Dessa forma, é possível falar da constituição identitária dos sujeitos desta fronteira como um processo que se dá mediado pelas relações com as pessoas, os valores, os sentidos, a linguagem, os símbolos e a cultura.

1. 3 Bilingüismo fronteiro: portunhol e/ou herança dos pais e avós

Quando penso uma língua, um idioma me vem a memória a estrutura da língua. Identificar os sons de uma infinidade de palavras e dominar um conjunto de regras que permitam aos sujeitos dialogar entre si e desenvolver uma escrita que favoreça a comunicação. Mas o que há por trás deste conjunto de signos? Na fronteira as palavras, frases, expressões, não são lineares

evocam a mistura de sons, expressões e gestualidades a partir das quais os falantes da língua portuguesa e espanhola anunciam e demarcam sua linguagem.

Nesse processo, conforme depoimentos de populares e entrevistados, os casamentos constituídos entre brasileiros e argentinos desde a povoação das duas localidades, reforçam a mistura das duas línguas identificada pelo sotaque ao se pronunciarem, criam neologismos para comunicar-se e contribuem para os elementos que identificam as duas localidades fronteiriças.

É possível afirmar que o contexto fronteiriço é dual, de um lado a língua mãe é o português, do outro o espanhol. Para Signorini, (2001, p. 39) “[...] as línguas vivem em constante contato uma com a outra e se contaminam mutuamente, constantemente criando possibilidades novas e nunca sonhadas”.

Isso significa dizer que, ao entender que as identidades se constroem também no discurso, pode-se afirmar que, de alguma forma, o sujeito é polifônico, ele é construído pela linguagem, o que Signorini (1998, p. 336) escreve como sendo “um ator que opera entre possibilidades disjuntas, e/ou contraditórias, que (des) articula, que se faz nó, encruzilhada a partir da multiplicidade heterogênea e polifônica dos códigos e narrativas sociais a que está exposto”. Portanto, de um processo identitário constituído num jogo polifônico, no qual múltiplas vozes e dizeres interpelam, sustentam ou denegam as identidades.

Dessa maneira, o sujeito se constrói pelo entrelaçado de inúmeras e heterogêneas formas de linguagem. A partir disso, subentende-se que o sujeito não se encontra na origem dos seus dizeres por que não há o sentido original, os sentidos são construídos historicamente. Desse modo, os sentidos não podem ser construídos fora das organizações sociais, em razão de que, “as condições sociopolítico-ideológicas mapeiam, num dado momento histórico-social, as possibilidades de expressão e, portanto, de produção de sentido pelo sujeito” (CORACINI, 2007, p.9). Portanto, os sentidos não se geram fora do sujeito, pois ao significar, o sujeito se significa; a produção de sentidos resulta na produção de sujeitos (ORLANDI, 1998). Tal processo pode ser nominado interdiscurso, o saber discursivo, a memória dos sentidos que se instituem na relação com a linguagem.

Assim, Coracini (2007) escreve que, a memória discursiva, diz respeito às inúmeras vozes oriundas de textos, de experiências do outro, que se entrelaçam numa rede em que os fios se mesclam e se entretecem. Essa rede é conformada por valores, crenças, ideologias, culturas que permitem aos sujeitos ver o mundo de uma determinada maneira e não de outra, que lhes permitem ser, ao mesmo tempo, semelhantes e diferentes. Essa rede, tecido, tessitura, melhor dizendo, escritura se faz no corpo do sujeito, (re) velando marcas indeléveis de sua singularidade.

As palavras da professora Laura Josefa Montenegro corroboram tal compreensão: “Y la , lengua que se mezcla, que se transforma acá en nuestra zona, que no se puede explicar, así, hay que vivirlo” (entrevista em 16/10/2014).

Para consubstanciar tais afirmações narro o ocorrido na sequência da entrevista. Após a entrevista, os filhos da professora Laura Josefa Montenegro, brincavam na calçada da casa. Um menino de 7, outro de 5 anos, faziam de conta que eram extras terrestres e gravavam as brincadeiras com o celular, um falava em português o outro em espanhol. Enquanto assistia às apresentações me perguntei: o que há por trás dessa inocente brincadeira? Como as ações inocentes das crianças podem ser tomadas como expressão desse estar ali? Quais os desdobramentos dessa vivência linguística para a vida destes sujeitos fronteiriços?

Para Coracinni (2007, p.17), “o sujeito é uma construção social e discursiva em constante elaboração e transformação”. Um sujeito que se constitui socialmente.

A convivência, os intercâmbios, o trato diferente do atendimento comercial, que se realiza entre clientes e comerciantes das duas localidades, propiciam a manutenção das relações de outra forma, que irá culminar na formação desses sujeitos, e diante dessa relação de interculturalidade, apreende-se as diferenças que são parte da identidade destes fronteiriços.

Segundo Hall, (2011), subentende-se que o movimento migratório proporciona, entrelaçamentos entre culturas, pontos de convergências de tempos e discursos, e se abrem para um novo processo.

Nesse âmbito, as fronteiras não são fixas, encontram-se em movimento. Se as fronteiras podem ser encontradas em qualquer parte, as culturas são de fronteira.

Voltando ao exemplo dos meninos, é difícil discorrer sobre a relação existente na linguagem, ela perpassa todas as idades e todos os assuntos, e pode tornar-se lúdica como no caso dos meninos, ao imaginar que em outro planeta, podem conversar com outros seres na língua espanhola e portuguesa. Depois de assistir ao pequeno vídeo, entendi melhor o que a mãe deles havia falado: “hay que vivirlo”, a frase ecoa em mim como possibilidade de aprofundamento da análise e interpretação e oferece substrato que permitem afirmar a importância da investigação. Esse sentir o estar ali, parece constituir-se como um elemento da identidade fronteiriça. Ainda que referindo-se a outra questão, Maffesoli (2004, p.17) traz uma contribuição importante para pensar este espaço¹⁹/tempo²⁰ “Só podemos entender bem uma

¹⁹ Certeau (2013) expressa que: O espaço é um cruzamento de móveis. O espaço realiza-se enquanto vivenciado, ou seja, um determinado lugar só se torna espaço na medida em que indivíduos exercem dinâmicas de movimento nele através do uso, e assim o potencializam e o atualizam. Quando ocupado, o lugar é imediatamente ativado e transformado, passando a condição de lugar praticado. O autor discorre acerca de uma realização espacial do lugar,

época sentindo seus odores. Os humores sociais e instintivos são mais eloquentes a seu respeito do que muitos tratados eruditos. Neles experimenta-se os afetos, as paixões, as crenças que a permeiam”.

Não quero aqui mostrar a fronteira como lugar idílico no qual os sujeitos interagem sem barreiras. Isto pode ser exemplificado em uma fala da mesma depoente quando narra uma experiência profissional. Laura Josefa Montenegro, disse que quando saiu de Posadas capital de Misiones, para trabalhar em San Antonio, que fica a 360 quilômetros, pensou que teria fácil comunicação com os discentes, visto que migrava de uma cidade argentina e trabalharia em outra no mesmo país. No entanto, no início da experiência percebeu que os alunos não a compreendiam.

Após sondagem com os alunos, ela percebeu que falavam português. Então, para que fosse compreendida passou a desenhar os animais na aula de zootecnia, pois na época ela não sabia falar português. O exemplo demonstra que, ainda que atuasse como docente em município argentino, a comunicação dominante se dava em língua estrangeira, neste caso, o português. É essa a complexidade de viver na fronteira, em que as trocas linguísticas são intensas.

Outro exemplo no mínimo curioso com a mesma professora depoente foi o fato de que em um determinado ano letivo, no dia 7 de Setembro, a maioria dos alunos não foram a escola. Indagados sobre o porquê do não comparecimento às aulas naquele dia, lhe responderam: “professora usted não sabia que ontem era dia da Pátria no Brasil?”

A partir de tais exemplos, deduz-se que os conhecimentos científicos, da professora foram complexificados pelas questões culturais, e as novas vivências exigiram adaptações didáticas para o aprendizado de uma nova língua. Assim, oportunol configura-se como uma síntese, um processo de interação experimentado pelos sujeitos fronteiriços.

Os alunos das escolas fundamentais de San Antonio, também falam português misturado ao espanhol em sala de aula. Há proibições da parte de algumas direções de escolas, já que os discentes deverão escrever, ler, e produzir em espanhol, porém a influência da mídia brasileira é veiculada por satélites, torna-se muito presente e forte, fazendo com que as determinações institucionais ganhem novos contornos a partir do momento que os sujeitos as redimensionam no cotidiano escolar. Essa percepção pode ser corroborada por Hall, (2003, p.15) quando diz que

comparando o espaço à palavra e o lugar à enunciação , ou seja, no momento em que a palavra é proferida ela é atualizada.

²⁰ Elias (1989, p. 84) expõe que: “ ...o que chamamos tempo é, em primeiro lugar, um marco de referência que serve aos membros de um certo grupo e em última instância, a toda humanidade, para instituir ritos reconhecíveis dentro de uma série contínua de transformações do respectivo grupo de referência ou também, de comparar uma certa fase de um fluxo de acontecimentos”. ... “Assim o tempo cumpre funções de orientação do homem diante do mundo e de regulação da convivência humana..”

“[...] a identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada”. Como se verifica o português está vivo, através de signos que se movem identificando as coisas, e a maneira de se viver, ele faz parte da identidade do jovem argentino.

Mas como evitar que os jovens não assistam a televisão e ouçam a música brasileira, se as ondas de rádio ultrapassam os limites geográficos fronteiriços?

Encontro argumentos em Abdala (2002, p.13) que corrobora a ideia anterior quando afirma que “as novas tecnologias estabelecem redes planetárias, procurando um conhecimento novo e apontando para modelos culturais híbridos”. Tal fato reforça a convicção de que a cultura vai além das linhas da fronteira e das ondas sonoras do rádio e as imagens e sons da televisão. As tecnologias viabilizam a consolidação da interculturalidade, por meio da interação e troca dos elementos culturais que os cidadãos fronteiriços promovem entre si, ou seja: a música, propaganda de produtos e serviços, notícias de esporte local e ocorrências policiais bem como informações sobre eventos culturais. Mas a língua portuguesa não avança fronteira adentro apenas pelas mídias e tecnologias. Há aproximadamente cinco décadas a língua portuguesa e a cultura brasileira já entranhavam a fronteira.

O “maestro” aposentado (Miguel Manoel Benitez) assim se referiu quando de sua chegada em San Antonio no ano de 1969:

Bueno, vino y me chocó la frontera, me golpeó como argentino, porque yo vino e no encontré nada, poca argentinidad. [...] No teníamos material, nuestra escuelita era muy precaria. Venía gente de allá. Bueno, eso es cultura, primero me golpeó, me chocó, me impactó, porque no tenía libros para enseñar la cultura argentina todavía, y hablaban sólo en portugués, y yo llegaba con un idioma que para ellos era desconocido. Muy pocos me entendían pero en la escuela se hablaba sólo en portugués. Bueno, foi muy difícil a almodarme a ese esquema (entrevista em 16/05/2015).

É interessante observar que no relato acima encontro duas palavras que asseguram que o português era desconhecido até o ano de 1969 para o Maestro Benitez, atualmente está inserido em seu vocabulário. A conjunção “e” bem como o verbo ir, no pretérito perfeito “foi”, está interiorizado em seu inconsciente. Para Fiorin, (2006, p.19) [...] “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio”. O mundo concreto que ele descreve possui relações dialógicas entre ele e outra voz.

Reconhecer que se é fronteiriço, implica pensar a vida não só participando dela, mas interagir por meio de contatos e influências impossíveis para pessoas que vivem em outros lugares.

Dentre os elementos que simbolizam o espaço de fronteira, as línguas são os mais significativos na observação das narrativas dos entrevistados, enquanto reconhecimento do sujeito fronteiriço. Não apenas os moradores e demais pessoas cruzam o limite da fronteira também as línguas como diz Camblong (2006, p. 8)

[...] lo que para el centro es exótico, para nosotros familiar; lo que para el Estado Nación es extranjero, para nosotros, vecino; lo que las gramáticas distinguen, nosotros lo usamos mezclado, pues también en el habla atravesamos fronteras, y a la vez, las fronteras nos atraviesan en continuidad.

Nesse sentido é interessante descobrir as tramas, as implicações de um povo, como se fossem as tramas de fios superpostos utilizados para a confecção de um tapete. A metáfora ajuda a entender como e de que forma se constrói as vivências nas diferenças do sujeito fronteiriço.

Nesta fronteira, as diferenças, a diversidade nas paisagens naturais, a miscigenação entre brasileiros e argentinos, as tensões, preconceitos e admirações se fundem a partir da empatia ou do repúdio e indiferença, sentimentos produzidos já há muito tempo, pelos pioneiros formando a idiosincrasia desta fronteira.

Na fronteira vive-se entre dois mundos, na intersecção de um e outro. Sobre a questão, Baumann (1998, p. 44) afirma que: “[...] as diferenças tanto as nossas como as dos outros são todas produtos humanos, culturalmente produzidos. Mas, dizem, diferentes culturas fazem seus integrantes com diferentes formas e cores, e isso é bom”.

Sobretudo se comparado com localidades situadas mais próximas dos grandes centros urbanos. A moda, os produtos alimentícios, os jornais e revistas impressos, os instrumentos de trabalho vindos de outras localidades, os serviços especializados, entre outros. Porém, na falta de opção, os comércios vizinhos de ambas as margens do rio, permutam, emprestam, devolvem, substituem, vendem e facilitam a vida e o dia a dia do fronteiriço.

Dessa constatação emerge questionamentos: as dificuldades encontradas pelos sujeitos que vivem nesta zona, os tornam mais ágeis, criativos, para resistir as dificuldades que se apresentam no cotidiano? Os sujeitos fronteiriços inventam estratégias de sobrevivência para facilitar a rotina diária? Considero importante dizer que os fronteiriços são acostumados a viver em uma área de trânsito e disputa, entre duas línguas faladas por sujeitos que a misturam e mudam com facilidade e desenvoltura, e buscam no estrangeiro o suporte que o local em que residem lhes nega. Como vizinhos os sujeitos fronteiriços promovem elos que geram hábitos que

produzem o sentimento de pertencimento²¹, entre eles: respeitam a cultura étnica, racial, linguística, religiosa, bem como as nacionais.

Ao voltar o olhar para a fronteira, percebo que, apesar de ter um conjunto de símbolos que a represente, ainda assim a incerteza é um componente desse conjunto. Nas frases e ditos populares essa inquietude se manifesta: “Por que não temos um estilo de música só nosso? Se o reviro a paraguaia é comida típica desse local, porque dizer que é a moda paraguaia, não se poderia dizer a la frontera, ou fronteira?” Percebe-se que há uma necessidade de afirmação da identidade.

O Senhor Elizandro Marcos Pellin em seu depoimento questionou: “Qual é nossa identidade na fronteira? O que é que nos representa nesta mescla de gente e costumes?” (entrevista em 03/04/2015). A ideia de incerteza pode ser o resultado da falta de conhecimento de artefatos identitários, que possuem a função de representar os fronteiriços ou por desconhecer símbolos imateriais deste espaço de fronteira?

As perguntas interpostas pelos entrevistados fazem emergir novo questionamento: Como os fronteiriços incorporam e tomam para si determinadas representações?

Quando se fala em representações sociais, parte-se de outras proposições. Acredita-se que elas são elaborações mentais geradas no âmbito social, que parte da dinâmica que se realiza entre a atividade psíquica do sujeito e o objeto do conhecimento. Relação que acontece na prática social e histórica dos seres humanos e que se desenvolve pela linguagem.

Para Woodward, (2000, p.17), “a representação atua simbolicamente para classificar o mundo e nossas relações no seu interior”. Portanto, a representação faz parte das atividades diárias, já que o mundo é um constante selecionar, eleger, especificar entre outros, na vivência do sujeito.

Diante do exposto, torna-se importante estabelecer os vínculos entre representação e identidade. Para Kathryn Woodward, (2000, p.17)

A representação incluiu as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e aquilo que somos.

²¹ Pertencimento: É a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos, que pensam em si mesmos como membros de uma coletividade na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações. Esse sentimento pode fazer destacar características na qual símbolos expressam valores, medos e aspirações. Esse sentimento pode fazer destacar características culturais e raciais.

Por este viés a representação é responsável por constituir identidades, e os sistemas simbólicos nos quais se baseiam, pois os indivíduos elegem posições, quando sujeitos pelos discursos, assumindo-os.

No mesmo viés que Woodward, Hall (2000) estreita os laços entre identidade e representação, esclarecendo que,

Utilizo o termo identidade para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, de um lado, os discursos e as práticas que tentam nos interpelar, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. As identidades são, pois pontos de apego temporário as posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou fixação do sujeito ao fluxo discursivo.

Portanto, a identidade são os posicionamentos assumidos pelos indivíduos, por meio das representações. O entrevistado Elizandro Marcos Pellin assim se referiu sobre a identidade fronteiriça:

[...] está em formação. Não podemos dizer que temos uma cultura fronteiriça. Quero crer que nós temos na grande maioria, uma característica própria aqui do fronteiriço, e que teria que ser mais valorizada. O meu sonho é que um dia alguém consiga ambientar uma obra ficcional nas barrancas do Santo Antonio, com essa cara dessa gente, dos Barros e dos Medeiros, dos italianos. Vamos fazer, criar essa nossa identidade (entrevista em 03/04/2015).

As dúvidas, as angústias e incertezas são sentidas nas palavras do compositor entrevistado, que gostaria de transformar a fronteira culturalmente, numa terra de mais oportunidades, inclusive culturais. Encontro em Maffesoli premissa importante para tal discussão (2004, p. 74) “a angústia persegue o criador. Seja profeta, revolucionário, artista ou pensador, ele faz deste conhecimento a base de sua construção ou reconstrução”.

Segundo Woodward (2009), há uma justaposição entre os termos, ao versar sobre a identidade individual, neste caso, se está falando de subjetividade, que se refere a um perfil individual ou uma maneira de ser, aos sentimentos e emoções de indivíduos e seus traços característicos e morais, sem deixar de lembrar que não existe subjetividade sem um esquema cultural que seja útil como guia. Isso quer dizer que a subjetividade é formada por dois elementos centrais: o sujeito e as estruturas nas quais ele interage.

As pessoas possuem o poder de interpretar e dar sentido às práticas sociais. Utilizam variados sistemas de significação para se expressar, para sistematizar, organizar e regular seus

modos de proceder em sociedade. Estes códigos permitem dar sentido às práticas do cotidiano, e também possibilitam dar significados às relações com o outro.

No momento atual, os meios de comunicação encurtam a velocidade em que as imagens são veiculadas. Estas alterações culturais globais criam rápidas mudanças sociais, quase ao mesmo tempo sérios deslocamentos no modo de viver das pessoas. Assim, pode-se afirmar que,

[...] a nova mídia eletrônica não apenas possibilita a expansão das relações sociais pelo tempo e espaço, como também aprofunda a interconexão global, anulando a distância entre as pessoas e os lugares, lançando-as em um contato intenso e imediato entre si, onde o que ocorre em um lugar pode estar ocorrendo em qualquer parte [...] Isto não significa que as pessoas não tenham mais uma vida local — que não mais estejam situadas contextualmente no tempo e espaço. Significa apenas que a vida local é inerentemente deslocada — que o local não tem mais uma identidade “objetiva” fora de sua relação com o global (DU GAY, 1994, p. 145).

O debate de Du Gay (1997) supõe que o mundo se torna um local único, tanto do ponto de vista espacial e temporal quanto no que se refere à cultura. Há que se admitir que o crescimento das gigantescas transnacionais das comunicações, tais como a CNN, a Time Warner e a News International, favorece a transmissão para o globo de conjuntos de produtos culturais emblemáticos, utilizando tecnologias seguindo modelos padronizados, borrando as peculiaridades e diferenças locais, a partir disso produzindo, em seu lugar, uma cultura mundial de características homogeneizadas.

A cultura global precisa das diferenças para prosperar, mesmo que apenas para convertê-las em outro produto cultural para o mercado mundial, como por exemplo, a cozinha étnica. Esta pode ser definida como, o sabor de certos alimentos e a singularidade de certos temperos, são um testemunho do passado, e reafirmam que apesar dos anos este passado não se perdeu, “que ele sobrevive na maneira de assar o pão ou no odor forte de ingredientes que, não sendo encontrados no novo país, são preparados em casa, impregnando os quartos e corredores da memória”, (BELLUZZO, 1999, p. 13). Portanto, torna-se mais provável que se produza simultaneamente novas identificações mundiais e novas identificações nos locais de vida dos sujeitos.

O resultado da mistura cultural, ou sincretismo, atravessa velhas fronteiras, pode não ser o esquecimento do antigo pelo novo, mas o surgimento de algumas alternativas híbridas, condensando elementos de ambas, mas que não se reduz a nenhuma delas, como acontece geralmente nas sociedades multiculturais.

Apesar da fronteira situar-se longe dos grandes centros, sabe-se que a globalização interfere no modo de viver do indivíduo fronteiriço. O deslocamento ou descentração dos indivíduos, no meio social e cultural, bem como de si próprio, constitui crises de identidade para os indivíduos, a qual foi percebida nas diversas nuances na fala dos entrevistados. Hall (1992, p. 2) desenvolve um argumento importante para compreendermos a situação,

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Nesse contexto podemos afirmar que a identidade não é algo pronto, formatado. Os fatores que a movem mais intensamente é a nacionalidade, porém há outros: profissão, religião, etnias, gênero, classe social dentre outras.

Portanto, não é possível pensá-la sem a relação com a diferença, pois se encontra num constante sistema de significação e ressignificação, além do que se constitui em contextos sociais e culturais diferenciados. Na fronteira entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, “a identidade é assim, marcada pela diferença” (WOODWARD, 2000, p. 9). Inclusive pelo biotipo dos fronteiriços decorrente das diferenças raciais e étnicas que os compõe.

Em alguns aspectos a cultura desta fronteira é antagônica, como por exemplo o empréstimo dos costumes culinários entre os fronteiriços que se deslocam em ambos territórios carregando consigo suas práticas culturais.

Sobre esse aspecto o depoente Paulo Ricardo dos Santos diz,

E a culinária no Brasil? Entramos muitos quilômetros para dentro com nossos brasileiros tomando café com reviro, e a gente entra aqui para a Argentina, o pessoal está tomando caipirinha com feijoada [...] As bandeiras nas escolas, o respeito dos alunos pelo mestre, eu sinto isso, uma diferença grande que a gente não costuma ver no Brasil dessa forma. E a Gendarmería Nacional deles, o uniforme, a imponência, a soberba, a forma altiva como se porta ainda a autoridade argentina (entrevista em 20/11/2014).

Se os sujeitos fronteiriços apresentam proximidades, também revelam diferenças, e é neste tensionamento entre identidade e diferença que se forja a cultura fronteiriça. Na constituição da investigação as perguntas subsistem: quem são os sujeitos fronteiriços? Como vivem? Que espaços usam para entrelaçar suas atividades cotidianas?

1.4 Como nos constituímos fronteirios?

No cotidiano desta fronteira, rompe-se a integridade de pensar em identidade única, rasuram-se os limites do que fora instituído na modernidade tais como a ideia de domínio da razão, das grandes teorias universalistas, do progresso da ciência como balizador para melhoria de vida das coletividades, dentre outras.

A crise individual soma-se a crise coletiva das identidades nacionais. O processo de globalização evidencia a fluidez das fronteiras nacionais, igualmente difusas.

Nesse contexto, duas ideias centrais emergem: o deslocamento, ou seja, a perda da própria identidade, o não reconhecimento de “si” mesmo. E o descentramento, em que torna o sujeito sem referência estável. Por isso, questiona sua identidade.

Novos questionamentos se insinuam. Os sujeitos fronteirios são uma multidão híbrida que se move entre um lado e outro da fronteira? Podemos pensar na pluralidade das identidades desses sujeitos?

Se não tenho a pretensão de respondê-las, preciso, de qualquer forma, encaminhar a discussão sobre a temática e talvez a poesia possa contribuir para ilustrar a dualidade do homem fronteiro.

“Outrora eu era daqui, e hoje regresso estrangeiro. Forasteiro do que vejo e ouço, velho de mim. Já vi tudo, ainda o que nunca vi, nem o que nunca verei. Eu reinei no que nunca fui” (PESSOA, 2004, p.5).

Será possível manter contato com o outro, e não tornar-se um pouco estrangeiro, ao sair das linhas divisórias impostas pelos acordos políticos? Será possível regressar o mesmo, após a viagem, o passeio, os diálogos, as vivências com os que vivem além fronteira? Será possível não ser forasteiro, numa terra em que a cultura está sempre em processo de conjugação?

Será possível ter visto tudo, sem estar lá, sem tocar nos objetos que contam a história de um povo, sem comer das suas comidas típicas?

Ser rei, em terra estranha, não será subestimar a cultura do vizinho, que vive em outra pátria e defender a soberania da sua terra natal?

O homem pós-moderno, se abre para outras culturas, e interage com elas. Nesse aspecto é importante a contribuição de Maffesoli, (2004, p. 95) quando afirma, que o sujeito moderno é,

Senhor de sua história, capaz, com outros indivíduos autônomos, de fazer a história do mundo, ele é educado para exercer uma função nas instituições programadas pela sociedade. A pessoa, em contrapartida, tem identificações múltiplas, suas máscaras (personà). Estruturalmente dependente dos outros (heteronomia), ela se limita a desempenhar papéis nesses conjuntos de afetos que são as tribos.

Todos carregam em si, características dos lugares onde vivem, nesta fronteira os genes que se fundem fazem nascer novos fronteiriços, filhos de argentinos e brasileiros. Sabemos que os corpos são culturalmente inscritos. Para WOORDWARD, (2000, p. 15) “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras, que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade”. Estes “corpos” que se movem, que transitam pelos espaços sociais, o que transmitem? Que historicidades revelam?

O entrevistado Elizandro Marcos Pellin, se referiu aos habitantes e San Antonio e de Santo Antonio do Sudoeste assim:

Você passando a cavalo pelos antigos carreros que já estão fechados, já estão se fechando. Você só vai encontrar brasileiros. A grande maioria que vive no interior aqui nas barrancas do Santo Antonio são pessoas que vieram de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul, boa parte com problemas com a justiça. [...] San Antonio está adstrita ao funcionalismo público, a maioria das pessoas que vieram de fora, claro que agora nós já temos gerações, filhos desses argentinos propriamente ditos, que naturalmente falam espanhol, que tem dificuldades em pronunciar o português e que levam efetivamente a bandeira argentina. [...] Nessa fronteira, tem descendentes de paraguaios, que falam guarani e que eram pessoas que mexiam com erva mate, esses tarefeiros²², que também forma uma casta distinta. [...] O aspecto que mais nos identifica é com a cultura sulista, gaúcha, nós somos um pequeno apêndice do Rio Grande do Sul. A fronteira, é uma cara do Rio Grande, com algumas adaptações (entrevista na data de 03/04/2015).

Pela fala do entrevistado, podemos inferir que a fronteira é uma construção social. Naquele lugar transforma-se os espaços físicos pelo esforço do trabalho, das relações sociais, comerciais, econômicas, de amizades, de interação de aprendizado com outros indivíduos e grupos. Sobre a questão é expressivo o que disse o trabalhador da gendarmería José Espínola, que tem sua origem a 1400 quilômetros de onde reside atualmente, na Provincia de Formosa, Argentina, quando indagado sobre como descreve a fronteira disse:

Es la unión de dos países territorialmente, que intercambian cultura, en este caso con diferentes lenguajes y una gran rivalidad futbolística. Que el argentino toma mucho las costumbres de Brasil. Y, que los brasileiros no toman la cultura argentina. El brasileiro no habla español y en Argentina, acá en San Antonio todos hablan portugués. Y además, admiro el brasileiro porque sobre todas las cosas, siempre mantienen su cultura, y el patriotismo también (entrevista em 05/12/2014).

²² Tarefeiros: Trabalhadores que cortavam a erva mate nativa, amontoavam, colocavam dentro das carroças ou no lombo dos burros e cavalos.

Para quem vive nesta fronteira, nos dias de jogos das seleções do Brasil e Argentina, a tensão é vivida intensamente pelos habitantes fronteiriços. Ouve-se piadas de mau gosto, surgem apostas entre amigos “híbridos”, e há também os brasileiros e argentinos que por respeito aos amigos e familiares colocam ambas as bandeiras expostas em lugares visíveis como nos carros ou nas casas e locais de comércio.

Ao conversar com moradores do lugar, eles dizem que a maior rivalidade desta zona, é o futebol entre as duas seleções representantes das nações, brasileira e argentina. Porém, Martins (2009, p. 30) considera, “[...] a situação de fronteira como lugar social de alteridade, confronto e conflito”. Tal afirmação coloca em dúvida o que os moradores disseram sobre a rivalidade futebolística, pois não só o futebol apresenta situações de tensões. Martins (2009, p. 10) se refere a fronteira, “[...] a um modo de viver no limite, na fronteira, e às ambigüidades que dela decorrem”. Sobre a questão do futebol o historiador Burke (2003, p. 34), afirma: “O futebol brasileiro é um exemplo mais ameno de hibridização, já que segue as regras formais internacionais ao mesmo tempo em que apresenta um nítido estilo nacional de jogo. A hibridização é ainda mais óbvia em outra das principais instituições culturais brasileiras: o carnaval.

A asserção do historiador em relação ao futebol brasileiro, identifica o hibridismo como um componente da nacionalidade brasileira, se isso é verdade em relação a representação de nacionalidade, também o é em relação ao lugar que duas ou mais nacionalidades se encontram. É nesse sentido que Burke, (2003, p. 16) descreve a cultura como “um sentido razoavelmente amplo de forma a incluir atitudes, mentalidades e valores e suas expressões, concretizações ou simbolizações em artefatos, práticas e representações”.

Na fronteira entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, não é raro ver mulheres e homens usando alpargatas e bombachas compradas no comércio da Argentina. Enquanto que os famosos “tacones”²³ do comércio brasileiro fazem sucesso entre as mulheres que vivem no outro lado do rio. O que me remete a Woodward, (2000, p.10) “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa.” O sujeito usa estes ou aqueles vestuários, junto às roupas, usa adornos como chapéus, relógios, bolsas, determinado tipo de calçado dependendo da região em que vive. Bebe esta ou aquela bebida, come deste ou outro tipo de alimento, que são portadores de simbologias, e que estão relacionados a quem pertencem a esta ou aquela identidade.

A entrevistada Laura Josefa Montenegro, assim referiu-se sobre o ato de comprar na fronteira,

²³ Tacones: Sapatos de salto alto.

[...] Cuando hacen las compras cada uno ya dice, esto compro en Argentina, esto compro en Brasil. Como eligen las mercaderías que van a comprar de un lado a otro. Ellos tienen sus compras, sus movimientos del sábado. Vos sabés que el sábado va estar lleno de gente porque vienen los brasileros a Argentina, también así como cuando estaba el cambio era normal que en Brasil iba todos los argentinos a invadiendo (entrevista em 16/10/2014).

Através das palavras da entrevistada, percebe-se que tal movimento é natural na fronteira entre os moradores.

Os sujeitos fronteiriços vivem em um espaço socialmente inscrito. Neste sentido para Certeau (2013), o espaço se realiza enquanto lugar vivenciado. Quando ocupado, o lugar é imediatamente ativado e transformado, passando a condição de lugar praticado. Em tais lugares de interação, os indivíduos se emancipam, tornam-se hermanos pelas diferenças que vivenciam e partilham.

A vida cotidiana na fronteira é permeada de conflitos. Há conflitos relacionados às diferenças culturais, às formas como estabelecem relações comerciais. Situações que são vivenciadas pelos moradores e transeuntes e que são autoquestionadas antes de passar a ponte são: O carro que dirijo não está no meu nome, como procedo? Será que posso levar um buquê de flores para minha namorada? Tenho registro de vacinação de meu cãozinho, será que posso viajar com ele? Meu filho é órfão de pai, levo o Certificado de Defunción²⁴ para apresentar a migração Argentina? Posso usar o carro oficial do município para ir a San Antonio levar documentos à municipalidade? Não tenho documentos brasileiros, será que posso fazer exames de saúde em Curitiba? Devo solicitar as notas de compra no comércio de San Antonio para voltar ao Brasil?

Situações parecidas com essas todos os dias são vivenciadas pelos habitantes da fronteira, ou pelas pessoas que por ela transitam. Enfim, peculiaridades da fronteira que como escreveu Maffesoli (2004, p. 71) envolvem “um querer obstinado, preferindo a existência tal como ela é, apesar de tudo”.

Em busca das cores locais brasileiras, do modo criativo de vestir dos brasileiros, da possibilidade de encontrar materiais de natureza popular, muitos consumidores argentinos procuram o comércio de Santo Antonio do Sudoeste para fazer suas compras, mesmo que o câmbio da moeda argentina não os favoreça.

19 Certificado de Defunción: El certificado de defunción es el documento oficial que acredita el fallecimiento de la persona.

Conforme a depoente Laura Josefa Montenegro, assim os fronteiriços de San Antonio imaginam e planejam no que se refere ao ato de fazer compras neste lado fronteiriço

No creo que haya alguien en San Antonio que no tenga algo en su casa, algo de Brasil. No creo que exista alguien que no haya construído algo en su casa logrado en Brasil. Seguro que no tiene. Hasta un adorno de jardinería tiene de Brasil, no hay gente! Las planteras, todo. [...] Ya es un hábito, una costumbre que tiene la gente de la frontera a venir a comprar a Brasil o elegir: a Brasil tales cosas lo ve así (entrevista em 16/10/2014).

Na fronteira é comum, nas festas de ambas as margens do rio Santo Antonio, ter a participação das pessoas das duas localidades, devido a aproximação geográfica, pela amizade entre os moradores, pelas relações familiares entre argentinos e brasileiros que se estreitam com o passar do tempo, com a oficialização dos casamentos, dos namoros, por proprietários de ambas nacionalidades que por alguma razão instalam seus estabelecimentos comerciais no outro lado do rio, do intercâmbio entre faculdade, e escolas públicas realizadas entre os dois países, que propiciam relações de proximidade.

Sobre tais relações entre os fronteiriços posso dizer que há a produção de um lugar no sentido concebido por, Hall, (2006, p. 19) quando diz que: “o lugar é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão estreitamente ligadas”.

O cotidiano molda o fronteiriço e novamente a educação informal se evidencia, nas atividades híbridas em que podem ser identificadas em diversos segmentos sociais. Nas instituições de ensino da fronteira, aborda-se a origem das Festas Juninas, os símbolos e elementos que estão em seu entorno para posterior realização da Noite Festiva, em que as receitas das comidas servidas são copiadas pela internet pelos alunos argentinos, ou ensinadas por familiares que tem vínculo com o Brasil ou são de origem brasileira e vivem na outra margem do rio. Há que lembrar que escolas municipais de Santo Antonio do Sudoeste, fazem intercâmbio de práticas pedagógicas entre professores e alunos, e estes participam das principais festas organizadas pelas instituições escolares.

Outro exemplo significativo do hibridismo no espaço social de ambas as localidades é a realização das festas do padroeiro Santo Antonio. Em Santo Antonio do Sudoeste há 46 anos, acontece a Trezena de Santo Antonio que culmina com a Festa do santo que dá nome ao município.

Fotografia 5: Imagem de Santo Antonio no morro do Bairro Novo Horizonte.



Fonte: Fotografia registrada por Marilce Auxiliadora Mari na data de 12/08/2015.

A participação de “los hermanos” é notável pelo número de fiéis que cruzam a ponte para rezar com os fiéis brasileiros, além do que a participação do pároco de San Antonio é tradicional em pelo menos uma noite da trezena, para ministrar a missa, que por maior esforço que faça é rezada em portunhol.

A festa do padroeiro em San Antonio acontece geralmente no dia anterior a deste município, com a participação de fiéis, populares e religiosos brasileiros envolvidos na celebração festiva, em que é servido asado e mandioca, regado à cerveja e vinho.

Para reforçar as relações entre estes dois povos fronteiriços, nos dias que é comemorada a Independência da Argentina em 25 de Mayo, e do Brasil no dia 7 de Setembro, os Departamentos de Esportes das duas municipalidades vizinhas organizam os clássicos de futebol entre veteranos e jogadores atuais das duas seleções dos municípios. Desse modo, busco apoio em Burke (2003, p. 31) para reafirmar o conceito de hibridismo fronteiriço, pois “[...] devemos ver as formas híbridas como o resultado de encontros múltiplos e não como o resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos”.

Entre outras expressões de hibridismo cultural nesta fronteira, podemos citar o FRONTERART, Festival de Arte da Fronteira, realizado nos meses de janeiro por 8 anos

consecutivos até janeiro de 2013, organizado por estudantes que retornavam de Posadas para a casa de seus familiares para passar as férias em San Antonio, e adeptos da arte.

Artistas amadores, brasileiros e argentinos usavam as dependências da Escuela 612, de San Antonio, para realizar o festival de música, teatro, oficinas de leitura para crianças e adultos, feira de livros e artesanato regional, mostras de curta- metragens e encenações.

Como exemplo cito a peça Valmir, do grupo de Teatro Verde Araucária de San Antonio, que representa o cotidiano do fronteiro, premiada numa mostra de teatro em Buenos Aires. Peça que foi apresentada no ano de 2013, uma comédia que narra a história de um jovem que sai para estudar fora, em Posadas. Ele é filho de agricultores semi analfabetos que residem em uma chácara no interior de San Antonio. Seus pais, e ele mesmo, Valmir, falam portunhol. Ao deparar-se com a capital, ele enfrenta preconceitos devido ao seu modo de falar, de vestir, pentear o cabelo. Com o tempo começa a mudar seus hábitos, adquirindo os costumes da cidade grande. Encontra uma moça com quem começa a namorar. Muda seu jeito de se vestir, começa a falar diferente, passa gel nos cabelos e inova seu penteado. Ele marca o noivado com a jovem, e seus pais se preparam para ir à casa dele na Capital. Antes disso, organizam toda a vida diária, pedindo favores para os vizinhos, inclusive a um brasileiro que morava ao lado de seu sítio. Eles partem com o CRUCE, empresa de ônibus que realmente faz linha de Posadas a San Antonio. Ao chegar na cidade grande, enfrentam o movimento do trânsito, as pessoas não lhe dão informações, e com muita dificuldade chegam até o apartamento do filho Valmir, que está totalmente diferente sob o olhar dos pais.

Questionam o que o conhecimento fez com o filho para estar tão diferente. Dizem que era para ele estudar e não se transformar em outro. A mãe briga com o pai do rapaz, por tê-lo deixado sair de casa. Não aceita a moça como sua nora. A moça se insinua para o velho que acaba provocando ciúmes na esposa. Mostram nos diálogos as diferenças vivenciadas pelo homem do interior e os jovens da cidade grande, a aculturação de Valmir frente ao cotidiano da capital.

Nessa festa, artistas e público de fora, instalavam-se em barracas nas imediações da escola 612, voluntários das duas comunidades, entre eles professores, artistas amadores, professores aposentados, estudantes, e admiradores da arte cozinhavam para os participantes vindos de regiões mais distantes da Argentina e Brasil. Era servido arroz branco, estofados²⁵, e saladas.

²⁵ Estofados: Um dos pratos mais populares preparados no dia a dia das famílias argentinas, a base de carnes de gado ou porco, com batatas e cenouras cortadas em cubos, agreagado a milho, tomates, cebolas e condimentos a gosto.

Durante as apresentações, na maioria das vezes os pais dos organizadores, e professores da comunidade vendiam chouripan²⁶, sucos e refrigerantes para o público em geral, cujo lucro era revertido para pagar as despesas de comidas e materiais de divulgação nas mídias brasileiras e argentinas, bem como os materiais para produção do evento. Estas atividades culturais, foram realizadas em espaço urbano o que para Fernandes, (2007, p. 85) diz que

O espaço cidade é um local de ações sociais, políticas, poéticas, culturais, de procedimentos de resistência e de criatividade, de relação entre espaços de circulação, de encontro, de vivência, fruição, que coloca em contato diferentes formas de pensar, sentir, agir e se colocar dos grupos sociais, fruto de seus repertórios e contextos culturais.

No espaço cedido pela escola 612, de San Antonio, as manifestações culturais se inserem no contexto educativo o que para Fernandes (2007), o termo educação envolve um leque amplo de experiências educativas, informativas e formativas que não se resume à experiência escolar, formal.

Nesse entendimento os sujeitos fronteiriços vivem entre aliar os contrários que dá o tom dessa civilidade. Afastados da ideia da linearidade, convivem com o imprevisto, sem deixar de tirar proveito das próprias dificuldades. Vivem como se estivessem na confecção de um tapete feito de retalhos, em que a fusão impera, formam-se as imagens cotidianas que passam a constituir o repertório da cultura local.

A socialidade²⁷ integra elementos como o lúdico, o onírico e o imaginário. Serão artifícios para facilitar o próprio cotidiano? Para Maffesoli (2004, p.149)

Trata-se de uma outra sabedoria, vale dizer, uma sabedoria integradora da alteridade, qualquer que seja ela... Esta sensibilidade em relação ao outro (em si, na natureza, na vida social) leva a uma concepção ampliada da realidade. Realidade plural, polissêmica. Realidade absoluta. A da experiência e do vivido coletivo).

²⁶ Chouripán: Consiste em um pão cortado ao meio em que se coloca uma lingüiça assada e acrescenta-se maionese, ou molho a base de tomate, cebola e óleo.

²⁷ Socialidade: Imenso corpus das piadas, sentenças, provérbios, gírias, do teatro político ou das literaturas populares, tudo isso foi muitas vezes apresentado com razão, como o lugar de uma resistência eficaz. Podemos acrescentar que essa resistência pode funcionar porque suas práticas apenas podem se fazer, no sentido simples do termo, simbolicamente, elas são fatores de socialidade. Elas constituem de alguma maneira senhas que permitem o reconhecimento. Reconhecimento de si, a partir do reconhecimento do grupo. Existe uma poética do cotidiano, que ainda que ela não seja reconhecida, oficial, canonizada, não é menos geradora de socialidade. Ela é constituída de minúsculas atitudes diárias, trajetos, discussões, bricolagens, cozinha, passeios, compras, etc., atitudes pelas quais um grupo de indivíduos se reconhece como tal. Esse reconhecimento ou essa identidade não são uniformes, longe disso, são mutantes e transformáveis, mas constituem através da própria pluralidade de suas expressões, uma sólida trama, à imagem desses fios diversos em suas texturas e colorações, que constituem, em seus múltiplos entrecruzamentos, os tecidos resistentes que conhecemos.

Os sujeitos se reconhecem e se reencontram consigo mesmos e com os outros, em um movimento contínuo, no qual, seguidamente, identificam-se tanto com um grupo como com outro. Assim, seguem constituindo suas identidades, que já não são mais fixas, porém complexas e ambíguas.

Neste movimento de interfaces culturais, neste processo em que os fronteiriços vivenciam o cotidiano, registro a opinião da professora Laura Josefa Montenegro, a qual pronunciou-se em relação as mídias que atravessam os espaços fronteiriços e influenciam principalmente o comportamento dos jovens:

Encuanto a las modas, [...] a las modas negativas, que es la invasión de los medios de comunicación, eso que hace con que los jóvenes estén todo el tiempo pendientes de su imagen, más que nada la zona rural, donde todavía las tecnologías no llegan con tanto ímpetu los chicos acaban no tiendo esta contaminación en la frontera, son más libres, más naturales (entrevista em de 16/10/2014).

As informações midiáticas constroem formas múltiplas de expressão, que revelam os diálogos, as possibilidades de reconhecer os sujeitos na historicidade produzida por eles no passado, na capacidade de relacionar-se com outros grupos, de criar e re-criar diferentes formatos de produções culturais baseados no que foi, que deixou de existir, mas que transformou o presente.

PIQUE DOIS - IR e VIR: OS ELOS DA MEMÓRIA

Tomo a palavras dos entrevistados como material para comparar, escrever, (re) memorar, trazer para o presente fatos do passado com referência às localidades que foram pesquisadas para averiguar o presente nesta zona fronteira, e averiguar se os fatos narrados tem conexão com a identidade local.

É coerente perguntar: os conflitos de uma época ainda persistem, que nuances eles tem, são os mesmos do passado relatado pela maioria dos entrevistados por meio de suas memórias, ou também os conflitos nesta zona fronteira se transformaram?

A lembrança e a tradição fazem com que o que foi realizado permaneça. Escreveu Davallon, (1999, p. 25) “para que haja memória, é preciso que o acontecimento ou o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o domínio da insignificância.” Com base nesta ideia, é possível afirmar que os acontecimentos relatados pelos depoentes durante a investigação para a elaboração deste trabalho, saíram da “indiferença” bem como deixaram o “domínio da insignificância”. É o que há de relevante na memória social, é o que sobreviveu do passado. Sobre a questão, Bosi (2004, p. 37) se refere a memória como o “lado subjetivo de nosso conhecimento”. A autora diz que convém destacar que a lembrança abarca aspectos subjetivos do relacionamento de uma pessoa com a família, com a classe social, com as instituições escolares, com os vários grupos de convívio humano e as diferentes peculiaridades relativo a eles.

Nenhum homem pode dizer que está só, pois mesmo que sentindo-se solitário, mesmo negando o que realizou ou assistiu, convive com as lembranças do passado, e em sua memória permanece o que lhe foi mais significativo, tanto bom, quanto ruim. Neste caso Zagury (1982, p. 106) escreveu que “memórias são depoimentos pessoais no intêrmino processo, e valem por más testemunhas os que silenciam egoisticamente sobre o que fizeram ou viram fazer”.

Motivar o ato de narrar nos depoentes, é dar possibilidade para que eles retornem ao que Santo Agostinho definiu como sendo “imagens de fragmentos do vivido” ou “recriação de originais perdidos”. (GRAGOATÁ, 1999. p.98). Entre a tênue linha que separa “as imagens de fragmentos do vivido” e a “recriação de originais perdidos”, busco respostas, faço questionamentos, trabalho com hipóteses, ao sondar o passado e as relações deste com o homem, com o fato descrito ou narrado, com os monumentos biográficos que retratam o sentimento, práxis social e cultura, que são elementos indispensáveis para conhecer as memórias, de um grupo social determinado, neste caso a dos fronteirizos que vivem em Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio.

A foto a seguir é onde se localizava um ponto de passagem dos chibeiros próximo ao rio Santo Antonio na divisa geográfica do Brasil e Argentina, citada por populares como um passo antigo de cavalos, bois, porcos, milho e feijão que eram comercializados em território brasileiro. Tal lugar remete ao que Seixas (2004, p. 40) denomina “lugar de memória” guardado na lembrança dos sujeitos fronteiriços.

Fotografia 6: Passo dos chibos, atualmente denominado Passo da São José.



Fonte: Fotografia registrada por Elizandro Marcos Pellin e enviada na data de 05/04/2015.

Já não sei em que data estamos, nesta casa não há folhinhas, e na minha memória tudo está revolto. As coisas antigas foram desaparecendo. E eu também fui apagando sem que ninguém se desse conta (PERAL, 2002, p. 5).

2.1 Os resquícios do vivido: um olhar sobre o que ficou para trás

As testemunhas do vivido, os jovens de outrora, são os que têm o desejo do relato sobre outras temporalidades. As “folhinhas” do calendário podem não estar fixas na mesma parede, mas o que foi realizado pode ser vivificado pela força da narrativa e pelo movimento de presentificação empreendido pelos sujeitos.

As pessoas idosas para Bosi (1998, p. 60) “já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural”. O movimento descrito pela autora pode ser identificado e evocado pelas narrativas dos moradores considerados antigos, não apenas por meio das declarações nas entrevistas por uma septuagenária e um sexagenário, mas por meio dos depoimentos dos outros entrevistados que são adultos, e pelo seu modo de viver, os quais interagem com pessoas idosas, valorizam as experiências e fazem uma leitura entre o presente e o passado. Para Bosi (2004, p. 108) significa que

A memória do indivíduo”, explicita, “depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo”. E completa: é a vida atual do sujeito que desencadeia o curso da memória. Se lembramos, é porque os outros, a situação presente nos fazem lembrar [...] Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho [...]

Penso ser importante demonstrar a resignificação através dos depoimentos dos entrevistados para este trabalho, pois são todos adultos e com uma carga significativa de memória advinda de suas vivências. Ao comentar suas histórias de vida, eles se deparam com posicionamentos acerca do que viveram, diferentes da época em que viveram, experienciaram, ou ouviram alguém próximo da família ou da comunidade dizer, comentar ou falar sobre determinado acontecimento.

Tomo como exemplo as palavras de dona Adelia Schinguel, que disse: “Eu me banhava no rio Santo Antonio todas as tardinhas, e brincava com os peixes que botavam as barbatanas para fora das pedras na água limpinha, que dava até para beber. Hoje coitadinho do rio, está doente, suas águas estão podres e as autoridades não fazem nada pra melhorar sua situação” (entrevista em 17/04/2015).

Dona Adelia não imaginava que aproximadamente 50 anos depois o rio que ela personifica, através do adjetivo “doente”, fosse esquecido pelas autoridades ambientais e pelo poder público, e segundo seus relatos a população ribeirinha tem o rio como um depósito do lixo que produz. A entrevistada resignifica o sentimento pelo rio, antes com alegria quando diz “brincava” nas águas do Santo Antonio, com a substituição do sentimento de vê-lo sujo, poluído, transparecendo a revolta pelo descaso ao rio nas entrelinhas de suas palavras.

Cito as palavras da depoente para exemplificar o que é a ressignificação, sendo que cada narrativa consiste em um depoimento que para o indivíduo relembra uma emoção, um sentimento, um comportamento no qual por motivos diversos ele não esquece. E assim, ele vai reconstruindo sua forma de ver o mundo e de se relacionar com os outros e consigo mesmo.

Esta reflexão possibilita verificar as informações dos conteúdos de cada depoimento dos oito entrevistados, e o que revelaram. Interessante pensar nesta perspectiva, ou seja, o que cada indivíduo comunica de si mesmo, de sua vida de como superou cada circunstância contada, narrada em seu depoimento. Quais as impressões, sensações, deixadas em cada momento do que vivenciou.

Assim, a abordagem sobre ressignificação consiste em refletir sobre tais experiências como aborda Silva (2008). Ressignificação se refere a capacidade do ser humano de, a partir da reflexão sobre determinado acontecimento vivenciado, atribuir-lhe significados, ora distintos ora semelhantes à significação atribuída na época.

Pensar neste aspecto me faz avaliar o quanto estas memórias são interessantes e instigantes, pois elas retomam etapas da história de cada um de forma a oferecer uma série de informações destas vivências, que são úteis para compor o cenário deste trabalho.

Refletir sobre estas ressignificações me instiga a pensar cada um dos depoentes desta investigação como sujeitos amplamente decididos no que se refere a registrar estas lembranças, sabendo que de forma espontânea a fizeram para que estas ressignificações fossem registradas para outras gerações.

Silva (2008) declara que ao pisar os caminhos sobre lembranças e suas narrativas, o que o depoente elege para guardar ou não, e como registrar estas lembranças é importante para que ele possa organizar tais narrativas e delas possa abstrair sua própria maneira de compartilhar e interagir com os outros e reordenar suas lembranças sabendo que estas de alguma forma lhe informam sobre suas emoções e afinidades com momentos já vivenciados e lembrando, ou na concepção de Halbwachs (1990), reconstruídas.

Para Silva (2008), o conceito de memória é uma relação com o que outras pessoas nos trazem de si e de seus gostos e opiniões, ou seja, quando viajamos, e vemos algo que nos lembra de alguém, logo nos remetemos a algum fato em que esta pessoa estava conosco. Assim, esta lembrança acionada pela memória, nos faz lembrar determinado grupo a que pertencemos por isso o conceito de memória coletiva, está impregnada em objetos, e traduzidos nas lembranças que acionadas vão sendo reconstruídas a partir de cada momento vivenciado, palmilhar este caminho é o que dá este novo significado a cada uma delas.

A importância deste trabalho está em adentrar estes caminhos de ressignificação para cada um destes depoentes pensando no que todas as lembranças destas e vivências nos trouxeram no sentido de reconstrução da própria história de vida. São estas ressignificações que representam para cada um destes depoentes a superação de determinada situação, bem como a forma como ele lida com seu cotidiano.

Assim, para Thompson (1992), a história oral é matéria prima em que o depoente se reconstrói e faz dela algo novo em um lugar como ele mesmo diz, fundamental. E estas são as possibilidades de pesquisar e conhecer estas histórias tanto para os pesquisadores, como para os depoentes.

Estes relatos que trazem uma ressignificação, certamente propõem reflexões ao trabalho de investigação de tais relatos. Estudar cada depoimento é transitar por uma história que cria perspectivas de compreensão e desejo de aprofundar o entendimento das narrativas e do que as permeia.

Ocupar-se com estes depoimentos é um trabalho comparado ao de tecer fios em cada história, com significados diferentes, e poder perceber as suas ressignificações a cada narrativa. Conforme Bosi (2003, p. 15)

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura.

É interessante pensar que as narrativas são as impressões que ficam em cada depoimento peculiar a cada depoente. A marca, o estilo com que cada um deixa suas percepções sobre o tempo em que viveu e a forma de expressar a satisfação de deixar as memórias registradas comunica a importância que tem para eles e ao mesmo tempo para as novas gerações, porque cada informação traz intrínseca a ela, aspectos culturais, do cotidiano de uma vida vivida, da qual é possível extrair uma gama de informações para a vida de quem as escuta e interpreta.

Ao realizar estas reflexões, percebe-se que ao contar a sua história o entrevistado, realiza para si mesmo um exercício de enfrentamento e de realização quando recorda. Ele se dispõe não apenas a contar, mas a palmilhar a sua história enquanto indivíduo para deixar para si e para o outro o próprio legado, a sua história, aquilo que ao selecionar para contar de suas lembranças lhe foi mais precioso e relevante.

Mesmo diante de dificuldades ou desafios os depoentes fizeram o exercício de registrar e deixar um pouco de si em cada um de seus depoimentos, deixando, como pude perceber a sua forma de ver, de olhar os acontecimentos já com suas ressignificações, com suas formas peculiares de vivenciar cada momento de suas vidas.

É neste exercício de registrar as narrativas que residem as subjetividades e as ressignificações de cada momento vivido. Mais que um registro, para eles é o momento de serem ouvidos e de partilhar os seus saberes, contar como foram vividos cada instante das lembranças e acontecimentos.

2. 2 As marcas do vivido: experiências e temporalidades

Ao caminhar pela fronteira entro no limite geográfico da Argentina. Cruzo a ponte e retorno para o Brasil. Penso em meus entrevistados, em suas lembranças, de seus pais, das pessoas que conviveram com eles, de como disseram: “era assim”, “fizeram”, “viram”. O verbo conjugado no passado parece expressar duas questões importantes associadas à memória: primeiro, a evocação e, segundo, a lembrança. A evocação consiste neste movimento que pode ser empreendido pelo sujeito ou provocado, como o fizemos no movimento de pesquisa ao suscitar no sujeito, por meio das perguntas, formas de evocação. E as lembranças, que para Bosi, (1998, p. 53) são “a sobrevivência do passado”.

Assim, evocação²⁸ e lembrança são componentes que auxiliam os sujeitos entrevistados no seu processo de buscar na memória dados, fatos e acontecimentos vividos pela própria pessoa ou outrem. Ao recordar o início do processo de ocupação da região Adélia Schwingel conta que os “homens para derrubar uma árvore precisavam de três machados, pois os troncos eram muito duros. Cortavam o alecrim, a peroba e o lapacho. Do último, não saía serragem e sim um pó de ouro da madeira ao serrá-la” (entrevista em 17/04/2015).

A fotografia abaixo é de uma árvore denominada pelos populares de peroba. Segundo eles, é madeira nobre, muito dura, própria para fazer construções de casas e galpões para abrigar animais e maquinários.

Fotografia 7: Árvore denominada Peroba na margem do rio Santo Antonio em território Argentino.

²⁸ Evocação: movimento de rememoração, ação de lembrar; recordação.



Fonte: Fotografia registrada por Miguel Manoel Benitez, enviada na data de 20/05/2015.

A alocução em que se refere ao processo de corte da madeira em que saia “um pó de ouro”. A fala parece ter a função de demarcar conhecimento sobre os elementos naturais do lugar e a qualidade do que fora encontrado pelos primeiros a chegar na região. Percebo que a narrativa majora os qualitativos atribuídos à fronteira.

Neste momento, sou provocada por um questionamento: o que os entrevistados viram e sentiram e que ficou preso nas ranhuras entre lembranças e narração?

Segundo a senhora Adelia Schwingel, eles habitavam pequenos ranchos de madeira. Disse que na década de 1950, existiam mais ou menos cinquenta casinhas de lâminas, todas enfileiradas, “bonito de se ver”, narrou a entrevistada. No lugarejo moravam os empregados da madeireira Dambros Piva & CIA Ltda.²⁹ Dormiam sobre tarimbas³⁰, viviam da caça e pesca porque na época o plantio e a colheita não constituíam os hábitos cotidianos.

²⁹ Dambros Piva e CIA Ltda: Madeireira que se instalou em Santo Antonio do Sudoeste no ano de 1948, e que adquiriu da “Empresa Argentina S.A. Yerma Compania Financiera Comercial y Industrial parte no Estado do Paraná e parte no Estado de Santa Catarina a área de 22.010 alqueires paulistas constituindo as fazendas Perseverança, Rincão do Capetinga, Marrecas, Santa Cruz e São Domingos.

³⁰ Tarimbas: Estrado de madeira mais alto na cabeceira em que dormem soldados em quartéis, ou postos de guarda. Também pode ser chamada qualquer cama dura e desconfortável.

A partir do comentário, percebo que, para a entrevistada, apesar da vida dura que presenciava e que provavelmente vivia, manteve um olhar sensível que captava a beleza da forma como se organizavam os casebres que sua memória remonta como jogo de quebra-cabeça, a cor do ouro que brilhava na serralagem do lapacho, a visão de um cenário que só é possível acessar por meio da sua memória pois, como afirma Bosi, (1998, p. 53): “o passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças”. Em outro depoimento ouvimos narrativa congênere do Miguel Manoel Benitez que diz:

Hoy mi hecho de vivir en la frontera es mi realidad de vida. Y tenemos otra realidad. No es la misma de hace treinta, cuarenta, cincuenta años atrás. Hay una integración. Los gobiernos democráticos, tanto del Brasil como de Argentina abrieron las puertas del MERCOSUR, eso fue una gran solución. El ablandamiento de la frontera, digamos que nos es tan rígida con tanto controle no. Porque nos es temible de una invasión, la invasión es cultural, y una invasión sana. Porque nosotros llevamos propuestas culturales a Brasil y de Brasil nos llegan las propuestas (entrevista em 16/05/2015).

Como pensar o fato de se viver na fronteira? Para o senhor Benitez, percebe-se que é acompanhar as mudanças, o desenvolvimento, a integração que ocorre entre as duas localidades de certa forma, em sua fala transparece uma intimidade com acordos, como MERCOSUL³¹ visto que o traz para as relações cotidianas. O mesmo depoente ainda externalizou:

Yo vino en el año 1969, mi esposa un año antes. En plena dictadura. Nosotros ni teníamos idea de lo que pasaba. Y en 1977 cuando estaba aun más fuerte, estuvieron los militares, ahí vino el mundial de 1978 que hicieron para distraer a la gente no, mientras tanto se perseguia a los políticos, a los artistas. Si tuvieron ganado la guerra de las Malvinas, aún estaban en los ministerios mandando (entrevista em 16/05/2015).

Apesar de San Antonio, estar localizado no extremo Leste da Provincia de Misiones, Argentina, e Santo Antonio do Sudoeste no extremo Sudoeste do Paraná, tendo uma distância razoável das capitais estaduais, e outros centros urbanos de maior representação política, as pessoas que residiam nestas localidades assim mesmo sentiram a dureza e os efeitos da ditadura militar que faz parte da memória dos habitantes das duas localidades.

Ao falar sobre memória, há que lembrar da memória da política da ditadura militar brasileira, e inevitavelmente se está mencionando ao mesmo tempo a realidade comum de vários

³¹ MERCOSUL: Organização internacional criada em 1991, constituída por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, para adoção de políticas de integração econômica e aduaneira entre esses países, e tendo como associados Chile e Bolívia.

países da América Latina que viveram simultaneamente sob ditaduras militares e percebe-se que os regimes pós-ditatoriais desses países incrementaram, por meio de seus aparelhos repressivos, políticas de esquecimento que foram arquitetadas, como aponta Huysen (2000), por meio de “reconciliações nacionais e anistias oficiais” e “através do silêncio repressivo”.

A idealização de consensos ou de memória consensual coletiva, segundo Perrone (2002), são formas de recuperar a harmonia nacional utilizada pelos governos pós-ditatoriais como estratégia para apagar o passado e promover o esquecimento. Isso faz parte de uma política do esquecimento, que pode ser melhor entendida como Rancière (1996) denomina “polícia”, que se organiza para condicionar a “harmonia nacional”, escondendo os crimes cometidos pelas ditaduras e fazendo encobrir as lutas de resistência desenvolvidas contra essas ditaduras.

É possível assegurar que uma das estratégias desta política de esquecimento foram os processos de anistia. Ricoeur (2003) alega que os processos de anistia, ao buscarem a paz cívica, reconciliando os inimigos viabilizaram certa harmonia social provocando o esquecimento institucional. Nesse sentido, a anistia vai além do esquecimento jurídico, põe fim a todos os processos em andamento e interrompe todas as ações judiciais, impedindo a apuração dos crimes políticos e extinguindo a memória como se nada tivesse acontecido. Além do mais, conforme Ricoeur (2003) esquecer esse passado traumático, indesejado, é querer impedir que a sociedade conheça o arbítrio e a violência política instaurada pelas ditaduras militares. Essa política de esquecimento parece ter sido muito eficiente, pois começou durante o próprio regime militar mascarando os assassinatos de presos políticos que eram divulgados como sendo “suicídio”, balas perdidas, atropelamentos ou assassinatos pelos próprios companheiros.

Conforme Ansara (2008), enquanto os atos de violência se propagavam por todo o país, o regime militar utilizava a manipulação política e ideológica para esconder da população tais acontecimentos. Tal manipulação era praticada através dos meios de comunicação oficiais, da escola formal, do futebol, com toda a ênfase que se deu à Copa do Mundo de 1970 (que ofuscava os acontecimentos), da imposição pelo medo, do milagre econômico e do patriotismo pregado pelo regime.

Ainda citando Ansara (2008), existe uma luta por criar “lugares de memória”, uma reivindicação dos grupos sociais pelo direito ao passado.

De alguma maneira, é nesta luta por criar “lugares de memória” que parece se inserir as políticas de memória. Neste sentido, elas (as políticas da memória) são essencialmente provocadas pelas demandas dos movimentos que lutam pela construção de uma memória popular ou, por assim dizer, de uma “memória dos vencidos”, ou seja, pelos grupos e minorias que criam novos suportes e lugares da memória, através de suas narrativas, de suas

celebrações, de seus rituais e da organização sistemática de seus arquivos. Instaura-se, portanto, uma luta política na qual se confrontam memórias contra memórias envolvendo uma disputa de sentidos sobre aquilo que ocorreu no passado.

É possível afirmar que é um confronto entre diferentes memórias opostas e diferentes versões do passado.

A memória histórica 'oficial' tem sido produzida pelos diferentes equipamentos sociais no sentido de apagar os vestígios que as classes populares e os opositores vão deixando ao longo de suas experiências de resistência e luta num esforço contínuo de exclusão dessas forças sociais como sujeitos que forjaram e estão forjando também uma outra história, nunca narrada oficialmente. (Coimbra, 2001)

Sendo assim, as memórias coletivas, principalmente oriundas das minorias, das categorias populares, se apresentam como uma memória política capaz de gerar contendas despropositais que propagam a contradição entre a "memória oficial" e as memórias esquecidas e, como propõe Paoli (1992:27), reinventam "a memória dos que perderam não só o poder, mas a visibilidade de suas ações, resistências e projetos".

Entre as questões a serem pensadas nas políticas da memória se faz necessário desfazer os mecanismos de institucionalização da memória social.

Ao referir-se a fronteira no que se refere a ditadura militar, o depoente, Elizandro Marcos Pellin, disse que "na época da ditadura militar, os brasileiros que entravam na Argentina eram expulsos a pau. A gendarmería queimava os ranchos deles e botavam eles pra fora" (entrevista em 03/04/2015).

Já o senhor Paulo Ricardo dos Santos falou que:

O Brasil e a Argentina, passaram pela mesma situação, são países que viveram a ditadura militar. Aqueles policiais que viveram a ditadura, pensavam ser a lei, que a lei estava na ponta da botina, do coturno, que resolvia-se as coisas no grito, no empurrão, já se aposentaram. Os novos militares vieram com uma outra formação (entrevista em 20/11/2014).

Os sujeitos são o resultado das experiências dos pais, avós e familiares, os quais interagiram com grupos diferentes, se construíram em outras épocas, com outras tecnologias, com valores culturais diferentes dos atuais. E o fato dos entrevistados se voltarem para os "fragmentos" de etapas da vida o que Bosi (1998, p.68) chama: "a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar."

Conforme Certeau (2011) a narrativa histórica, pressupõe a associação de acontecimentos e personagens, estabelecendo uma trama. A trama da narrativa reporta à imagem de um tecido;

os acontecimentos e as personagens históricas são fios que vão se tramando e produzindo um “tecido”, um texto (o termo texto vem de têxtil, que remete a tecido), porém, dotado de sentido. Tal tessitura narrativa existe em todo tipo de cultura ou civilização, desde os mais remotos tempos.

As informações acerca da ditadura militar afloraram nas falas de quem está re-lembrando por meio das exposições de sobre o que é ser fronteiriço e pertencer ao local, em que as muitas histórias nacionais se entrecruzam.

A Senhora Adelia Schwingel narra acontecimentos que fazem parte de uma história comum e relembra com saudades, da festa, dos momentos de lazer. Contou como se arrumavam para ir aos bailes, nas poucas ocasiões que podia divertir-se e deixar o corpo embalar-se pela sonoridade e embriaguez que a música provoca.

[...] se pintavam com esse papel de fazer coroa, crepom, molhava na saliva e passava nos lábios, nas faces. Deus o livre esmalte, unhas compridas. E o primeiro calçado que veio pras pobres das moças chamava bambucha. Coisa sem salto, sem nada. Dava pra dobrar. De couro cru, camurça por dentro. E depois veio a tamanca pelotense. Ela é de madeira, meio arredondada na ponta, pregada com umas taxa. Ruim de caminhar. Mas era um calçado bom. Ficava elegante! (entrevista em 17/04/2015).

Dona Adélia, usa a terceira pessoa para contar como as jovens se enfeitavam. Há, na descrição detalhada da mulher, atenção às minúcias quando diz do comprimento das unhas, do esmalte usado para pintá-las, do que era usado para dar cor aos lábios e ideia de saúde conferida às maçãs do rosto pela fricção do papel crepom. Na sequência descreve os calçados usados e os materiais usados para fazê-los. Para fechar a sentença, uma afirmação sobre o resultado final do trabalho de produzir-se para o baile: elegância.

Fotografia 08: A depoente Adelia Schwingel ao demonstrar como se maquiava quando era jovem.



Fonte: Fotografia registrada por Marilce Auxiliadora Mari, na data de 17/04/2015.

A sequência narrativa demonstra como o sujeito constrói um relato a partir do tempo presente. Para Burke, (1982, p. 30) [...] imagens, objetos, artefatos, testemunhos, deverão sair da penumbra e passar a fazer sentido num novo contexto”. Uma vez que a depoente diz que não havia sapatos de saltos altos naquele lugar. Isso demonstra que a memória é relacional, uma vez que a mulher negocia como tempo presente pois, ao que parece, nos dias atuais há uma correlação entre saltos altos e elegância “Sempre fui de sapato de salto, vestido bem bonitinho, bastante babadinho, sabe. Usava bota, às vezes com saia, às vezes com calça, islaque de cotelê. É uma roupa boa. Depois usei muito veludo batido. As que não podiam, usavam vestido de chita, de saraça (entrevista em 17/04/2015).

Ao dizer, “as que não podiam”, subentende-se que havia outra camada social, que não era a dela, a “das pobres moças”. Ainda na entrevista de Adelia Schwingel ela diz,

Aqui na década de 1950 não tinha nada, e as bailanta era só no KM 130, no Pesado que era no meio de um vassoural, saíam os bailes a cada 60 ou 90 dias, e tinha também um hotel bem bonito com o nome de Cabapuã, em San Antonio, era lugar de encontro das autoridades de fora para fazer reuniões e se encontrar com as mulheres. Eles não podiam aparecer no Brasil, eram autoridades grandes (entrevista em 17/04/2015).

Conforme os entrevistados, para esta pesquisa, a fronteira desde que a memória deles lembra, é uma zona de desafios. O que Martins (2009, p. 11) escreveu, “na fronteira que encontramos o humano no seu limite histórico. É nela que nos defrontamos mais claramente com as dificuldades antropológicas do que é o fazer história, a história das ações que superam necessidades sociais, transformam as relações sociais.” Entre tais dificuldades, a distância de centros urbanos e comerciais maiores, a convivência com o que está velado, o que está atrás dos limites fronteiriços, do rio: as leis de cada país, a falta de médicos especializados, laboratórios e instrumentos com maior precisão para exames de saúde. A especulação do comércio, a dificuldade em comprar e vender determinados produtos como móveis e eletrodomésticos entre ambos comércios, as estradas de terra vermelha que com a chuva transforma-se em atoleiros, que dificultam o acesso às escolas no interior de San Antonio, tanto para os professores quanto para os alunos.

O movimento do ir e vir na fronteira entre as localidades de Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio é contínuo, pontilhado de paradoxos, como o idioma, o biotipo dos habitantes, a diferença dos ritmos musicais, as comidas, bebidas e outros que são de forma diversa e justaposta, e que forma um conjunto tal como sugere Maffesoli, (2004, p.123) quando diz que “um tecido para ser o que é, é constituído de entrecruzamento de inúmeros fios. O mesmo se dá com o tecido social, que, para ser multicolorido, integra cada coisa e seu contrário”. Tal situação pode ser coligada ao que Bosi, (1998, p.73) escreve quando diz que: “a criança recebe do passado não só os dados da historia escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização”. Portanto, a criança cresce ouvindo múltiplas vozes, convivendo com exemplos, e guarda não só aquilo que viveu diretamente, mas também o que seu grupo de referência experimentou como coletividade.

O enunciado de Bosi (1998) faz lembrar o que disse Paulo Ricardo dos Santos: “o meu pai faleceu com 72 anos de idade, nasceu no ano de 1935 em Santo Antonio, e estudou na Argentina, a exemplo de muitas pessoas naquela época. As primeiras missas, os primeiros padres também vieram da Argentina” (entrevista em 20/11/2014).

O depoente Juan Benitez, ao lembrar de sua infância diz:

Me acuerdo de cuando era niño que pasaba el puente para cambiar plata a mi papá. Ahí pasamos todos. Cuando era niño no tenía casi control, pero ahora las cosas mejoraron, se hay desenvolvimiento hay más reglas, por eso hay los aduaneros, hay el servicio de migración. Pero la libertad permanece sobre el puente, vamos y volvemos y está todo bien (entrevista em 08/02/2015).

As lembranças ficam em quietude, até que sejam invocadas, por meio da visualização de uma fotografia, de um encontro de família, de uma abertura no ritmo da vida cotidiana e que permita criar um espaço mnemônico. Parece que Mnemósine³² mantém a vitalidade da vida coletiva por meio da capacidade humana de transitar entre múltiplas temporalidades e ligá-las por meio do fio narrativo.

2.3 Chibo, chibear, chibeio, chibeaba, chibeando. Verbo? Trabalho de subsistência ou prática cultural?

No espaço fronteiriço, o chibeiro³³ ocupa um lugar no mínimo curioso, senão interessante. Foram raras as pessoas que entrevistei e não se referiram ao chibo, ou ao chibeiro. Sobre ele, ouve-se incontáveis histórias e lendas. Quem é o chibeiro? Personagem saudosista, contando histórias do passado e que circula entre um lado e outro da fronteira entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio? É o comprador de mercadorias de um lado e outro da fronteira?

Não pretendo aqui exaltar a figura do chibeiro, nem julgar se o que ele realiza é lícito ou não, nem mesmo discutir o trabalho enquanto uma categoria para pesquisa, mas registrar essa figura que aparece em todas as entrevistas realizadas na pesquisa para elaboração desta dissertação com apenas uma exceção, bem como na memória dos fronteiriços com quem tenho conversado ao longo da pesquisa para este trabalho.

Conforme artigo “O Chibo”, diz o seguinte “a história do chibo, esse “cabrito”, em castelhano, confunde-se com o gaúcho da fronteira, principalmente de Uruguaiana. O chibo foi muito usado no contrabando do charque, e um dos motivadores das Guerras dos Farrapos” (JORNAL A TRIBUNA, 2009, p.7).

O chibo desta região fronteiriça seria a herança dos fugitivos da Guerra dos Farrapos, que segundo Dambros (1997) se esconderam nestas matas em busca de segurança?

Em entrevista, Elizandro Marcos Pellin assim se manifestou sobre a temática,

Hoje o chibo ainda existe.[...] Termo vindo do Rio Grande do Sul. Quilero é o equivalente ao chibero mas na fronteira com o Uruguai, onde nós falamos na Argentina é o chibero e aqui era o exemplo do ponto informal do chibo. A nossa

³² Mnemósine: Deusa Grega da memória, uma das mais poderosas Deusas de sua época, memória é uma dádiva que distingue os seres humanos dos animais.

³³ Chibeiro: Refere-se à pessoa que pratica o comércio “formiga”, o leva e trás de mercadorias úteis, sem o propósito de formação de comércio organizado ou em escala.

fronteira exatamente é do chibo inofensivo. É por uma questão de sobrevivência (entrevista em 03/04/2015).

Conforme o Sr. Pellin, os chibeiros faziam o chibo para manutenção familiar, principalmente na época da colonização desta zona fronteira. Superaram as limitações geográficas, burlaram a burocracia estatal e até a vigilância da Gendarmería da Argentina e do Posto da Receita Federal no Brasil. Conforme depoimentos de filhos de antigos chibeiros, como contação de façanhas dos pais e avós, disseram que em determinado dia foram pegos de surpresa pelos homens da Gendarmería. Tal circunstância, fez com que deixassem tudo para trás e se embrenhassem na mata. Mas não aceitaram passivamente terem perdido os cavalos para os gendarmes. O que mais os deixou revoltados era imaginar os cavalos de estimação, companheiros e cúmplices na travessia do Santo Antonio nos inúmeros chibos que já tinham praticado, serem vendidos em troca de favores para outros chibeiros. Acordaram entre eles, e em uma noite sem luar, roubaram os cavalos que lhe pertenciam do pátio da gendarmería em San Antonio.

Sobre o chibeiro, essa figura que compõe a memória dos populares desta zona de fronteira ouvi causos nas rodas de mate, e nos churrascos e asados em ambas as margens do Santo Antonio, em que as pessoas disseram que os chibeiros aproximam os fronteiriços por meio do comércio, da linguagem, e até mesmo dos filhos que geram e que falam duas línguas. Produzem valores humanos e culturais. Afirmam ainda, que os chibeiros elegem formas mais práticas e negam a burocracia, como por exemplo ao chibear defuntos. Tal declaração fez com que eu voltasse a procurar o chibeiro anteriormente entrevistado, Anderson Borba, para conseguir mais informações a partir de suas narrações.

Ele expôs um fato que marcou sua vida nos chibos, e transformou tal experiência em uma poesia, que se refere à morte de uma mulher brasileira em terras argentinas.

[...] Meu companheiro de chibo,
Me pediu desesperado
Que eu fosse até o outro lado
Pois sua esposa morreu
Ela sendo brasileira
Para cruzar a fronteira
Foi preciso recorrer
E provar dentro da lei
Com papéis ao consulado
Pra desespero do marido
Lhe foi negado o pedido
E teria que esperar
Foi quando surgiu a ideia
Se for pra esperar por eles
Então nós vamos chibear

Lembro como se fosse agora
Estacionei a rural lá fora
E colocamos o corpo dentro
O meu sangue ficou frio
Quando eu cruzei o rio
Com aquele corpo sombrio
Que jazia, já frio
Ao lado do meu assento (entrevista em 31/03/2015).

O poema expressa uma situação trágica quando uma brasileira morre no lado da fronteira Argentina. Diante das exigências burocráticas o marido é colocado frente à necessidade de decidir entre aguardar a liberação do corpo de sua esposa para depois trazê-lo para o Brasil (a experiência dos viventes no local indicava que esta não era uma solução viável) ou achar uma forma de trazê-la contornando as leis que regem a vida no lugar. Tomada a decisão de enterrá-la no Brasil exigiu do marido recorrer a um chibeiro conhecido, e transportar o corpo inerte da esposa, tal como fazia com as mercadorias. No poema percebemos que, embora o perecimento da mulher deixasse o chibeiro inquieto, o desejo do marido em enterrá-la no seu lugar de vida dominou a sua decisão: transportar o corpo gélido. Trazê-lo para sua morada final.

O fato narrado parece descrição de acontecimentos surreais que acompanhamos na literatura. No entanto é uma expressão que demonstra a importância e o significado social do chibeiro. Assim, os chibos denotam a aproximação das pessoas, a cumplicidade, a parceria, a proximidade que existe entre os moradores e aqueles que transportam mais que mercadorias.

Conforme populares que residem próximos aos piques, existem os chibos “inofensivos ou normais”, que são itens que na Argentina são mais baratos, o óleo, gás de cozinha, sucos, ração para cachorros e gatos, algumas peças de carros, madeiras para construir casas, palanques para construir cercas de poteiros e mangueiras para o gado, entre outros, sem muita importância para eles. Do Brasil sai a carne de frango, o arroz e o café, e alguns móveis para decorar a casa. Disseram que os móveis do Brasil são mais bonitos, então são comprados e “passados” pelos piques, descarregados dos veículos de transporte pelas próprias lojas que os vendem. Às vezes os descarregadores da loja ajudam os compradores argentinos passar pelos piques, outras vezes não se faz necessário, pois o próprio comprador leva “ayudantes” para atravessar a fronteira.

Um morador próximo do pique da Pedreira 1, disse que existem piques “em atividade” que são usados para atravessar cargas que envolta muito dinheiro. Perguntei se sabia porque a polícia e a gendarmería não apreendiam as cargas. Contou que os donos das cargas, sabem quando a polícia e a gendarmería vão estar nos piques. Disse também que as autoridades, só podem prender a carga com o caminhão, carreta, trator, ou o gado quando “atravessado” pelos piques, quando o chibo estiver “em cima da linha”, ou seja, o espaço que define onde é o território

brasileiro, ou o argentino, direcionados pelos marcos fronteiriços. Se ele estiver a qualquer distância da tal “linha”, eles não podem fazer a apreensão pois alegam o direito de ir e vir. Conforme palavras do tal morador, ele já ouviu tiros sendo trocados por chibeiros, em que estes imaginavam ser a Polícia Federal ou a Gendarmería Nacional. Disse, “isso é raro acontecer, mas já aconteceu.”

Ademais, ao observar o movimento nos piques posso concluir que existe um terceiro envolvido, a testemunha que silencia. Os moradores das margens do Santo Antonio sabem o que é atravessado, enviado, transportado, através do rio, mas não falam, não contam. Preferem silenciar e reconhecem mesmo de forma inconsciente as “tensões” em que vivem os que chibeam, e os que sabem dos chibos no entorno do rio. Nesse contexto Martins (2009, p.25) escreveu que, “[...] inevitavelmente se reconhece que a situação de fronteira é uma situação de conflito”. Segundo conversas com os moradores que residem próximo aos piques, os chibeiros e as testemunhas, são cúmplices, pois participam dos chibos silenciando quando são indagados pela polícia ou gendarmería, ambos sabem que o chibo é uma forma de ganhar a vida, mesmo correndo riscos pois é ilegal.

De um, e outro lado do rio, os chibeiros realizam negócios que envolvem brasileiros e argentinos, e conforme diz o chibeiro Anderson Borba “a gente sabe que não é uma transação dentro da lei, mas eu preciso trabalhar” (entrevista em 24/03/2015). Tais transações, conforme Certeau (2013, p. 86) “se repetem e se reforçam uma a outra”. Conforme palavras de moradores próximos ao rio Santo Antonio, é uma maneira de aproveitar as oportunidades que o câmbio apresenta e a facilidade por outro lado de vender os produtos por um preço mais atrativo. Os brasileiros compram em peso, e os argentinos recebem em real.

O movimento do chibo, a passagem pelos piques, denota a criação de laços comerciais e culturais. Ao indagar os populares que vivem nas margens do rio, e próximos a diferentes piques, me disseram conhecer os chibeiros, e que todos os respeitam, sabem da sua existência, e que são trabalhadores, vivem em sociedade e não estão roubando, apenas comprando e vendendo por preços que convém ao próprio bolso.

Mas na fronteira, também há registro do uso da violência para manutenção deste comércio. Isso foi o que disse uma senhora brasileira, moradora nas proximidades de um pique, enquanto tomava mate argentino, na cuia brasileira, e que continuou sua prosa. Afirmou que certa data, um agricultor brasileiro que morava no outro lado da cerca, na Argentina, trouxe uma carga de soja em um caminhão para ser comercializado no Brasil. Um determinado sujeito, que ela não citou o nome, matou o dono da carga e repartiu a carga com o motorista do caminhão. Como a carga seria passada ilegalmente pelo agricultor, a família nem chamou a polícia pois teria que explicar o

fato da carga ter saído sem nota fiscal, e o que estaria fazendo o agricultor atravessando a fronteira com a soja. Segundo ela, raramente isso acontece, porque os chibeiros se ajudam.

Ao pensar em tantos depoimentos dos populares, este, dessa senhora me pareceu um fato isolado e não corriqueiro na “linha” dos piques.

Outros moradores, me disseram que há ocasiões que não é preciso palavras, basta um gesto, uma indicação, uma forma de comunicação que é decifrável para aqueles que partilham o local. Isso envolve cumprimentos, troca de informações sobre a localização da polícia ou da gendarmería, dentre outras. No mesmo sentido, Maffesoli, (2004, p. 34) corrobora o enunciado anterior ao escrever sobre,

Um saber do corpo individual e coletivo, no qual a felicidade e infelicidade, jubilação e desamparo estão intimamente ligados. Saber do sem-triagem, que não passa necessariamente pela conscientização ou a verbalização, mas garantindo em longo prazo a perduração obstinada da vida. Ainda que ela integre seu oposto: a morte e suas diferentes manifestações cotidianas.

Para o autor, o conhecimento que tenta captar esses contornos é significativo por que decide não desviar o olhar da vida e suas múltiplas manifestações. Faz exatamente o contrário, volta-se para o conjunto de acontecimentos cotidianos, que se perdem na infinidade de fatos banais. Nesse sentido, a vida ordinária é tudo o que interessa.

A facilidade do acesso aos meios de comunicação, também interfere nas negociações que ultrapassam a fronteira. Nesse sentido é exemplar a decisão das operadoras de celular brasileiras e argentinas que encurtam caminhos via satélite, favorecendo o comércio legal e clandestino, em que, na impossibilidade de usar o passo fronteiriço usam os piques para realizar as entregas das mercadorias. A situação relatada não constitui exceção, compõe as situações corriqueiras no local pois “o fronteiriço sabe que tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ocasiões” (CERTEAU, 2013, p. 46).

Se o olhar for voltado para outras temporalidades, será encontrada situação análoga. Na época da exploração da erva-mate no início do século passado, tal produto passava livremente pela fronteira, pois no Brasil não havia controle fiscal. Em Scarabotto, (2007, p. 34) isso pode ser exemplificado quando a autora afirma que “[...] desde 1929 já havia um posto fiscal administrado pela Secretaria de Fazenda do Estado do Paraná, na passagem de Santo Antonio do Sudoeste (BR) para San Antonio (AR)”. Porém, lembremos que conforme MORAIS, (1974, p. 13) a chegada de duas famílias paraguaias nesta fronteira foi em 1902. Portanto antes do posto fiscal ser instalado em Santo Antonio do Sudoeste, a erva mate, produto de comercialização da época já era extraída sem controle fiscal algum. Tal fato caracterizava chibo? Onde e quando o chibo se

originou? Ao entrevistar o chibeiro Anderson Borba, ele me fez lembrar o que Maffesoli, (2004, p. 67) escreveu: “ a terra é um constante lembrete do ciclo da morte e da vida”, ele está na terceira geração de chibeiros, seu avô sustentava a família com os chibos de farinha, querosene, banha, óleo de cozinha e sabão, o qual vendia para os moradores próximos, ele residia a aproximadamente vinte quilômetros da Argentina, saía de casa de madrugada e retornava em casa ao anoitecer.

O tom de voz, a postura corporal, o gesto das mãos, o olhar oblíquo, o sorriso dissimulado, a ansiedade que demonstra ao falar, são características deste homem que vive no cotidiano a insegurança de suas atividades laborais. Ele demonstra a “dualidade” entre a tranquilidade de estar em território brasileiro, “na nossa terra”, o sentimento de pertencer à pátria brasileira, e o temor constante de estar no território do vizinho país, que por mais que o conheça, não é sua terra natal. Ele disse: “algum lugar tem essa terra seca” (entrevista em 24/03/2015). Como se a terra fosse um terreno mais seguro do que a travessia dos piques por meio da água do rio Santo Antonio ou o temor expressado ao dizer: “quando eu fico sozinho no meio daquele campo aberto, ou que começa a escurecer” (entrevista em 24/03/2015).

Mas quem é o inimigo temido do chibeiro? A Gendarmería? A policia argentina ou a policia brasileira? Ou a falta de oportunidades de um trabalho formal que substitui o chibo para garantir a própria subsistência e da família?

Retomo Maffesoli, (2004, p. 50) quando descreve o sentimento de antítese que é possível perceber no chibeiro entrevistado, quando diz que “[...] o barroco. Já pudemos sentir-lhe os passos em numerosas culturas e diferentes épocas. Ao contrário de um espírito clássico, racional e mecânico, espírito redutor e funcional, o barroco é feito de conjunções, de sinergias, de polissemias”.

Nota-se o barroco expresso no movimento narrado pelo chibeiro Anderson Borba, sobre suas vivências quando ele diz:

Você passa de um lado para o outro. [...] O povo de lá é o mesmo daqui. Ele vai me receber com o mesmo carinho, e o que ele tiver para comer, ele vai por na mesa, ele vai dividir comigo. Ser fronteiro, é compartilhar essa alegria. Esse nascer e pôr do sol que só nós temos. Compartilhar o dia a dia, onde você passa de um lado para o outro. [...] Sempre trocando mercadorias, palavras. [...] É estar dividido mas ser o mesmo povo. [...] Isso vem de muitos anos. Aqui a gente não vive, convive. A gente aprendeu a respeitar e ser respeitado. Aprendeu a dividir, aprendeu a valorizar, a compartilhar muitas coisas nossas, muitas coisas deles, tanto nosso chimarrão como o mate argentino (entrevista em 24/03/2015).

Pergunto, o que o pôr do sol esconde por trás das cercas de arame farpado? Se pudessem o que contariam as margens do rio Santo Antonio? Na roda do mate e do chimarrão, as conversas são apenas causos triviais sobre o dia a dia, ou escondem intenções comerciais, planos para melhor utilizar as oportunidades de ganho fácil?

Se para Maffesoli (2004), o barroco é “conjunção”, é “sinergia”, é “polissemia”, o chibeiro em suas palavras vai ao encontro do que escreve o autor. Ele retrata em sua fala a cooperação na convivência diária, as conexões que vão além de uma realização comercial, no ato de “compartilhar”, “dividir” e nas vozes trazidas por ele através do tempo, quando diz que, “não faz pouco tempo que vive-se assim na fronteira”. No movimento contínuo, uniforme em seus paradoxos. No que vira o comum no cotidiano com as diferenças peculiares desta zona fronteiriça. No olhar de Martins (2009, p. 10), ele diz “tomo a fronteira como lugar privilegiado da observação sociológica e dos conflitos e dificuldades próprios da constituição do humano.” O que os chibeiros e moradores de ambos lados da “linha” compartilham? Seriam informações? O que eles dividem? Seriam mercadorias? Que tipos de mercadoria?

É interessante dizer que os chibeiros, realizam o comércio de pouca monta, e para sobrevivência, não é o caso dos contrabandos. Tomo como exemplo a reportagem do Jornal Impacto On Line, em que traz a notícia de 02 de fevereiro de 2016 que diz:

Na manhã desta terça-feira, 02/02, a Delegacia de Polícia Federal em Dionísio Cerqueira, com participação da Receita Federal, deflagrou a Operação “Formiga”, dando cumprimento a 16 Mandados de Busca e Apreensão e 17 Mandados de Condução Coercitiva, expedidos pelo Juízo da 1ª Vara Federal em Francisco Beltrão, nas cidades catarinenses de Dionísio Cerqueira e Xanxerê, e nas paranaenses de Barracão, Santo Antônio do Sudoeste, Francisco Beltrão, Marmeleiro e Curitiba. A investigação teve início em 2013, com a descoberta de um galpão no município de Marmeleiro onde eram estocados produtos trazidos ilegalmente da Argentina, principalmente vinhos e energéticos, para depois serem distribuídos para comerciantes brasileiros. [...] os principais envolvidos no esquema criminoso, em 23 meses de investigação, movimentaram aproximadamente R\$ 18.000.000,00 (dezoito milhões de reais) com a comercialização dos produtos descaminhados, o que importaria num prejuízo estimado de aproximadamente R\$ 4.800.000,00 ao erário, com a sonegação dos tributos federais Imposto de Importação e IPI.

Se o chibo é praticado todos os dias na fronteira, ele tem caminhos, direções. Todos eles têm ou terão sua bifurcação sobre o Rio Santo Antonio e em “cima da linha” que divide a terra seca, um tanto pedregosa, com capim ralo sobre ela, e que se encontra acima da nascente do Rio Santo Antonio. Eis o que se apresenta como síntese do que seja ser o fronteiriço, um sujeito do

movimento, que vive e trabalha em um espaço poliestruturado, que forma sua identidade e memória e a cada dia inventa novos significados para a palavra polissemia.

2.4 Os piques: caminhos e descaminhos dos chibeiros. Na intersecção de dois mundos, um terceiro.

A foto a seguir representa um, entre muitos dos caminhos dos chibeiros. A travessia é feita pela pinguela para alcançar o território do outro país.

Não há como falar dos chibeiros sem dizer do conjunto de vivências que há por trás dos piques, no meio deles, onde um começa e outro termina. Os piques são associados diretamente aos chibos, e estes, neste caso à travessia da fronteira geográfica.

Mas o que realmente é um pique? Conforme dicionário da Língua Portuguesa (Aulete, 2011, p. 1069), “pique quer dizer trilha ou caminho mais curto aberto na mata”. Ação de correr, sair num pique desenfreado. Conforme significado pode-se imaginar a ação de quem usa os piques no movimento diário de locomoção entre uma localidade e outra. A própria origem da palavra denota movimento, pressa, astúcia.

No decorrer da pesquisa, percorri aproximadamente dez quilômetros margeando o rio Santo Antonio e atravessei a fronteira pela passagem de terra, em que a demarcação é feita com marcos de concreto. O maior deles, próximo a nascente do rio, contém a inscrição da data de 1903.

Fiz a travessia do rio em todos os pontos onde havia pinguelas, e caminhei pelas ramificações dos piques nas duas margens do Santo Antonio. Nestas idas e vindas, encontrei fronteiriços que dialogaram comigo. Entre tantos aspectos, constatei que mais argentinos se dirigem ao Brasil, do que brasileiros se dirigem a Argentina, provavelmente porque Santo Antonio do Sudoeste no momento atual economicamente é mais viável para os argentinos, pois paga-se o trabalho em reais, ao contrário de San Antonio que pagam a mão de obra e serviços em pesos argentinos.

Fotografia 09: Pinguela sobre o Rio Santo Antonio/Pique em território argentino.



Fonte: fotografia registrada por Marilce Auxiliadora Mari, na data de 07/09/2014.

Qual é o olhar da gendarmería e das polícias de ambas as localidades? Quem é beneficiado com os chibos? Que outras relações existem com o comércio clandestino?

No trabalho investigativo dos piques, usei o Diário de Campo, em que registrei os principais produtos que são transportados através dos piques. Os brasileiros traziam de San Antonio: farinha, sabão, gás de cozinha, carne de gado, óleo comestível, fraldas para bebês, remédios, pneus, tinta para pintar casas, arame farpado e galletas³⁴.

Do Brasil para a Argentina as pessoas transportavam, frutas, carne de frango, café, arroz, roupas, calçados, farofa industrializada, mudas de eucalipto, peças de carro, mudas de flores, e consegui registrar, até o transporte de um cachorro de estimação. Alguns moradores que convivem todo o dia com o movimento dos transeuntes pelos piques, contaram que passam pessoas a pé, de bicicleta, e a cavalo. Quando o nível da água do rio está baixo, passam também de motocicleta, e nos locais onde a fronteira é por terra passam de camionetas, caminhão e trator. Disseram que já viram caminhões de mudança, encostar próximo aos piques para descarregar a mudança inteira de famílias. Os objetos pequenos são transportados pelos carrinhos de mão até o outro lado, tais “façanhas” ocorrem com os moradores das duas localidades.

³⁴ Galletas: Se aplica a todo tipo de bizcochos pequeños dulces o salados, que se venden en paquetes muy consumidos.

Nessas narrações, diversos fronteiriços, que residem próximos aos piques, afirmaram que muitos argentinos com dupla documentação, geralmente trabalhadores nas plantações de fumo nas chácaras de San Antonio, e trabalhadores das confecções deste município, se tratam no hospital e nos postos de saúde de Santo Antonio do Sudoeste. O mais inusitado foi ouvir relatos de que muitos dos que morreram no território brasileiro, foram trasladados para a Argentina dentro dos caixões, e vice-versa. Outro fato que me deixou admirada foi ouvir os populares contarem que muitas pessoas que morreram foram transportados sentados no meio de outras duas que a “escoravam”, dentro dos automóveis. Colocavam boné ou chapéu na cabeça, e óculos como disfarces, alguns foram “passados” pelos piques, outros pela própria ponte que dá acesso às duas localidades. Tais fatos vem ao encontro do que escreveu Certeau (2013, p. 46) quando diz que, “sem cessar o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos [...] a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a “ocasião”.

No dia a dia, o trabalhador de ambas as margens do Santo Antonio travam pequenas lutas silenciosas. Como de modo geral não pode contar com os serviços das municipalidades, apesar de ser cidadão com dupla cidadania, ele se vê obrigado a se utilizar de “táticas” para resolver suas necessidades.

Fiz o trajeto diversos dias através das redes de piques interligadas com inúmeras bifurcações de infinitos piques que costeiam o Rio Santo Antonio.

Observei que a maneira de caminhar dos transeuntes, os movimentos corporais, os acenos como forma de cumprimento, os diálogos alegres e descontraídos, outras vezes breves e murmurados, os assovios, a espera em um lado da pinguela para o outro passar, constituem o cotidiano desses fronteiriços, entre um pique e outro entre uma barranca do rio e outra. No percurso, reverberavam as palavras de Bosi, (2004, p. 16) “[...] feliz o pesquisador que se pode amparar em testemunhos vivos e reconstituir comportamentos e sensibilidades de uma época”.

Ao ouvir as pessoas que usavam os piques, entrei em um mundo próximo pela localização em que eu resido, mas distante de minha realidade social. Conforme relatos colhidos entre um pique e outro, o cotidiano de quem usa tais caminhos alternativos para se locomover entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, é de medo, de histórias de mortes em que dizem não saber dados concretos, mas descrevem os corpos, as árvores onde as pessoas se enforcaram, a faca deixada para trás pelo assassino, os tiros ouvidos no meio da noite.

Os fatos narrados tem sempre a ausência de testemunhos dispostos a falar da mesma forma que a frase que aparece em vários depoimentos, como na frase “lá ninguém viu, mas fazem questão de dizer, de comentar o medo sentido, a curiosidade contida até o amanhecer”. Apontam

os locais em que as cruzes dos mortos nas duas margens estão localizadas, ascendem velas na sepultura do Tenente Araújo, vítima dos homens da Coluna Prestes, sem saber quem ele foi, que história há por trás da lápide.

O mundo com o qual eles convivem, escondem histórias, experiências, tristezas, dificuldades, e medos. Inseguranças que se transformam em uma aventura diária para a maioria, mas mesmo assim continuam “a llenar silencios y boquetes por donde se les chorrea la vida” (KUSCH, 1986, p. 9).

Para outros, os piques fazem parte das vivências diárias e estão repetindo o que seus pais e avós fizeram. Usar os piques como caminhos alternativos para encurtar distâncias entre uma localidade e outra, mas principalmente para chibear produtos que garantem a manutenção familiar. Conforme Bosi (2004, p. 16) “do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade”.

Parte dos entrevistados e muitos populares que conversaram comigo, expressaram a necessidade de falar dos antepassados, atribuindo-lhes papéis importantes de honra dentro de instituições militares, de educação, e até mesmo como justiceiros, jagunços e chibeiros em uma época que pouca gente residia na fronteira.

As palavras do depoente Anderson Borba remetem ao passado de seu avô quando narra que:

[...] por lei muitas coisas hoje são erradas, mas o chibo enfim, ele vem de muitos anos. No tempo de meu avô, depois de meu pai já se chibiaba, porque eles não tinham aquela liberdade também de passar na aduana com certas mercadorias pra consumo. Então se acostumava desviar as rotas, isso foi se caracterizando como chibo e até hoje continua assim. É uma bolsa de farinha que você passa, uma de batatinha, um botijão de gás, antigamente era uma lata de banha. Era um boi, um cavalo. Pequenas coisas, mas que significam bastante para nós (entrevista em 24/03/2015).

Os depoimentos revelam que ele está na terceira geração de chibeiros, e o imposto que é deixado de recolher em ambos os países é ínfimo, se for calculado o valor dos objetos chibiados.

As perguntas pontuaram o período de investigação. Pergunto, será o gosto de aventurar-se na fronteira, desafiando as forças da gendarmería e da polícia federal brasileira o que mantém três gerações no chibo? A instabilidade da oferta de trabalho seria um motivo de um chibeiro copiar a profissão do pai e do avô?

Passei horas entre um pique e outro, conversei com diversas mulheres com filhos pequenos pela mão. Algumas carregando bebês no colo. Uma gestante de oito meses, que após a conversa passou sobre a pinguela com a confiança de pisar em solo firme. Diversas mães

atravessando os piques para acompanhar seus filhos até as escolas de ensino fundamental de Santo Antonio do Sudoeste.

Fiquei a me perguntar: É a falta de noção de perigo que faz com que mães grávidas e com filhos de três a oito anos atravessem o rio sobre pinguelas estreitas e sem nenhuma segurança? É o sentimento de banalidade que caracteriza o valor da vida? Ou simplesmente é a necessidade buscando formas mais eficientes de viver?

Pude constatar as tensões, os medos encobertos pelas prováveis necessidades que falam através do olhar apreensivo, da expressão do rosto, nos gestos nervosos, e das palavras faladas com cuidado, com certa desconfiança deixando transparecer a preocupação de estar fazendo algo ilícito, ao cruzar a pinguela para chegar ao território do outro país.

É interessante saber o que os depoentes falam sobre os chibos. Na memória do Sr. Elizandro Pellin ele diz lembrar que:

Esses brasileiros que entravam, derrubavam mato, plantavam, não tinha, como vender na Argentina.[...] O meu pai comprava tudo. Você podia chegar com qualquer coisa, com couro de jaguatirica, de onça, de quati, cavalo velho, vacas, não ficava sem proposta. Aqui era um pequeno porto de troca. Tem gente que sobrevivia disso. No tempo de meu pai, tinha os que trabalhavam por dia com um cavalo e uma cangaia, puxando sacos de feijão, ganhavam por viagem que faziam (entrevista em 03/04/2015).

A memória está intimamente ligada à cultura e a história. Esquecer uma delas é deixar lacunas quando se está investigando acontecimentos experienciados por um determinado grupo, em determinado espaço geográfico. Mas há como falar de memória sem narrar à história?

A depoente Adelia Schwingel conta de como era na década de 1970, o comércio nas casas de comércio em San Antonio,

[...] Essa estrada aí que vai para Irigoyen, a cada dez metros tinha uma cantina. La na Telina, tinha uma grande cantina que vendiam farinha em sacos de 70 quilos, cebola, batatinha, azeite. Banha Trazona naquelas latas coisa mais linda do mundo que vinha de Córdoba. E traziam os contrabandos pro lado de cá. Vinham de longe para levar essas coisas, tudo pelos piques. Era sacrificoso (entrevista em 17/04/2015).

A entrevistada, não esconde o saudosismo, ao relatar o nome dos produtos, as cores das embalagens. Disse que às vezes lembra do pó de arroz da marca Lady, com pluma de tecido acetinado para passar na pele, que deixava o rosto branquinho, e do perfume da colonia Siete Brujas que comprava no comércio argentino.

Apresentou-me a colcha de retalhos que disse acompanhá-la a mais de cinquenta anos. Passava a mão nos retalhos e dizia esse é de mucelina, este de veludo, este de percal, este é linho do bom, “olha menina, de saraça³⁵ não tem, só usei retalhos nobres”. Essa intimidade entre ações e narração permite ao sujeito criar os mecanismos a partir dos quais se passa do que é uma história individual e o que se inscreve na memória coletiva tal qual como indica Bosi (2003, p. 26) quando escreve que “só o objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade.”

Pode-se encontrar o sentido da citação de Bosi, observando as linhas retas dos retalhos costurados com primor na colcha de retalhos de dona Adelia Schwingel, estendida sobre a cama, especialmente para ser fotografada após a entrevista. Os desenhos dos pedaços de tecido, remetem as suas narrativas sobre vivências, as saudades, os amigos mortos nas emboscadas dos piques dos chibos. Nas palavras dela, “esse tempo bom que não volta mais” (entrevista em 17/04/2015), ou quem sabe um “vivido” do tempo que foi. No mesmo sentido encontramos a fala do professor aposentado de San Antonio, “Maestro Miguel” como é mais conhecido, se refere à memória dizendo: “Vivir en la frontera es sólo para la gente, para los gobiernos no. Es una cosa, um limite de mapas políticos, no? Pero la frontera nuestra no existe, que pasamos y venimos como si antoja, incluso por los piques” (entrevista em 14/05/2015).

A distância entre o que está escrito nas leis e o que se pratica no dia a dia da fronteira, é muito distante. As práticas, as vivências, os fazeres através dos piques, as relações que se dão entre um ir e vir constituem o conjunto de relações entre os fronteiriços de ambas as margens do rio Santo Antonio, observadas pela gendarmería e pela polícia brasileira. Tais ações, e práticas de sobrevivência que inclui os chibos, são protegidas pelos códigos de comunicação, velados entre um pique e outro, entre uma pinguela e outra, entre um canto do Sapucaí³⁶ e outro para avisar que as autoridades estão se aproximando.

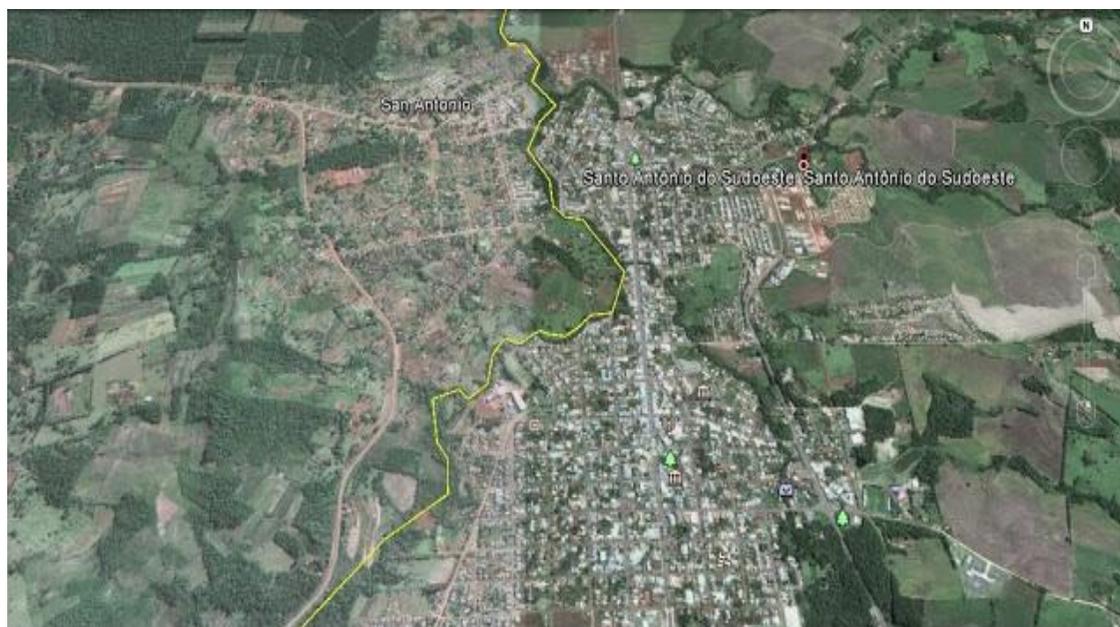
Esse mundo que conforme os populares inicia seu movimento bem antes do nascer do sol, e termina em noite alta. Nesse espaço em que as sombras da mata, escondem o que é contrário ao legal, o considerado normal, correto e aceito pelas instituições que regem o comércio e a fronteira.

³⁵ Saraça: Tecido de algodão fino.

³⁶ Sapucay: No dialeto mbya-guarani, proveniente da língua tupi, significa grito. O termo surgiu nas tribos guaranis, e os gritos simbolizavam emoções e momentos vividos pelos índios. Com o passar dos anos e a chegada dos jesuítas à região, o Sapucay foitomando outras formas e outros significados. A história conta que gritos eram usados como sinais, para que os chibeiros soubessem se podiam fazer a travessia ou não, se haviam no momento pessoas controlando o fluxo na fronteira.

PIQUE TRÊS – HIBRIDISMO E FRONTEIRA: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Mapa 2. Demarcação da Fronteira geográfica entre Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio.



Fonte: Google Earth/2015.

Acompanhar as ondulações que se expressam no processo narrativo e assumir a tarefa de artesão que compõe, ao mesmo tempo que é resultado dessa composição, parece condição de pesquisa (MARQUES, 2008, p.21).

Atualmente, as informações chegam até as pessoas de maneira instantânea, desde os lugares mais remotos do planeta. Através dos meios de comunicação, é possível interagir com pessoas de toda a região ou país, bem como, com o mundo.

A transformação dos meios de comunicação revolucionou a percepção de mundo, ampliando-a. Entretanto, muitas vezes, constato certo distanciamento dos sujeitos quando se refere ao desenvolvimento do lugar. Tal atitude na maioria dos cidadãos, em relação a esta zona fronteiriça, impede a apropriação em sua plenitude no que se refere a este espaço. Diante disso, penso que o comprometimento na participação democrática não se torna efetiva. Para Santos (2000, p. 113):

A possibilidade de cidadania plena das pessoas depende de soluções a serem buscadas localmente. A base geográfica desta construção será o lugar, considerado como espaço de exercício da existência plena. O lugar é determinante para compreensão do mundo. Ele não é apenas um quadro de vida, mas um

espaço vivido, isto é, de experiência sempre renovada, o que permite, ao mesmo tempo a reavaliação das heranças e a indagação sobre o presente e o futuro.

Outrossim, quando se dispõe sobre cidadania, ao que se refere Putnam (1996, p. 191) “o contexto social e a história condicionam profundamente o desempenho das instituições. Quando o solo regional é fértil, as instituições sustentam-se das tradições regionais, mas quando o solo é ruim, as novas instituições definham”. Nessa perspectiva, a sociedade civil, seus valores e atitudes apresentam papel fundamental para o bom desempenho das instituições. Toro (2005, p. 58) salienta tal ideia, frisando que, “um dos indicadores de exclusão e de baixa participação nas nossas sociedades é o precário controle e compreensão que os setores populares têm das instituições públicas”. Quer dizer, grande parte dos brasileiros supõe o setor público como algo fora, distante da sociedade, não entendendo que essas instituições são constituídas através da sociedade e para a sociedade, além do mais necessitam da própria sociedade para o seu desenvolvimento. Sobre isso, Demo (1991, p. 21) salienta que, “o papel da comunidade não é substituir o Estado, liberá-lo das atribuições constitucionais, postar-se sob sua tutela, mas de organizar-se de maneira competente, para fazê-lo funcionar. Aí aparece a necessidade de cidadania, porque é ela que determina a qualidade do Estado.”

Quanto mais os sujeitos fronteiriços buscarem seus espaços na sociedade, ao participar e se posicionar frente as demandas sociais, as dificuldades, impasses, conflitos e propostas para o desenvolvimento dos mais diversos segmentos das duas localidades, mais terão resultados significativos. Frente a tais generalidades, acredito ser importante dizer que a cultura é um elemento que perpassa todos os âmbitos da vida do ser humano, e é um conjunto de realizações, e também de tentativas, o que tange também a educação, e cada sujeito fronteiriço, neste caso, é criador e propagador da mesma. Laraia (2004, p. 45) corrobora a ideia anterior ao escrever que “o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam”.

Fico a imaginar, como deveria ser uma sala de aula em meados de 1900, quando da chegada dos primeiros moradores desta fronteira. Pensar o “herói comum”, o sujeito anônimo, o “homem ordinário”, aquele que ninguém vê, mas transformou estas localidades. Como eram seus costumes, o que comiam, como se vestiam, qual era o modo de falar, de se relacionar com outros sujeitos, será que sabiam ler e escrever, haviam frequentado escolas? Como tinha sido a aquisição de seus saberes?

Ao perguntar sobre o aparecimento das primeiras escolas das duas localidades e o que sabia sobre elas ao professor aposentado de San Antonio, Miguel Manoel Benitez, ele assim se pronunciou:

Me contaron que la primera escuela de frontera que existió es de 1926, antes de la primera escuela de Santo Antonio, funcionaba en la costa del rio Santo Antonio en la orilla de acá. En la escuela, venía gente de allá, de las localidades de Marcianópolis, San Francisco, Lageado Grande, del municipio de Santo Antonio, y de la villa también. Venían caminando o a caballo, como cinco, diez, quince kilómetros. Los profesores enseñaban la cultura y la enseñanza argentina. Pero en la escuela se hablaba casi sólo en portugués (entrevista em 16/05/2015).

Pensar como eram os processos educacionais desta zona de fronteira no início do século passado não é acreditar que a educação fosse fragmentada, solta ou independente, mas por meio de leituras e observações no local investigado posso afirmar que os conceitos educacionais se renovam a cada geração, e que em cada época histórica os sujeitos possuem determinada maneira de olhar o mundo como um conjunto de valores e conhecimentos que adquirem, e que perpassa a educação.

Tal renovação não implica no esquecimento de velhos conceitos, porém desde que ela traga junto aos velhos conceitos, novas formas de viver que caracteriza determinado grupo ou sociedade. Porém, “é próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua novo” (FREIRE, 2015, p. 36).

Entretanto, a educação se transforma, e na contemporaneidade conforme Moran (2000, p. 11) “todos estamos experimentando que a sociedade está mudando nas suas formas de organizar-se, de produzir bens, comercializá-los, e divertir-se, de ensinar e de aprender. [...] o campo da educação está muito pressionado por mudanças, assim como acontece com as demais organizações”. Porém esses câmbios devem ser de transformação e passam pela educação, conforme escreveu Freire (1996, p. 12), “a educação é o caminho fundamental para transformar a sociedade”. Do ponto de vista do morador desta fronteira, Elizandro Marcos Pellin, depoente para este trabalho diz,

Todo curso deveria ter uma exigência maior em conhecimentos gerais, em gosto pela leitura, gosto por outros aspectos das áreas humanas, aprender ser empreendedor, não apenas para ser comerciante, empresário, mas empreender para poder viver melhor, ter mais condições de vida em todos os sentidos, aprender

com a sociedade. Só assim acredito ser possível desenvolver nossa fronteira (entrevista em 03/04/2015).

O depoente não nega a importância da educação formal, mas refere-se a contribuição das atividades sociais como uma maneira de aprender a ser um sujeito que empreende para si, bem como para a própria sociedade.

A escola, segundo Demo (2006, p. 12) “é um dos lugares destinados a formação do indivíduo e a sua integração em uma comunidade de iguais”. Ainda em Demo (2006) ele afirma que é devido a ela que o sujeito pode transcender seus laços familiares, étnicos, ou sociais, e criar um sentimento de pertencimento a uma sociedade maior denominada nação. Diante disso, a escola pode buscar a integração e a articulação com o processo de ensino aprendizagem, se defrontando com os novos lugares de formação criados pela sociedade, que usa de forma veemente a informação e as novas tecnologias para adequar-se às demandas da pós-modernidade. Mas, há que se pensar a educação, envolvida no meio social, pois o aprendizado não se gera apenas em sala de aula, frente a um professor ou vice-versa, mas em todas as atuações do cidadão em seu meio.

Neste sentido, exemplifico com as ações do Comitê de Fronteira que é um grupo de atuação entre as duas localidades fronteiriças, formado por aproximadamente trinta pessoas que buscam fomentar ideias, e desenvolver ações junto às comunidades ora pesquisadas, visando o desenvolvimento econômico e social. Dentre seus membros há professores, acadêmicos, profissionais liberais, comerciantes, artistas, escritores e políticos, enfim, pessoas que de alguma forma representam um segmento na comunidade em que vivem, em Santo Antonio do Sudoeste ou San Antonio.

O grupo foi organizado através do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), com atividades que começaram em 2002. Do grupo que iniciou as atividades como um trabalho voluntário, desde aquele ano, restam cinco membros dentre os quais, me incluo. No Comitê, entram e saem pessoas, umas permanecem porque o voluntariado lhes atrai, outras se afastam devido ao trabalho, mudança de localidade e alguns por não acreditar que é possível fazer algo para melhorar o local em que vivem. Todos os anos foram discutidos projetos, mesmo que não de grande vulto, porém todos com relevância para o desenvolvimento local.

No ano de 2014, em uma reunião foi sugerido por um dos participantes que o Comitê de Fronteira devia agregar líderes e representantes dos segmentos da comunidade de San Antonio, porque entre os temas discutidos, sempre surgia questões relacionadas ao país vizinho, a

Argentina. A partir de tal indicação, foram convidadas 15 lideranças daquela localidade, do poder público e civil. O grupo de Santo Antonio do Sudoeste passou a discutir ideias em portunhol, tomar mate com os hermanos, e eles chimarrão com os brasileiros. Entre alguns pontos discutidos consta: como viabilizar os atendimentos na área da saúde com a vinda de moradores de San Antonio para buscar ajuda médica nos postos de saúde dos bairros de Santo Antonio do Sudoeste; como os brasileiros poderiam buscar ajuda médica em Eldorado e Posadas, por serem centros de atendimento especializados. Entre outras dificuldades encontradas cito a falta de legislação para os trabalhadores da Argentina que estavam realizando atividade laboral na construção civil ou na área de confecções e serviços domésticos (e permaneciam a margem da legislação trabalhista em vigor), e principalmente sobre a abertura do porto alfandegário 24h.

Apesar de o Comitê de Fronteira estar organizado desde 2002, os argentinos só passaram a fazer parte no ano de 2014. Mesmo assim, eram buscadas parcerias para ações pensadas pelos santoantonienses brasileiros, nos anos anteriores. Conforme a agente de desenvolvimento da prefeitura municipal de Santo Antonio do Sudoeste, Inelves Roveda Dall Onder, foram executadas as seguintes ações conjuntas entre as duas localidades fronteiriças:

Os cursos Líder Cidadão e Escola para Líderes no ano de 2014, ministrados pelo SEBRAE em parceria com os poderes públicos de Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, para capacitar os participantes do Comitê de Fronteira, e o Dia da Amizade celebrado na data de 30 de novembro de 2014.

Este último mostrou ao público presente, as manifestações artísticas, esportivas e culturais, organizadas pelas instituições de ambas localidades. Os populares se misturaram aos eventos que aconteciam em horários simultâneos, em San Antonio e Santo Antonio do Sudoeste, manifestando a “efervescência” individual com o passar das horas, em que as comidas e bebidas eram servidas nos diferentes pontos da festa.

Ao pensar nas duas localidades, me reporto a Maffesoli (1985, p. 23) que escreveu “uma cidade, um povo, mesmo um grupo mais ou menos restrito de indivíduos, que não logrem exprimir coletivamente sua imoderação, sua demência, seu imaginário, desintegra-se rapidamente”.

Na imagem a seguir apresento a logomarca escolhida pela equipe do Comitê de Fronteira utilizada em todas as correspondências e publicidade relativas ao Evento da celebração do Dia da Amizade.

Imagem 1. Logomarca escolhida pela equipe do Comitê de Fronteira na data de 13/08/2014.



Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Santo Antonio do Sudoeste.

Após discussões entre os participantes do Comitê de Fronteira, foi decidido que o Dia da Amizade deveria ser celebrado, como um marco cultural, e que fosse uma data para ser incluída no Calendário de Festividades do Município de Santo Antonio do Sudoeste, o qual foi acordado entre os participantes, a secretária da cultura e o representante do prefeito municipal. O evento que deveria ser organizado tinha bases fundamentadas no Decreto do Diário Oficial de 16 de novembro de 2004, esse instituiu o Dia da Amizade Argentino-Brasileira,

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso II, da Constituição, e Considerando que, durante a visita de Estado ao Brasil do Presidente da República Argentina, Néstor Kirchner, em 16 de março de 2003, os Presidentes da República Federativa do Brasil e da República Argentina firmaram a Ata de Copacabana; Considerando que, no parágrafo 8º do referido documento, os Presidentes de ambos os países concordaram em instituir o Dia da Amizade Argentino-Brasileira em 30 de novembro de cada ano, em comemoração ao encontro que mantiveram nessa data, em 1985, os Presidentes José Sarney e Raúl Alfonsín, dando origem ao processo de integração regional; DECRETA: Art. 1º Será celebrado em 30 de novembro de cada ano o Dia da Amizade Argentino-Brasileira. Parágrafo único. O Ministério da Educação adotará as medidas adequadas para a celebração do Dia da Amizade Argentino-Brasileira em todas as instituições de ensino do território brasileiro, que dedicarão as comemorações a atividades orientadas a difundir a cultura e a história argentinas. Art. 2º Este decreto entra em vigor na data de sua publicação. Brasília, 16 de novembro de 2004; 183º da Independência e 116º da República (LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA Celso Luiz Nunes Amorim Tarso Genro (2004).

Apesar de existir um Decreto que sugere a comemoração da amizade entre Brasil e Argentina, conforme informações das Secretarias de Educação das duas localidades, nem uma

escola municipal e nem estadual realizou comemorações no sentido de valorizar a integração, amizade e respeito entre as duas nações fronteiriças no ano de 2014.

Quando da realização do Dia da Amizade em 30 de novembro do mesmo ano, as instituições escolares foram todas convidadas, nas duas localidades. Um grupo de alunos de San Antonio abriu o evento com uma coreografia da música Gralha Azul para homenagear o estado do Paraná, fazendo alusão aos pinheirais nativos da época da colonização da fronteira.

Os alunos dos Cursos de Administração, Agronomia e Professorado em Português do Instituto Hernando Arias de Saavedra, única instituição de ensino superior da localidade, montaram um estande para divulgar os cursos, e mostraram experiências desenvolvidas nas aulas e junto à comunidade como por exemplo: visitas à empresas da província de Misiones e no estado do Paraná, intercâmbio cultural dos alunos e professores do curso de Professorado em Português e o Instituto Federal de Chapecó-IFSC.

A foto a seguir, mostra os alunos das escolas de San Antonio em outra apresentação. Eles estão se organizando para tocar o hino nacional argentino e o hino da província de Misiones, enquanto os populares, professores, demais alunos, e autoridades argentinas entoam os hinos acompanhados pelo grupo de músicos sobre a ponte, em uma demonstração de nacionalismo.

Fotografia 10. Apresentação dos discentes da escola de San Antonio - Dia da Amizade.



Fonte: Acervo fotográfico da escola 612 de San Antonio, foto da data de 30/11/2014.

Quanto aos alunos de Santo Antonio do Sudoeste, uma grande equipe participou com a apresentação de danças folclóricas riograndenses no elenco artístico do CTG Querência da Fronteira, outros participaram do passeio ciclístico realizado nas estradas argentinas, e alguns da cavalgada que percorreu caminhos antecipadamente marcados, que atravessaram diversas vezes a fronteira e retornaram ao local da festa. O que percebi é que San Antonio está mais voltado às questões artísticas e culturais por meio da organização das escolas do que Santo Antonio do Sudoeste. Sendo que, “a educação trava uma relação dialética com a cultura. Desta forma a nossa ciência educativa não poderia sobrepor-se à realidade contextual nossa” (FREIRE, 1963, p. 11). Nesse sentido, cada escola segue o seu modelo, dos padrões culturais e das escolhas pedagógicas identificadas nas instituições escolares. A participação do evento travou diálogos que foram além do expressar-se em português entre os visitantes do evento das duas localidades, mas mostrou as vivências de cada comunidade por meio da organização em torno dos grupos culturais e artísticos, bem como das escolas presentes.

Segundo Freire (1979) o homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos, na medida em que essa passa a ser melhor compreendida, novas hipóteses são levantadas sobre o desafio dessa realidade e novas soluções podem ser buscadas. O homem termina por criar um mundo próprio a partir da realidade circundante, de sua cultura.

Conforme Ata Número 02 do Comitê de Fronteira para realização das festividades do Dia da Amizade, o Secretário de Administração Municipal de Santo Antonio do Sudoeste, disse: “vamos organizar Feiras de Artesanato, Comércio Bilateral (questão de alimentação típica e bebidas), na cultura, (literatura, danças e shows musicais) e na Educação, (o resgate histórico e científico e de preservação de nossas riquezas naturais, além da integração bilíngue)”. A fase sugere ações empreendidas pelas municipalidades com a finalidade de demarcar a interação entre as localidades.

Durante as realizações das atividades na celebração do Dia da Amizade, as propostas do secretário foram além de suas expectativas pois teve a participação de entidades como o Lions Clube, Rotary Clube, CTG, APAE, Associação dos Artesãos, Grupo dos Escoteiros de San Antonio, ASABEM-Instituto de Bem Estar ao Menor Santoantoniense, Associação Comercial e Empresarial de ambas as localidades, e funcionários das duas municipalidades, todos envolvidos com as atividades inerentes a cada grupo de trabalho. O grupo de motoqueiros Tatetos da Fronteira, e o clube dos Jipeiros, auxiliaram na organização do passeio de ciclismo e cavalgada. Os participantes do Comitê de Fronteira deram suporte na organização dos dias que antecederam a realização do Dia da Amizade bem como na data que culminou com a festa.

Ainda conforme a Ata Número 02, sobre a organização do Dia da Amizade, o senhor Clodomir Fiorentin, Secretário Administrativo, insistiu em dizer que, “é necessário à abertura do Porto Alfandegário, criar um encontro de reconhecimento internacional, unir todas as forças policiais e aduaneiras, educacionais, governamentais e de segurança.” Ainda na Ata Número 02 do Comitê de Fronteira está lavrado o seguinte:

O Prefeito Ricardo Ortiña e o coordenador Fiorentin, confirmaram que a regulamentação de reconhecimento de cidades gêmeas está em trâmite em Brasília e que há possibilidade de até o Dia 30 de Novembro, as autoridades do Consulado estarem oficializando com presença de representantes no evento e posterior a isso, o reconhecimento e criação dessa referência e usufruto do fronteiroço.

Nesse contexto é possível afirmar que o hibridismo está sendo oficializado entre as duas localidades, e conforme Hall (2000), o hibridismo não é um processo que traz ao sujeito a sensação de completude ao dialogar com outras culturas, pelo contrário, é o momento em que ele percebe que sua identidade está sempre sendo revisada, ressignificada e reconstruída, num movimento contínuo de apropriação e diferenciação para com o outro sujeito, e permanece sua incerteza sobre qual matriz cultural mais o representa.

O que a Festa do Dia da Amizade representou para o povo que vive nas imediações do Rio Santo Antonio? Ou quem sabe deva reformular a pergunta. Os fronteiroços das margens do Santo Antonio, participaram da festa? Qual o significado de tal festa, de tal acontecimento para eles, diante das necessidades, das dificuldades e dos problemas do cotidiano? Se é o fronteiroço que de fato realiza o hibridismo, se identifica com o outro que mantém os mesmos costumes, apenas em pátria diferente, há necessidade de as autoridades oficializar publicamente as relações de hibridismo e atividades culturais?

A quem diga que, o Dia da Amizade estreitou os laços entre os fronteiroços de Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio, e que foi possível perceber a grande participação de cidadãos fronteiroços, no ano de 2015 nas ações entre as duas localidades, se comparada com os anos anteriores. Nesse último período, foi realizada a limpeza do rio Santo Antonio, e o plantio de mudas de árvores nativas nas duas margens. Participaram, líderes comunitários, estudantes, e pessoas de ambas as comunidades, com aproximadamente 200 voluntários. Tal iniciativa contou com a cobertura de TVs, rádios e jornais regionais.

Nessa atividade, aparece a participação de diversas escolas convidadas pelas duas administrações públicas. Estudantes e professores argentinos e brasileiros se misturaram aos demais voluntários para dar cabo da atividade proposta pelas autoridades políticas. As diferenças do idioma dos voluntários, dos sotaques dos comunicadores de rádio de ambas as comunidades,

o formato e as marcas dos instrumentos de catação do lixo, como arpões, sacolões, caminhões com caçamba, utilitários e uma carroça puxada a cavalo, não impossibilitou as atividades. Assim, mais do que um conjunto de valores que devem ser preservados na sociedade, a cultura tem hoje a conotação de “[...] um trabalho que deve ser realizado em toda a extensão da vida social” (CERTEAU, 1995, p. 10).

Após conversar com participantes do trabalho voluntário, tanto brasileiros como argentinos, percebi que não estavam lá em nome da nacionalidade, da cor das bandeiras. Para eles parecia não importar em que margem do rio viviam. Apesar de o voluntariado dentro do Comitê de Fronteira, não defender bandeiras políticas ou ideológicas, seus membros reconhecem que os poderes públicos constituídos possuem papel fundamental na coordenação de certas atividades para o desenvolvimento local. Quando os grupos são de nacionalidades diferentes, para Sato (1999), tais grupos envolvidos, apresentam dois aspectos principais: a harmonia, devido a interesses semelhantes comuns e compartilhados, e o conflito em que apresentam interesses diferentes e contraditórios. Tal situação se apresenta na explanação do Secretário de Administração Municipal, Clodomir Fiorentin, conforme Ata Número 02 que trata da organização do Dia da Amizade, quando lembrou o que foi acordado no dia treze de agosto de 2014 na Ata número 01 em que diz:

Aos Treze dias do mês de Agosto, do ano de dois mil e quatorze, às nove horas da manhã, no Salon de Situaciones- H.C.D. – Municipalidad de San Antonio – Misiones - Argentina, aconteceu um encontro envolvendo lideranças das Nações: Brasil e Argentina, entre os municípios de Santo Antonio do Sudoeste–Paraná e San Antonio–Misiones, estabelecendo um diálogo pró-desenvolvimento integrado e sustentável na territorialidade dessas duas comunidades.

Nessa reunião foi confirmada a realização dos trabalhos na organização do evento pelas duas comunidades em que o Secretário Municipal de Santo Antonio do Sudoeste declarou,

[...] os trabalhos apresentados já estão tomando corpo, num ritmo avançado, em que a convergência de atividades está sob uma única bandeira de integração pela amizade e cooperação, deverá estar expondo o referencial desta territorialidade amiga e vizinha, visando o desenvolvimento sócio econômico e cultural com sustentabilidade e valorização da diversidade humana, em ações conjuntas.

A “harmonia” entre os elementos dos grupos, se faz necessária para que se leve a cabo as atividades propostas pelo grupo reunido pela segunda vez em quinze dias, ao que o Secretario da Intendencia de San Antonio, Pedro Amarilla, disse “que já fizeram encontros com as equipes de educação, esporte e turismo e estão finalizando o planejamento dos trabalhos”. A intenção era

trabalhar para que o evento tivesse êxito. Sato (1999) ressalta que o que faz a organização é a interação entre as pessoas e o voluntariado é uma forma das pessoas aprenderem sobre a realidade social e seu potencial como cidadãos ativos. Na organização do evento, participei da equipe de cultura do Comitê de Fronteira que decidiu organizar um livro bilíngue, com os escritores e poetas populares das duas localidades para apresentar as produções literárias em um estande na festa do Dia da Amizade. A tensão foi sentida de imediato, pois os colegas de San Antonio tiveram dificuldades com os cortes de luz, ficaram sem contato com os membros do grupo de Santo Antonio do Sudoeste, caía o sinal da internet para enviar os textos, nem todos os elementos do grupo de San Antonio tinham celular com chips das operadoras brasileiras e vice-versa. O tempo passava e a diagramação e correção, bem como a montagem do protótipo para levar à gráfica estava atrasada. E uma das últimas dificuldades foi chegar ao consenso do nome do livro. Entre muitas sugestões foi escolhido: “San y Santo: Dois Antonios Ilógicos”.

Para Hamdorf (2003), os encontros interculturais facilmente dão origem a mal entendidos e comportamentos involuntariamente ofensivos, resultando em conflitos interculturais. As pessoas tendem a interpretar as ações do outro segundo suas próprias normas culturais. Esses conflitos afetam o bem estar e, geram estresse, perda de autoconfiança, segurança na própria competência e o aumento de preconceitos e estereótipos.

Entretanto, apesar das diferenças, e obstáculos encontrados na realização do trabalho, ficou a experiência da convivência, de compartilhar ideias, de discutir possibilidades respeitando e aprendendo com a diversidade do grupo.

As palavras de Freitas (2008) reconhecem os avanços na sociedade internacional com a convivência intercultural. Também identifica as dificuldades e conflitos gerados por essa convivência. As palavras proferidas pelo secretário de administração municipal de San Antonio senhor Pedro Amarilla, reflete a participação dos segmentos de ambas as localidades na Ata Número 01/2014 da organização do Dia da Amizade,

O Secretário de Administração, Pedro Amarilla, do município anfitrião, fez a recepção aos convidados, dando as boas vindas, reforçando que são duas bandeiras, duas comunidades que estão presentes alinhadas e amigas e agradecendo aos representantes e autoridades de governos, instituições das comunidades bilaterais em que compareceram e se fizeram representar: Prefeitos, secretários municipais, associações comerciais, educacionais, esportivas, de segurança: civil, militar, de fronteira e de serviços, demonstrando com a presença maciça, o pronto interesse de desenvolver ações e estímulos para fortalecer o Mercosul, com laços de amizade e integração de objetivos comuns.

Cabe aqui perguntar, “fortalecer o Mercosul”, em que sentido ou por onde começar? Se as cancelas do Posto da Receita Federal são baixadas às 18:h bem como as do Posto Fiscal da Aduana de San Antonio para todos os moradores que queiram passar de veículos? Se todos os dias os trabalhadores precisam apresentar o Documento Nacional de Identificação para quem vive em San Antonio, ou Carteira de Identidade para quem reside em Santo Antonio do Sudoeste? A quem os poderes constituídos querem vigiar? Os sujeitos fronteiriços que se transformam em autoridades através de concursos ou de nomeações e passam a ter controle sobre a vida dos próprios amigos, vizinhos e pessoas destas comunidades, estão a serviço de quem? O Comitê de Fronteira serve a quem? Todos os participantes do Comitê de Fronteira trabalham como voluntariados em prol das duas municipalidades?

Apesar de a ditadura militar ter encerrado seu modelo de punições, ainda é possível senti-la, pois apesar do acordo do MERCOSUL, os moradores desta fronteira no que se refere aos controles migratórios, devido a falta de legislação apropriada a esta zona fronteiriça ainda vivem como na década de 1960 quando da chegada do Senhor Benitez que me contou em sua entrevista que,

En 1969 era todo impuesto por las fuerzas armadas, tanto en la Argentina cuanto em Brasil, la política de frontera era muy cerrada, porque nos inculcaban esa idea de invasión, de guerra y de conflictos de un país con otro. Entonces nosotros pensábamos que de cierta manera teníamos el enemigo cerca, que el vecino de fondo era nuestro enemigo, y del otro lado lo mismo pensaban de nosotros (entrevista em 16/05/2015).

Nestas localidades não se vêem mais as marcas nos corpos das pessoas como na ditadura militar. Conforme retratou o entrevistado Elizandro Marcos Pellin, “os brasileiros que entravam na Argentina para morar e cultivar a terra, aqui na fronteira, eram expulsos a pau” (entrevista em 03/04/2015).

Também o depoente Paulo Ricardo dos Santos disse, “os policiais que viveram aqui na ditadura militar, pensavam ser a lei, e que a lei estava na ponta da botina, na ponta do coturno, que resolvia-se as coisas no grito, no empurrão” (entrevista em 20/11/2014). Mas atualmente o que fazem para os fronteiriços é o que Foucault (1987, p. 15) deixou escrito, “não tocar mais no corpo, ou o mínimo possível, para atingir nele algo que não é o corpo propriamente”.

Mas porque os “dispositivos” do estado dificultam a vida dos fronteiriços, no que se refere a abertura da aduana, apesar das tentativas conjuntas entre ambas as municipalidades? Será a falta de representatividade política ou pouco conhecimento da população fronteiriça no que tange seus direitos?

Nesse contexto, torna-se importante o que escreveu Semprini (1999, p. 46) “a escola é uma instância libertadora do indivíduo, pois após tê-lo liberado dos laços sociais, ela liberta sua mente e o transforma em um homem livre e responsável”. A antiga imposição de formas de vida e de produção cultural é substituída pela forma da negociação. O que poderá ser inovado e re (inaugurado) nas aprendizagens informais, muitas vezes ocultas aos olhos dos sujeitos. Segundo Forquin (1993) a cultura é assim compreendida, como herança coletiva, patrimônio intelectual e espiritual e não se encontra apenas dentro das fronteiras das nações ou dos limites das comunidades.

Sobre o mesmo tema Certeau (1995) escreve que cada vez mais, a cultura está nas mãos do poder. Entretanto, aprendi, com esse mesmo autor, que a cultura no singular é mortífera e ameaça a criação e a invenção. Ele complementa ainda, que quanto mais a economia se unifica, mais a cultura deve diversificar-se, pois ela é uma prática significativa, que não consiste em receber pronto, mas em fabricar tudo o que é oferecido ao povo para viver, pensar e sonhar. Toda cultura, requer, portanto, uma ação, um modo de apropriação, uma transformação pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações deste trabalho giram em torno da tríade que pontuei desde o início do texto, fomentado por várias fontes com a intenção de dar conta minimamente das problemáticas levantadas acerca do hibridismo, identidade e memória no limiar da fronteira entre San Antonio na Argentina e Santo Antonio do Sudoeste no Brasil.

Partindo das leituras ao longo da pesquisa e escrituração percebi que a identidade, construída no local investigado, tem influência da globalização, e os sujeitos consomem as tendências atribuídas pelos grandes grupos do mercado mundial por meio das mídias que ditam os padrões sociais, e que pode levar à “crise de identidade” (Hall, 2006), a qual pode ser originada nas identidades globalizadas, que massificam as culturas e entram em choque com as identidades locais. Nesse sentido penso, que também constitui o cotidiano dos entrevistados e populares com os quais convivi, as incertezas e questionamentos que constatei ao investigar a identidade na fronteira. Além do mais, através da relação com diversos grupos, com estudantes, professores, líderes de bairros, associações filantrópicas e outros, pude perceber que estes, enquanto moradores desta fronteira, buscam autoafirmar-se em um movimento identitário constante.

Conforme Hall (2006), os processos de mudanças, realizados de forma conjunta, representam um procedimento de transformação essencial e abrangente. Para o autor, a identidade se torna indagação no momento que os sujeitos são chamados a dizer quem são. Neste processo, desfaz-se as imagens da identidade fixa, imóvel, coerente, e se compõe texto pontilhado de incertezas e dúvidas.

Sendo assim, lembro das pessoas com quem conversei antes e durante a pesquisa, e que questionavam: “o que nos representa? o que nos define enquanto fronteiriços?”

Concluí que o fronteiriço identifica-se com as diferenças, e a possibilidade de conviver em meio a tais situações, de aprender com a gama de diversidades que fazem parte do cotidiano. As diferenças existem desde a chegada dos primeiros habitantes, os quais não eram castelhanos, nem mesmo brasileiros, e sim paraguaios.

No percurso da pesquisa notei que tais fronteiriços, gostariam de se agarrar a um objeto identitário palpável, para expressar quem são. Por exemplo, um objeto de memória, ou monumento de memória, o que para Le Goff (2002), o primeiro se traduz em fotografias, roupas de determinada época, quadros de arte, adornos, residências antigas, objetos de uso pessoal que retratam um período vivido por um grupo de pessoas, ou seus familiares e possuem uma conotação sentimental entre um objeto e o usuário. Ainda para o mesmo autor, os monumentos

de memória, poderão ser: árvores antigas, estradas, cemitérios, armas, arreios de animais, instrumentos de trabalho, escolas desativadas, instrumentos de trabalho, afinal, uma gama de materiais que o homem utiliza para a produção, manutenção e realização das atividades domésticas e sociais no período em que vive.

Ao transitar nos locais de pesquisa os dois monumentos em homenagem ao Dia da Amizade, deixam transparecer a identidade híbrida e a identificação entre as duas localidades na povoação de San Antonio e Santo Antonio do Sudoeste.

As palavras a seguir estão escritas no obelisco construído nas proximidades do rio Santo Antonio, a alguns metros da ponte que o transpõe, e diz o seguinte: “Crecimos escuchando el murmullo del mismo rio, jugamos con el mismo color de tierra. Compartimos el mejor lugar para vivir, somos: De la frontera con Brasil.” O Outro construído na praça central de San Antonio diz o mesmo em português: “Crescemos escutando o murmúrio do mesmo rio, jogamos na mesma cor da terra. Comungamos o melhor lugar para viver, somos: Da fronteira com a Argentina”.

Os monumentos em homenagem ao Dia da Amizade entre Brasil e Argentina, sugere a maneira como os habitantes de Santo Antonio do Sudoeste e San Antonio se relacionam ao longo do tempo. Pelas duas inscrições nos obeliscos, é possível sentir que a identidade das duas localidades, necessitam da alteridade uma da outra para se constituir. A terra vermelha não desbota, não muda de cor ao ser atravessada pelo Rio Santo Antonio, como as relações entre os moradores, marcadas pela dualidade.

Neste cenário fronteiriço tudo se mistura no movimento do ir e vir diário, nas informações em portunhol, no câmbio negro que oscila nas mãos dos cambistas, comerciantes, e vendedores ambulantes. Nas placas dos carros com números e letras diferentes cruzando o posto fiscal e a ponte, as palavras escritas em português nas placas informativas de um lado do rio, e em castelhano no outro.

A memória latente nos entrevistados e populares, ajudam a delinear linha tênue entre o passado e o presente, entre os acontecimentos históricos da fronteira, e a memória narrada.

Se os silêncios persistem, se o tecido narrativo parece esgarçado, não é pela ausência de interação, mas pela sua profusão. As falas e depoimentos registrados por meio de entrevistas narrativas demonstraram que a memória nestas localidades, influencia na constituição da identidade. Pollak (1992, p. 200) corrobora tal constatação quando afirma

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo na

reconstrução de si. A memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais.

O material coletado indica que o fronteiriço faz questão de reconhecer-se como sujeito narrativo: como vieram os seus para a região; explicam o que plantaram ao chegar, como construíram suas moradias, como iam buscar ajuda médica quando os unguentos de banha de porco, cebo de ovelha e ervas não eram o suficiente para devolver a saúde a pessoa de seu convívio. Relataram ainda, como era enfrentar o sertão para se deslocar até Posadas, Marcelino Ramos no Rio Grande do Sul, no lombo dos cavalos, ou de carroça para União da Vitória, contaram que as estradas eram estreitas, espécie de “picadões” alargados. Tais indicações reforçam a ideia de que as narrativas partilhadas compõem um repertório cultural do grupo.

Jacques Le Goff (2003, p. 467), alega que a história se relaciona com a memória coletiva a partir dos “níveis em que o individual se enraíza no social e no coletivo (linguística, demografia, economia, biologia, cultura)”, como também ao estudar os

lugares da memória coletiva [...]: Lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios ou as arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações.

O objetivo de entender o cotidiano das pessoas nas duas localidades desta fronteira, me fez perceber que esse limite não é simples de ser entendido como define a história oficial. A fronteira não é somente demarcação de espaços territoriais, linhas divisórias entre as duas nações, compreendê-la envolve procurar sentidos assumidos pelos viventes das localidades. Neste sentido, o conceito é movediço, e adentrar neste terreno exige que o pesquisador coloque sobre rasura representações que, como morador do lugar, partilhava com os demais. Em tais movimentos, foi necessário estranhar e desnaturalizar as percepções do que significava ser fronteiriço.

Neste contexto é conveniente demarcar que estudar esta fronteira se assemelhou a caminhar dentre os piques em que a cada bifurcação novos caminhos se apresentam. Nesta percepção, a fronteira é lugar dos encontros e desencontros; da proximidade e da lonjura; do conhecido e do desconhecido; da dificuldade e da facilidade; das idas e vindas. Enfim, do trânsito, do movimento que gera movimento. Há, pois multiplicidade de significados que poderiam ser agregados a tal acepção: fronteiras culturais, fronteiras étnicas, fronteiras de trabalho, fronteiras

de crime, fronteiras territoriais, fronteiras matrimoniais, fronteiras políticas, que poderíamos sintetizar afirmando sua estrutura complexa e fractal.

O significado de fronteira muda de sujeito para sujeito, de um grupo para outro. Sobre a questão Pesavento (2002, p. 35) afirma as dimensões simbólicas dos limites que atuam na representação da realidade, na forma como cada sujeito vivencia a sociedade, o grupo e a cultura,

Sabemos todos que as fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são sobretudo simbólicas. São marcos, sim, mas sobretudo de referência mental que guiam a percepção da realidade. Neste sentido, são produtos dessa capacidade mágica de representar o mundo por um mundo paralelo de sinais por meio do qual os homens percebem e qualificam a si próprios, ao corpo social, ao espaço e ao próprio tempo. Referimo-nos ao imaginário, este sistema de representações coletivas que atribui significado ao real e que pauta os valores e a conduta. Dessa forma, as fronteiras são, sobretudo, culturais, ou seja, são construções de sentido, fazendo parte do jogo social das representações que estabelece classificações, hierarquias, limites, guiando o olhar e a apreciação sobre o mundo.

A fronteira como fator de representação da realidade produz sentidos culturais que estabelecem limites de ordem hierárquica, classificações sociais que direcionam ou guiam as construções identitárias. Ainda, para a autora, as fronteiras invisíveis e simbólicas são, em última análise, sentidos culturais, formas de representação da realidade.

No decorrer do trabalho fiquei atenta, a voz dos entrevistados, e sobretudo ao que deixaram transparecer nos discursos e na expressão corporal dos narradores.

Entender e conhecer a gama de ações culturais decorrentes da transitoriedade fronteira implica em alterações ou adequações identitárias. Afinal a identidade está fragmentada neste espaço fronteiro, é híbrida e está envolta em jogo permanente de embates e conciliações.

Diante dos resultados da investigação questiono: o que, com quem, e como, permanece os “resquícios do vivido” sobre a terra vermelha que dá base para a circulação dos fronteiros entre as localidades, e transforma-se num elemento identitário para quem aqui vive?

Que tipo e de quem são as vozes, que se renovam junto ao murmúrio das águas do Santo Antonio, que correm apressadas como para acompanhar as inovações de um tempo que chega com seus modismos, tecnologias e desafios? O momento atual deixará possibilidades para a evocação da memória dos habitantes das duas localidades?

Concluo a investigação ampliando os questionamentos iniciais pois o ambiente pesquisado demanda aprofundamento nas investigações. Apresentei as nuances que consegui visualizar, mas há todo um campo de possibilidades que se insinuam para trabalhos posteriores.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Junior Benjamin. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais**. Editora SENAC. São Paulo. 2002.

ALVES, Nilda; GARCIA, Regina L. (Org.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ANSARA, Soraia. **Memória Política, Repressão e Ditadura no Brasil**. Curitiba: Juruá. 2008.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução de Maria Lucia Pereira – Campinas, SP. Papyrus. 1994.

AULETE, Caldas. **Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa/Caldas Aulete**: [organizador Paulo Geiger]. Rio de Janeiro. Lexikon. 2011. 1488p.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG. 1998.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte. Editora UFMG. 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro. Zahar. 1998.

BARTH, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

BEIVIDAS, W. **Semiótica e psicanálise: o gerativo e o genético**. In: PINO, D. **Semiótica: olhares**. Porto Alegre: Edipucrs, 2000b. p.33-43.

BELLUZZO, Rosa; HECK, M. **Cozinha dos imigrantes. Memórias e receitas**. São Paulo. Melhoramentos, 1999.

BONAMIGO, Carlos Antonio; SCHNEIDER, Claídes Rejane. **Revisitando a História: a revolta dos posseiros de 1957 no Sudoeste do Paraná**. Francisco Beltrão: Grafisul Gráfica e Editora Ltda. 2007. 328p.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo. Companhia das Letras. 1998.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo. 1ª. Ed. Ateliê Editorial, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Decreto nº 04, de 16 de novembro de 2004. **Institui o Dia da Amizade Argentino-Brasileira**. Diário Oficial, Brasília, DF, 16 nov. 2004.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp. 1992.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. Editora UNISINOS. São Leopoldo. 2003.

CAMBLONG, Ana. **¿Dónde Queda Allá Ité?** Revista N. 27/05/2006. Buenos Aires.

CASMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. Tradução: Dinah Kleve. São Paulo. Summus, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CERTEAU, Michel. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes do fazer**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 12. ed. 6. impressão. São Paulo: Ed. Ática, 2002.

Coimbra, Cecília M. B. (2001). **Operação Rio: o mito das classes perigosas**. Niterói, RJ: Intertexto/Oficina do Autor.

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Campinas. SP: Mercado de Letras, 2007.

DAMBROS, Vanderlei. **Antecedentes históricos: índios e brancos.** IN_A revolta dos colonos (1957- 1997). Francisco Beltrão. GRAFIT. 1997.

DAVALLON, Jean. **Papel da Memória.** Pontes Editores. São Paulo. 1999.

FERREIRA, Ademir Pacelli. **O migrante na rede do outro.** Ensaios sobre alteridade e subjetividade. Rio de Janeiro: Te Corá, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GRAGOATÁ. **Revista do Programa de Pós Graduação em Letras, Literatura, História e Memória.** Editora da Universidade Fluminense. Rio de Janeiro. 1999.

GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo. **Os índios do Descobrimento: tradição e turismo.** Rio de Janeiro: Contra Capa, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução, Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. DU GAY, Paul; In: Doing Cultural Studies: The History of the Sony Walkmann. London: SAGE. Publications. 1997.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela Memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano. 2000.

ELIAS, Norbert. **El Proceso de la Civilización.** Investigaciones Sociogenéticas y Psicogenéticas. México: Fondo de Cultura Económica. 1989.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin.** São Paulo: Ática. 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Editora 34, 2006.

FREITAS, Maria Ester. **O imperativo intercultural na vida e na gestão contemporânea.** Organizações & Sociedade. Editora da Universidade de São Paulo. 2008.

GEERTZ, Clifford, 1926-**A interpretação das culturas** / Clifford Geertz. - 1.ed., IS.reimpr. - Rio de Janeiro : LTC, 2008. 323 p.

GREEN, André. **Sobre a Loucura Pessoal**. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: as perspectivas dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, DP&A Editora. 102 páginas, tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro). Rio de Janeiro. 2006.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2011.

JORNAL Impacto On Line. Disponível em: <https://www.facebook.com/JornalImpactoOnline>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2016.

JOVCHELOVITCH Sandra, Martin Bauer. **Entrevista narrativa**. In: Bauer M, Gaskell G, editores. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Editora Vozes; 2002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial. 2001.

KUSCH, Rodolfo. **América Profunda**. 1986. 3ª. Ed. Argentina.

LARAIA, Roque. **Cultura, um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. 2001.

LAZIER, Hermógenes. **Revolta de posseiros e não de colonos**. *Jornal de Beltrão*. Francisco Beltrão. 18, maio, 2007.

MAFFESOLI, Michel. **A Sombra de Dionísio**. Contribuição a uma sociologia da orgia. Rio de Janeiro. Graal. 1985.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis. RJ: Vozes, 1998.

MAFFESOLI, Michel. **A Parte do Diabo**. Tradução de Clóvis Marques. Editora Record. Rio de Janeiro. São Paulo. 2004.

MARI, Marilce. **No Silêncio da Fronteira**. RIAGRAF. Santo Antonio do Sudoeste. 2002.

MARQUES, Sonia Maria dos Santos. **Pedagogia de estar-junto: éticas e estéticas no Bairro de São Sebastião do Rocio**. 2008. 206 p. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2008.

MARTINS, João Roberto. **O Movimento Estudantil da Ditadura Militar**. 1964-1968. Campinas, Papiros. 1981.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2009.

MORAES, Manoel Pereira. **Álbum Fotorevista Municipal**. Tipografia Santa Cruz. Curitiba-PR, 1974.

MORAN, José Manuel. **Como ver televisão – Leitura crítica dos meios de comunicação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

NOVARRO, Marcos; PALERMO, Vicente. **A Ditadura Militar Argentina 1976-1983: Do Golpe de Estado à Restauração Democrática**. Tradução Alexandra de Mello e Silva – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

NUNES, João Arriscado. **Fronteiras, hibridismo e mediatização: os novos territórios da cultura**. IN: Revista de Ciências Sociais, n.45, maio de 1996, p.35-71.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Identidade lingüística escolar**. In: *Lingua(gem) e identidade*. SIGNORINI, Inês (org.) Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

Paoli, Maria Celia. (1992). **Memória História e Cidadania: O Direito ao Passado**. Em Maria Clementina Pereira Cunha (Org.). *O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania* (pp. 25-28). São Paulo: Departamento Patrimônio Histórico.

PERAL, Castilleron Silvia. **El día que me volvi invisible**. CONACULTA. México. 2002.

PERRONE, Cláudia. (2002). **Políticas de Memória e do esquecimento: as ruínas do sentido**. Em Cristina Rauter, Eduardo Passos, & Regina Benevides (Orgs.), *Clínica e Política: Subjetividade e Violação dos Direitos Humanos*(pp. 101-110). Equipe Clínico-grupal. Grupo Tortura Nunca Mais – RJ. Rio de Janeiro: Instituto Franco Basaglia/Editora Te Cora.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Além das Fronteiras**. IN: Martins, Maria Helena (Org.) *Fronteiras Culturais. Brasil-Uruguaí-Argentina*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

PESSOA, Fernando. **Poesias Coligidas**. Editora Nova Fronteira. 2004. POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n. 10, 1992.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. Traduzido por: Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

RANCIÈRE, Jacques. (1996b). **O Dissenso**. Em Adauto Novaes (Org.). *A Crise da Razão*(pp. 367-382). São Paulo: Minc – Funarte. Cia. das Letras.

REIS, A. F. dos; MÜLLER, R. C. de O. **A retórica da perda da identidade cultural e a globalização**. ÁGORA. Campo Grande, v.1, n. 4, 2005. Disponível em: www.fes.br/revistas/agora/ojs. Acesso em 30/12/2015.

RELLI, Cleber de Souza. **A disparidade tecnológica na região fronteira**. São y Santo. Dois Antonios Ilógicos... Editora Sonho Cigano. Santo Antonio do Sudoeste. 2014.

RICCOEUR, Paul. (2003). **La memória, la historia, el olvido**. Madrid: Trota.

Sato, Leny. **O processo de construção de organizações cooperativas**. Ática. São Paulo. 1999.

SANTOS, Milton. **Por uma globalização: do pensamento único a consciência universal**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Record. 2000.

SCARABOTTO, Ivonete Zanini. **Questão Sócio-Ambiental e desenvolvimento regional**. Santo Antonio do Sudoeste. GRAFIT. 2007.

SEIXAS, Jaci Alves de. **Percursos de Memórias em Terras de História:** Problemáticas Atuais. IN: BRESCINI, Stella; NAYARA, Marcia (orgs.). Memória e (Res) Sentimento: Indagações sobre uma questão sensível. Campinas: UNICAMP, 2004.

SIGNORINI, Inês. **Figuras e modelos contemporâneos de subjetividade.** In: Língua(gem) e identidade. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e identidade:** elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado das Letras. Fapesp.1998.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença:** perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes. 2009.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença:** uma introdução teórica e conceitual. In. SILVA, Tomaz Tadeu da. (org) Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZAGURY, Eliane. **A Escrita do Eu.** Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.1982.